

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL  
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis  
COORDENAÇÃO

António Pedro Lopes  
de Mendonça

# MEMÓRIAS DUM DOIDO

Helena Carvalhão Buescu

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA  
INTRODUÇÃO

*O amor fora para Maurício uma revelação.  
De um banco do teatro vira um dia num  
camarote uma donzela vestida de branco  
e que realizara num relance todas as vagas  
ideias que ele formava de uma formosura  
angélica e inocente.*





BIBLIOTECA FUNDAMENTAL  
DA LITERATURA PORTUGUESA

# MEMÓRIAS DUM DOIDO

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



BIBLIOTECA FUNDAMENTAL  
DA LITERATURA PORTUGUESA

**Carlos Reis**  
COORDENAÇÃO

**António Pedro Lopes  
de Mendonça**

# MEMÓRIAS DUM DOIDO

**Helena Carvalhão Buescu**

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA  
INTRODUÇÃO

**Imprensa Nacional**  
é a marca editorial da **INCM**

**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S.A.**  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[impresanacional.pt](http://impresanacional.pt)  
[loja.incm.pt](http://loja.incm.pt)  
[facebook.com/ImprensaNacional](https://facebook.com/ImprensaNacional)  
[instagram.com/impresanacional.pt](https://instagram.com/impresanacional.pt)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

**Reservados todos os direitos**  
**de acordo com a legislação em vigor**  
© 2023, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**As obras da BFLP observam**  
**o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**

**Título**  
**Memórias dum Doido**

**Autor**  
**António Pedro Lopes de Mendonça**

**Coordenação da coleção**  
**Carlos Reis**

**Edição**  
**Afonso Reis Cabral**

**Revisão**  
**Tiago Marques**

A Imprensa Nacional agradece à editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Sérgio Nazar David e a Julianna Bonfim, que gentilmente cederam o texto para esta edição (ref.ª bibliográfica: António Pedro Lopes de Mendonça, *Memórias dum Doido*, nota biobibliográfica e introdução de Helena Carvalhão Buescu, edição crítica de Julianna Bonfim e Sérgio Nazar David, 1.ª ed., Rio de Janeiro, EdUERJ, 2022).

**Publicado em agosto de 2023**

**Depósito legal**  
**517 495/23**  
**ISBN**

**978-972-27-2896-6**

**Edição n.º**  
**1024621**

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

## Nota prévia

### Carlos Reis

A publicação de *Memórias dum Doido*, de António Pedro Lopes de Mendonça, nesta Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa justifica-se por várias razões que vale a pena sublinhar. Dizem respeito essas razões ao lugar que Lopes de Mendonça ocupa na história literária portuguesa, bem como aos propósitos e ao formato que são os desta série editorial: neste segundo aspeto, lembrar-se-á apenas que está aqui em causa um intuito de divulgação de textos que ajudam a formar uma parte relevante do nosso património cultural, assim se disponibilizando obras às vezes dificilmente acessíveis a um público que se deseja alargado. Não impede isto que se reconheça a valia da edição levada a cabo por José-Augusto França, nesta mesma casa editorial, há cerca de três décadas, edição que exumou de um esquecimento já longo um romance que apenas conhecera uma edição depois da morte do autor.

A primeira razão para esta publicação assenta, então, no significado que atribuímos ao livro de António Pedro Lopes de Mendonça na evolução da literatura portuguesa oitocentista, significado indissociável da sua génese como folhetim aparecido nas páginas da influente *Revista Universal Lisbonense*. Disto mesmo e de muito mais trata a cuidada introdução de Helena Carvalhão

Buescu que aqui se encontra, acompanhada por uma pormenorizada nota biobibliográfica; é esta que nos permite acompanhar os passos da vida de um escritor que a não teve fácil e que, desdobrada por intensa actividade pública, acabou por morrer jovem e demente.

Já se disse e a introdução a este volume ilustra-o de forma bem expressiva: o romance *Memórias dum Doido* constitui, na sua primeira aparição (de 1849-50), um contributo importante para a consolidação de uma prática editorial que, em diversas modulações temáticas, ocupou um lugar central na nossa história cultural, desde a década de 40 do século XIX. O folheto de imprensa, que tão importante foi para a afirmação de alguns dos nossos mais destacados escritores, resultou do crescimento e até do aperfeiçoamento da imprensa portuguesa, em diversos formatos e regimes de publicação; o que não pode ser separado, como é óbvio, da emergência de um público cada vez mais alargado (um público que, no dizer de Eça, veio substituir o leitor, enquanto entidade isolada e individualizada), dos ainda assim tímidos avanços em matéria de alfabetização e mesmo da entrada das mulheres na cena das práticas culturais de então.

É neste contexto cultural e comunicativo que se insere a história de Maurício, herói de *Memórias dum Doido*. Sendo este ainda uma personagem com as marcas, com os gestos e com os impulsos próprios de uma figura romântica, ele é também o protagonista de um trajeto pessoal em que vamos surpreendendo componentes da vida social, bem reveladores da progressiva atenção que a literatura ia concedendo ao *contemporâneo*, como tema e como motivo. Justamente: trabalhando para instituir em Portugal um *romance contemporâneo* que preparava os alicerces do realismo por vir, Lopes de Mendonça, com a espontânea inocência doutrinária própria desses anos de iniciação, declara, no capítulo de abertura de *Memórias dum Doido*: «O romance é como um espelho, não diremos um espelho de rara fidelidade, onde a sociedade, mirando-se e reconhecendo-se, vê a realidade ornada com todos os prestígios da poesia e, ao mesmo tempo,

as paixões e os desejos que a acometem, purificados e absolvidos por um esforço de imaginação.»

Alguma água havia de passar ainda debaixo das pontes da literatura portuguesa, até que se estabelecesse entre nós o romance de análise social que as lições balzaquiana e flaubertiana ajudaram a depurar. Mas é já isso que se anuncia em *Memórias dum Doido*. Tendo saído da pena de quem, além de romancista, foi ainda cronista, dramaturgo, ensaísta, difusor do ideário socialista em Portugal e também dândi vistoso, *Memórias dum Doido* é um romance que merece ser lido; e isto mesmo sabendo-se que as circunstâncias de uma vida intensamente vivida e de uma morte prematura não permitiram que António Pedro Lopes de Mendonça (um *filho do século*, como então se dizia) aprofundasse um talento literário que em grande parte ficou por cumprir.



## Nota biobibliográfica

### Helena Carvalhão Buescu

António Pedro Lopes de Mendonça nasceu em Lisboa em 1826 e faleceu, louco, em 1865, também em Lisboa, no hospital de Rilhafoles, onde fora internado em 1860. Não tinha ainda 40 anos à data da sua morte, mas era tido pelos seus contemporâneos como um homem de letras e de ação, conhecido pela sua estatura intelectual, pelas realizações literárias, pelo seu ímpeto político e público, e por ter contribuído de forma decisiva para a renovação do romance português, no alvor da década de 1850, bem como para a entrada da prática folhetinesca nos hábitos literários de escritores e leitores em Portugal. «Mestre do folhetim em Portugal», assim se lhe refere outro grande folhetinista, alguns anos mais novo do que ele, Júlio César Machado.

Nasceu no seio de uma família burguesa sem grandes posses, e muito jovem tentou uma carreira na Armada, tendo sido demitido

\* A opção pela ortografia estabelecida pelo Acordo Ortográfico (AO) de 1990 nesta edição decorre de determinações legais a que a Imprensa Nacional está obrigada. Na minha qualidade de coordenador desta coleção, solicitei à Prof.<sup>a</sup> Helena Carvalhão Buescu que, nos textos que neste volume são de sua autoria, aceitasse a utilização da ortografia em causa. Tal aceitação, que agradeço, não revoga a discordância de princípio da Prof.<sup>a</sup> Helena Carvalhão Buescu em relação ao AO.

Carlos Reis

aquando da derrota na Guerra da Patuleia. A entrar nos seus 20 anos, Lopes de Mendonça era então um revolucionário setembrista, empenhado na causa patuleia. César Machado e Bulhão Pato, seus contemporâneos, referem-se ao seu entusiasmo e eloquência, que José-Augusto França, certamente o maior estudioso da obra de Lopes de Mendonça, e o responsável pela edição crítica, em 1982, de *Memórias dum Doido*, relaciona quer com as ligações do escritor com a boémia aristocrática, quer com «folhetins explosivos» de sua autoria, que corriam clandestinamente.<sup>1</sup>

A sua primeira obra de algum fôlego publicada intitula-se *Cenas da Vida Contemporânea*, que em 1843 revela o pendor de análise de tipos (e por isso cenas de costume) da vida lisboeta (com personagens como «o soldado» ou «a pessimista»), conjunto de interesses que virão também a estar na base do romance *Memórias dum Doido*, bem como no geral da sua obra, mais canonicamente literária ou não. Desde meados de 1846 colabora Lopes de Mendonça n'*A Revolução de Setembro*, com folhetins constituídos por pequenos apontamentos e episódios de cronista, lançando e consolidando um género novo entre nós, o do folhetim. Simultaneamente, ensaiava a mão para a narrativa de maior fôlego, com o «romance-biografia», publicado em 1847 n'*A Revolução de Setembro*, ou os contos de *O Último Amor*, que surgiu na *Revista Universal Lisbonense* em 1849<sup>2</sup>, centrado nas tensões sociais e individuais, já irresolúveis, em torno do amor e honradez, e ainda, com temas semelhantes, *Distrações dum Cético*. Fazia já na altura traduções, que continuaram a acompanhar a sua carreira, nomeadamente de Hoffmann, Dumas ou Musset, e que naturalmente foram importantes para a sua

1 José-Augusto França, «Estudo e notas» a António Pedro Lopes de Mendonça, *Memórias de um Doido*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, pp. 9-52.

2 Este conto apenas foi publicado em volume em 2007, editado, com prefácio e fixação do texto, pelo estudioso brasileiro Sérgio Nazar David (Rio de Janeiro, ed. 7letras, 2007).

maturação literária. Em particular a leitura de Musset será decisiva para a delineação das tensões e aporias, também elas simultaneamente individuais e histórico-políticas, do protagonista do romance que agora se publica.

Em 1848, Lopes de Mendonça escreve e vê estrear em teatro o seu drama histórico *Afronta por Afronta*, assinalando o início da sua colaboração regular com o teatro, através por exemplo de provérbios encenados (ainda o exemplo de Musset é aqui interessante). A escrita para o teatro será outra experiência literária que, como veremos, importa ter em conta para a compreensão de algumas das características centrais da composição de *Memórias dum Doido*.

Por esta altura, Júlio César Machado faz-lhe o retrato admirador que viria a figurar no volume de memórias *Aquele Tempo*, mencionando a sua figura «magnífica», alto e bem constituído, de cabelos louros e ímpeto ardente. E o seu reconhecimento público está também muito ligado à sua ação política e às ideias que o aproximavam de um socialismo humanitário, nesta ação se incluindo a fundação do jornal *O Eco dos Operários*, em 1850, com Sousa Brandão, considerado por Victor de Sá como «o mais antigo jornal socialista português».<sup>3</sup> O mesmo empenho político levará Lopes de Mendonça, mais tarde, e depois da sua aproximação ao movimento da Regeneração, a aceitar, em 1855, um efémero lugar de deputado.

Paralelamente, o escritor prossegue e desenvolve uma carreira que o leva também à crítica e à reflexão literária.<sup>4</sup> Da sua intensa colaboração, na década de 1840, publicada em jornais e revistas, resulta um volume de ensaios sobre literatura, *Ensaio de Crítica e de Literatura*, vindo a lume em 1849. Este volume,

3 Victor de Sá, *A Crise do Liberalismo e as Primeiras Manifestações das Ideias Socialistas em Portugal (1820-1852)*, Lisboa, Seara Nova, 1974, p. 255.

4 A este respeito, ver Maria Manuela Tavares Ribeiro, *Teorias e Teses Literárias de António Pedro Lopes de Mendonça*, Coimbra, Tipografia da Universidade, 1980.

inteiramente refundido, conheceria uma outra edição, saída em 1855 com o título *Memórias da Literatura Contemporânea*. Os dois títulos dariam ainda origem, em 1859, a *Ensaio de Crítica e Literatura*, manifestando o labor continuado e regular em torno de ideias estéticas e em particular literárias que Lopes de Mendonça associa, sobretudo na primeira fase, à centralidade do ideário político, para de qualquer modo salientarem a sua visão crítica, nomeadamente da poesia de gosto sentimentalista e sem alcance humanitarista.<sup>5</sup> Esta reflexão crítica acompanha ainda circunstâncias pessoais que poderiam ser de ensino da literatura propriamente dita. Em primeiro lugar, o curso, encetado em 1849 mas que se ficou por duas lições, no âmbito do Grémio Literário; e sobretudo a sua nomeação, em 1860, como professor do Curso Superior de Letras, pouco antes criado por D. Pedro V. Diz-se que o ímpeto de esforço colocado na preparação do curso terá sido demasiado — e Lopes de Mendonça terá endoidecido ainda no final do ano de 1860, como atesta Bulhão Pato.<sup>6</sup> Foi internado em Rilhafoles, sempre acompanhado da visita diária da mulher, como Júlio César Machado recorda alguns anos mais tarde, aquando da sua visita ao hospício: «Lá [em Rilhafoles] estive, famoso e ilustre, o mestre do folhetim em Portugal, e sua esposa ali foi todos os dias vê-lo e fazer-lhe companhia — colhendo no céu a palma do combate terrestre e vendo sorrir-se para ela e abraçá-la meigamente aquele ente querido, que havia representado um dos primeiros talentos desta terra [...].»<sup>7</sup>

Mas, naturalmente, o nome de Lopes de Mendonça ficou na história da literatura portuguesa pela publicação do romance

5 Para um minucioso e interessante trabalho sobre o ideário estético e crítico do autor, veja-se a obra citada na nota anterior.

6 Bulhão Pato, «Lopes de Mendonça», *Sob os Ciprestes. Vida íntima de homens ilustres*, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1986 [1974], pp. 75-101.

7 Júlio César Machado, *Da Loucura e Manias em Portugal*, Lisboa, Liv. A. M. Pereira, 1871, p. 64.

*Memórias dum Doido*, que conheceu em vida do autor duas edições, bastante diferentes entre si. A 1.<sup>a</sup> edição saiu em 1849 (ou 1850)<sup>8</sup>, como vimos um ano muito fértil do ponto de vista literário para Lopes de Mendonça. A 2.<sup>a</sup> edição foi publicada dez anos mais tarde, em 1859, já depois de outras experiências de reescrita, por exemplo no âmbito da crítica literária. José-Augusto França, na obra atrás citada, faz o estudo comparativo minucioso das duas edições, assinalando de que forma as alterações dão conta quer de um tempo individual que historicamente se desloca para o escritor, quer de um tempo social que numa década também sofre grandes alterações.

8 Ernesto Rodrigues chama a atenção para o facto de que, tendo os folhetins do romance surgido na *Revista Universal Lisbonense* entre 18 de outubro de 1849 e 15 de agosto de 1850, a 1.<sup>a</sup> edição, embora refira como data de publicação 1849, terá na realidade surgido apenas em 1850. Cf. Ernesto Rodrigues, *Mágico Folhetim. Literatura e jornalismo em Portugal*, Lisboa, Notícias Ed., 1998, p. 314.



## Introdução

### *Memórias dum Doido*: Sentimento e ceticismo na década de 1850 Helena Carvalhão Buescu

Seguindo práticas de publicação já bem ancoradas na tradição romântica em Portugal (basta lembrar o surgimento de *Viagens na Minha Terra*, em 1843, na *Revista Universal Lisbonense*), o romance *Memórias dum Doido* surgiu primeiramente em folhetins nesta mesma *Revista Universal Lisbonense*, entre meados de 1849 e 1850. Com data de 1849, mas surgida no ano seguinte, após o fim dos folhetins, apareceu a 1.<sup>a</sup> edição do romance que, bastante refundido e alterado, voltaria a ser publicado em 1859.<sup>9</sup> Existem assim três versões do texto publicadas em vida do autor, das quais duas em volume. Naturalmente, aquela que devemos ter aqui em conta é a que corresponde à última vontade expressa do autor, ou seja, a edição de 1859. O romance viria a conhecer outras duas edições após a morte de Lopes de Mendonça, uma em 1920 e outra, a de José-Augusto França, em 1982. A presente edição é pois a quinta do romance *Memórias dum Doido*.

9 Para uma descrição pormenorizada da edição em folhetins, veja-se a obra citada de Ernesto Rodrigues, pp. 314-319. Para um estudo comparativo das duas edições em volume, em vida do autor, veja-se José-Augusto França, no estudo introdutório à edição crítica de 1982.

Na sua lição de 1859, que é pois aquela em que, sem margem de dúvida, se deve basear qualquer outra posterior da obra, como aliás tem acontecido, o romance é antecedido de um «Prólogo da 2.<sup>a</sup> edição», assinado por António Pedro Lopes de Mendonça, com alterações muito significativas à «Introdução» que, não assinada, acompanhava a 1.<sup>a</sup> edição. Essas alterações, efetivamente existentes (e analisadas por França de forma pormenorizada), são justificadas pelo autor com aquilo que ele considera a sua imaturidade em 1849, com «pouco mais de vinte anos», e por algum desleixo que a publicação em folhetins teria determinado.

A prática folhetinesca do autor e o facto de o presente romance ter conhecido a sua publicação também através do folhetim não podem deixar de ser suficientemente sublinhados. Na realidade, a década de 1840 tinha visto desenvolver-se e propagar-se a prática do folhetim, quer na sua forma de breve apontamento jornalístico essencialmente ligado à vida urbana (de onde a sua associação à forma da crónica), quer na sua forma mais literária, em que surgiram muitos dos romances oitocentistas — incluindo alguns dos melhores, se nos lembrarmos de que, em 1843, tinha surgido em folhetins a primeira parte de *Viagens na Minha Terra*. Muitos dos romancistas da época utilizaram este formato para publicação da sua obra literária, de Herculano e Castilho a Mendes Leal ou Camilo Castelo Branco, de Rebelo da Silva a Pinheiro Chagas ou, mais tarde, Júlio Dinis, entre vários outros. Do lado do «folhetim-crónica» (como lhe chama Ernesto Rodrigues), os dois maiores nomes a assinalar são efetivamente António Pedro Lopes de Mendonça e, alguns anos mais tarde, Júlio César Machado. O folhetim, que fazia parte integrante do jornal ou revista, e nele ocupava um lugar pré-definido e visível (o rodapé da primeira página), está intimamente associado à súbita explosão, a seguir à vitória dos liberais em Portugal e ao final da guerra civil, em 1834, do universo das publicações periódicas e da consagração da figura do escritor-intelectual-figura pública que, como epítome, Garrett foi, com vários outros, com destaque natural para Herculano ou Lopes de Mendonça. Raros foram

os escritores que, de um modo ou de outro, não pensaram a sua prática literária como uma forma de manifestação pública e, de forma muito particular, política. De novo o exemplo máximo de Garrett não apaga a decisiva importância deste posicionamento no caso de Lopes de Mendonça, que entendeu sempre a sua escrita como um modo de tomar posição, mais radical (na década de 40) ou mais mitigada (na década de 50), sobre a instável situação política e histórica portuguesa, nessas décadas de meados do século XIX.

As características do folhetim, o seu caráter de publicação em série, a sua ligação à dimensão do quotidiano e à atualidade, a sua colocação preferencial em cenário urbano refletem-se na estrutura do romance, como veremos. Por agora, limitemo-nos a sublinhar a forma como a agilidade folhetinesca, na ligação entre episódios e na constituição das cenas, passa para *Memórias dum Doido* através de uma estruturação sacudida, em que a passagem entre capítulos manifesta desarticulações várias. É este um ponto importante a considerar, porque se afasta da conceção tradicional do romance concebido para publicação em livro, que utiliza velocidades e formas de conexão efabulatória diferentes. Aqui, como em outros casos semelhantes, a ação e o desenvolvimento da intriga, em particular amorosa, dependem do passo sacudido e não homogêneo que guia a escrita do romance.

Mencionei atrás a relação privilegiada que o folhetim tem com as temáticas do quotidiano, da atualidade e do enquadramento urbano. A emergência da sociedade burguesa e de perfil urbano, que a instauração do liberalismo permite, encontra no folhetim um lugar exemplar de manifestação. As três características referidas (o quotidiano, a atualidade e o cenário urbano) devem ser consideradas como três pilares sobre que assenta a composição deste romance. Na verdade, tudo converge para a eleição do contemporâneo, do atual, como o lugar por excelência de uma forma alternativa de construção romanesca, numa evolução literária que se quer distinguir da tradição da ficção histórica, sobretudo romance ou drama. Na consolidação desta

forma alternativa de imaginação ficcional, o folhetim tem um papel determinante. E é isto que leva vários críticos a considerarem *Memórias dum Doido* o primeiro romance contemporâneo da literatura portuguesa, como quer França. Na minha opinião, a publicação parcial de *Viagens na Minha Terra*, em 1843, e depois em volume em 1846, invalida que seja de facto o primeiro (mesmo sabendo que não são unânimes as opiniões relativas à consideração da obra de Garrett como um romance — que em meu entender indubitavelmente é, na melhor tradição de Laurence Sterne). Mas podemos sem dúvida considerar o romance de Lopes de Mendonça, publicado em 1849, um dos casos maiores da experiência da narrativa de atualidade em cenário urbano, e esse é um dos seus grandes valimentos, ao contribuir para a inauguração de uma forma romanesca que hoje continua substancialmente válida.

Na verdade, a narrativa de atualidade deve ser considerada uma das principais vertentes da composição ficcional romântica, a par da ficção histórica. Não só porque é no seu quadro que devemos colocar obras maiores de autores como Camilo Castelo Branco, e o seu peso emblemático na história do romance e da ficção em Portugal, mas também (e de forma significativa) pela proliferação de efabulações, interesses e até estereótipos em torno do reconhecimento da contemporaneidade como tempo exemplar da ficção. O exemplo de Balzac, várias vezes citado por Lopes de Mendonça, o de Flaubert (as suas *Mémoires d'un Fou* são de 1838) e o de Alfred de Musset são naturalmente paradigmáticos para a compreensão da importância que a ficção de alcance contemporâneo tem no Romantismo e na transição para o Realismo, desempenhando um papel decisivo para a reflexão em torno das relações entre sujeito e sociedade, entre as aspirações dos protagonistas e aquilo que a vivência efetivamente lhes permite, entre os tempos-outros, que foram e serão, e o tempo-eixo que os organiza.

Deste ponto de vista, a década de 40 pode considerar-se efetivamente o momento de viragem, nele surgindo, além de

outros hoje menos lembradas (por exemplo, de Mendes Leal ou Teixeira de Vasconcelos), os dois textos emblemáticos a este respeito, as *Viagens garrettianas* e o romance de Lopes de Mendonça. Aliás, o recorte da efabulação no que respeita à personagem principal (respetivamente, Carlos e Maurício) é a vários títulos semelhante: uma personagem principal masculina realiza um percurso de aprendizagem social que o conduz de uma idealização moral extremada à consciencialização das materialidades sociais, (já) sempre corruptoras. Em ambos os textos, como veremos, se bem que de formas diferenciadas, se introduz ainda a figura do narrador/autor, problematizando uma leitura linear das intrigas através da introdução do distanciamento próprio da ironia romântica. A reflexão sobre os contrastes entre o «pequeno quotidiano» e as grandes dimensões do protagonista (que aparecerá como motivo maior na ficção camiliana) encontra-se já nos exemplos que assinalam o arranque do romance contemporâneo em Portugal.

No romance de Lopes de Mendonça encontramos, por outro lado, o vetor sentimental e passional em que a narrativa de atualidade se especializará nos anos seguintes, através da criação de um dos estereótipos mais fortemente arreigados no imaginário romanescos romântico: o do cético que Maurício reconhece ser, homem (Maurício) ou mulher (viscondessa) «de bronze» ou «de mármore» (para utilizar expressões da época), em luta (Maurício) ou não (viscondessa) consigo mesmo. Esta figura é, aliás, de típico recorte romântico, pelos traços que tem de uma composição extremada que o afasta, por definição, da mediania e, por arrastamento, da própria vida do mundo. Anunciando já uma das linhas de força da modernidade (a incongruência, se não mesmo incompatibilidade, entre o sujeito e o mundo que habita), este tipo de herói, que *Memórias dum Doido* põe em cena, pauta-se entretanto por uma condição de excecionalidade que o faz também considerar como tipicamente romântico.

Assim, o protagonista do romance de Lopes de Mendonça é sobretudo um exemplo (e um caso) das contradições insolúveis

que atravessam o sujeito e (como se dizia à época) «o século», numa clara iluminação mútua entre indivíduo e sociedade. Num século que Lopes de Mendonça, a exemplo de Musset e de Stendhal, considera «imóvel no meio de tantas revoluções», Maurício fornecerá o exemplo daquele herói que, afinal, é prisioneiro irreduzível das suas contradições internas. A sua oscilação e instabilidade amorosas (declinando as do Carlos garrettiano) são o lugar geométrico em que tais contradições melhor se exprimem: Paulina, a amante devotada de classe baixa, a viscondessa, «mulher fatal» que transporta consigo a corrupção e a queda, e Madalena, o «anjo» vislumbrado mas inatingível, a não ser pelo sacrifício da morte, dão bem conta da instabilidade amorosa e existencial de Maurício, não apenas porque elas representam três diferentes episódios sentimentais, mas porque na realidade nada há que as una entre si. Elas pertencem a mundos morais e sociais totalmente distintos, unindo-se apenas no complexo palco amoroso que é a vida sentimental de Maurício.

No entanto, o facto de as três mulheres serem entre si incompatíveis, como vimos, em termos morais, psicológicos e sociais acaba por se transformar numa característica interessante dentro do romance: frequentando os lugares onde elas se encontram (ou onde ele as pode encontrar), Maurício atravessa espaços sociais que entre si pareceriam incomunicáveis. É através desta franquia entre barragens amorosas que o romance realiza a franquia entre barragens sociais, mostrando a estratificação da sociedade burguesa e, muito particularmente, da cidade burguesa que Lisboa já é. Com Paulina, Maurício e o leitor vão deparar com Alfama e a marginalidade que a habita; na companhia da viscondessa, entra o protagonista na alta sociedade da Lisboa burguesa, num palácio à rua de Buenos Aires, ou na procissão do *Corpus Christi* (que é tudo menos estritamente religioso); e com Madalena, é a oração na igreja e a meditação contemplativa em Sintra que a vão definir. Esta associação a espaços e a classes distintos, realizada pelas três mulheres por quem se apaixona, comportará elementos

importantes para a própria composição estrutural do romance, como adiante veremos.

Maurício é assim o protagonista do romance, da intriga amorosa, sobre a qual ele se constrói, e do «caso social» e psicológico que o sustenta, que corresponde a uma inevitável dissolução amorosa (com a viscondessa) da qual é na realidade impossível regressar (é isso que a sua morte no final sinaliza). São as suas relações amorosas, de qualidade amorosa e de alcance social, como vimos entre si tão diferentes, que estruturam a história do romance, num percurso amoroso que, hoje, poderíamos relacionar com as «educações sentimentais» a que Flaubert viria a dar, em 1869, uma forma genialmente paradigmática.

Devemos, para começar, situar esta questão no âmbito da tradição do chamado «romance de aprendizagem», cujo exemplo simultaneamente inicial e modelar é a obra de Goethe, *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (*Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*). Trata-se de uma forma de entender a prática romanesca a partir de uma conceção de homem fundamentalmente dinâmica e por isso evolutiva (mas também instável). O herói espelha a sua mesma historicidade através do seu percurso de vida e das profundas mudanças que as diferentes experiências nele vão fazendo ocorrer. A ideia de que as personagens não são estáticas, nem são definidas previamente à narrativa, mas são pelo contrário sujeitas a experiências de vida que as vão transformando, desenvolve-a Goethe, ainda no século XVIII (o seu romance é de 1795-1796), de acordo com um paradigma fundamentalmente devedor de uma crença nas capacidades humanas para o bem. Wilhelm Meister é precisamente aquele que a pouco e pouco se tornará «mestre», ao incorporar na sua vida a densidade e complexidade das experiências pessoais, afetivas e políticas que a atravessam.

De alguma forma, o modelo goethiano é um modelo de recorte iluminista, em que sobreleva a crença em um futuro mais claro, depois de a experiência e a sua interpretação assim o terem tornado possível. Pelo contrário, meio século mais tarde, tudo mudou. O herói continua a aprender, sim, mas o aprofundamento

que nele se faz é no sentido de explorar de forma potencialmente trágica e insolúvel os abismos do ceticismo que desde o início transportava dentro de si. O que no início de *Memórias dum Doido* era apenas potencial alteração, ainda indecisa, vai cavar-se ao longo da intriga, transformando Maurício num desses heróis céticos que a década de 1850 entre nós viu multiplicar-se, a partir do exemplo máximo balzaquiano configurado em torno da personagem de Rastignac. Não podemos, entre nós, deixar de compreender em Carlos, das *Viagens na Minha Terra*, o parente inicial destas figuras: a indecisão, a veia cética, a capacidade simultânea de uma sentimentalidade descontrolada e de uma corrupção moral (e política) são em Carlos sinais claros que Garrett sabiamente aponta, desde o início. Já vimos que em Maurício o mesmo se passa, ele que no capítulo II vê as suas contradições assim descritas pelo narrador: «Maurício, como vimos, tornara-se cético e materialista, mas a sua alma era generosa e boa.» E em ambos a centralidade e a complexidade da experiência amorosa são características decisivas para compreender quer o protagonista quer a ação do romance. A experiência amorosa surge assim como palco do desarranjo social e da desilusão política, bem ao modo balzaquiano, como vimos, que em ambas as edições do romance Lopes de Mendonça explicitamente recorda.

Não é pois de espantar que a composição dos capítulos insista em espaços fortes do ponto de vista social (a ocasião de «boa sociedade» que é a procissão do *Corpus Christi*, a casa de jogo na Mouraria, a água-furtada de Alfama, o palácio da rua de Buenos Aires, por exemplo), combinando a intriga centrada no protagonista com a caracterização de espaços sociais e simbólicos que refletem já as incipientes «flores do mal» com que Baudelaire viria a escandalizar, em 1857 (e portanto entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> edição do romance de Lopes de Mendonça), a cena literária francesa e europeia. Não se trata de dizer que a 2.<sup>a</sup> edição do romance terá sido influenciada por Baudelaire, mas sim que, em Portugal, e nomeadamente através de Lopes de Mendonça (entre outros), a «miséria social» de que Eugène Sue e Camilo se tinham feito

eco com os seus «mistérios» (de Paris e de Lisboa, respetivamente) encontra direito de cidade, de forma explícita, na década que se segue à primeira edição em volume do romance aqui em análise. Lopes de Mendonça é pois um autor central nesta reflexão sobre as «figurações do mal» potencialmente escandalosas, e o seu romance, um texto decisivo para a compreensão de como essa ansiedade sentimental, social e política avança de modo claro também entre nós. Essa ansiedade toma forma no capítulo III, com o surgimento de Paulina (que virá a redimir o protagonista, tornando-se de facto a mulher moralmente salvadora que acompanha a agonia e a morte de Maurício), presenças a ser afastada em nome das duas «divindades» (e das duas figurações do mal) descritas nos capítulos anteriores: a sedução da corrupção amorosa, por um lado, e, por outro, a sedução do dinheiro. Contra ambas nada pode Paulina — nem no fundo o próprio Maurício, cuja escolha começa justamente a ser feita aqui, «cético e materialista». O discurso estilisticamente carregado e sentimentalista de Maurício, cheio de lugares-comuns ultrarromânticos, surge como forma de provar, *a contrario*, a insinceridade da sua posição. É um discurso construído para conseguir o afastamento de Paulina (a saída de cena de Paulina, em formulação que veremos significativa), realmente conseguido.

Em todo este desarranjo pessoal e social tem papel de relevo a viscondessa, «hábil comediante» dotada de uma «organização monstruosa», cuja dissolução moral será, por seu turno, o grande facto de contaminação de Maurício. Em torno dela se unem as duas divindades corruptoras já identificadas: a sedução amorosa é orquestrada em função da bancarrota de Maurício na casa de jogo da Mouraria, conduzida pelo banqueiro da batota. Entretanto, a existência da figura de um confidente, D. Afonso, com quem Maurício dialoga e a quem escreve, dando conta da clivagem entre as suas três relações amorosas, permitirá introduzir um ponto de vista distanciado e irónico, que será decisivo para a construção dos últimos capítulos do romance. Com esta personagem acedemos a uma perspetiva privilegiada sobre a intriga

e os seus passos, perspectiva essa que, por um lado, simpatiza com a posição de Maurício (D. Afonso é amigo e confidente dele), mas, por outro lado, permite um recuo crítico relativamente ao seu exacerbamento sentimental. Isto significa ainda que a adesão total, a coincidência total entre a narrativa pessoal de Maurício e a ponderação interpretativa que dela é feita, não é nunca possível: cada vez que Maurício fala (*demais*), o olhar de D. Afonso e o diálogo com ele vêm ironicamente repor o distanciamento crítico que permite uma interpretação complexa. A contradição insanável de Maurício é, assim, um efeito tanto da sociedade dissimulada em que vive, do «século» a que pertence, quanto do descontrolo de paixões exacerbadas que comportam sempre um potencial de insinceridade e desfasamento: quer relativamente a Paulina, quer relativamente à viscondessa, Maurício engana-se a si mesmo (e, se não engana a viscondessa, engana certamente Paulina). No que diz respeito a Madalena, a morte encarrega-se, também ironicamente, de preservar a imagem (também construída) do «verdadeiro amor», até porque não haverá tempo para que outra coisa aconteça. Notemos, de passagem, que também sobre a idealizada Madalena D. Afonso comenta que, um dia, ela será como as outras, uma mulher casada a pedir aos homens que escrevam uma poesia no seu álbum... A figura da mulher corresponde assim a uma tipificação paradigmática, oscilando entre anjo, mulher e demónio, respetivamente Madalena, Paulina e a viscondessa. O título do capítulo VII enuncia justamente estas três figurações estereotipadas da mulher romântica, em que a distância intransponível, o sacrifício amoroso e a corrupção ocupam, alternadamente, o cenário sentimental do protagonista. Sobre elas não há, como sobre Maurício há, uma ironia que possa colocar em perspectiva os retratos lineares e homogéneos que delas nos surgem. Das três, Paulina é apesar de tudo a mais psicologicamente interessante, mas convém perceber que em nenhuma delas é ainda possível encontrar qualquer verdadeira complexidade, e por isso a consciência de que podem ser também sujeitos de uma história que é pessoal e ao mesmo tempo

política, uma história sobre os micropoderes que distribuem e estratificam os lugares do masculino e do feminino dentro da organização sociopolítica oitocentista. Essa rasura na figuração feminina diz entretanto bastante sobre os poderes e micropoderes que estruturavam (e ainda parcialmente estruturam) a sociedade burguesa. É no entanto interessante considerar, como faz Sérgio Nazar David<sup>10</sup>, que «há algo de novo aqui quando [se] supera a dualidade anjo/mulher, ultrapassando com isso, mesmo que momentaneamente, o impasse amar/querer».

Ao longo de todo o romance, várias características se combinam para estruturalmente organizar o romance em torno de uma narração sacudida, em que as transições entre capítulos servem sobretudo para subitamente mudar o local em que a cena se passa, sem efeitos de ligações narrativas de que aqui totalmente se prescinde. Ao invés de uma narração em que os episódios se encadeassem de forma que as «costuras» estruturais entre capítulos se tornassem invisíveis (ou quase), o romance de Lopes de Mendonça utiliza uma diferenciação drástica de lugares, tipos de cenas, episódios e até tipos de discurso, que caracteriza de forma muito clara cada capítulo, diferenciando-o do anterior e do posterior. Não se pretende realizar um quadro homogêneo ao longo do romance, mas estruturá-lo através de pequenos episódios, cuja base folhetinesca se torna assim determinante. Tão interessantes, do ponto de vista romanesco, são as cenas que coincidem com os capítulos como as bruscas alterações que entre eles ocorrem. É uma conceção de romance que aqui está em jogo.

É ainda, por outro lado, uma prova da importância da dimensão teatral na composição narrativa. Observei já a colaboração regular de Lopes de Mendonça para o teatro. O que aqui acontece é que escrita dramática e escrita folhetinesca se combinam

10 Sérgio Nazar David, «Paixão e revolução na obra de A. P. Lopes de Mendonça», *O Século de Silvestre da Silva. Estudos sobre Garrett, A. P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis*, Lisboa, ed. Prefácio, 2007, p. 53.

na conceção de um romance como o que atrás descrevi: a unidade estrutural é o capítulo, sendo que em cada um o local social é simbolicamente forte, abrindo para a descrição de um estrato (ou nicho) da sociedade; e permitindo a introdução de algumas poucas personagens com acesso ao diálogo, que partilham de forma teatral o espaço e a cena que nele se desenrola: Maurício/ /Paulina; Maurício/viscondessa; Maurício/D. Afonso. O que une pois estes capítulos e estes espaços é a figura que permite a transição (brusca) entre eles, a saber, a figura do protagonista. E em várias cenas essa dimensão teatral, com o carácter do *dénouement* que o ato v estruturalmente comportava, é efetivamente a característica predominante: pense-se na cena da denúncia pública da viscondessa, feita por Maurício no próprio salão dela (capítulo x); ou na cena na mansarda de Maurício, em que este morre acompanhado de Paulina (capítulo xiv).

A outra característica que importa reter para percebermos até que ponto este romance, em 1849 e em 1859, se constrói sobre um conjunto diversificado de discursos, mostrando assim o carácter polifónico que impele a efabulação romanesca, é a dimensão epistolar. Por ela, recupera-se a tradição do romance epistolar a que Rousseau, no século XVIII, dera uma forma paradigmática, no seu *Julie, ou la Nouvelle Héloïse*. Mas ao incorporar e sobretudo misturar ao discurso narrativo estes outros espécimes de discurso possíveis, o da escrita dramática, o do discurso epistolar e o discurso diarístico lírico em fragmentos (capítulo xi), prosa poética que talvez encontre ecos no Herculano de *Eurico, o Presbítero*, Lopes de Mendonça subscreve uma forma romanesca inquieta na procura de um *quid* do romance que não se pode desligar das outras formas de linguagem da «tribo», como viria Mallarmé a dizer, mais tarde, no século a que chama *épouvanté* («aterrado»). As cartas que correm entre Maurício e D. Afonso, ou a carta que este escreve narrando a agonia de Maurício, ou ainda a que Maurício faz enviar, no capítulo xv, a Madalena, manifestam, com os arroubos do diário, a memória da escrita para teatro e a estruturação folhetinesca, uma

possibilidade de ler o romance de Lopes de Mendonça com o recuo crítico que não se contenta com a descrição sentimental do caso Maurício.

O próprio romance nos orienta para tal recuo, olhar em perspectiva que nos impede (e ainda bem) de aderirmos de forma total à personagem e à sua história. Falei já do modo como a figura do confidente a isto nos convida. Mas acrescentemos aqui o caso totalmente decisivo do último capítulo (que na 1.<sup>a</sup> edição tinha numeração, e que em 1859 deixa de a ter, para ser significativamente intitulado apenas «Capítulo último»). Já depois do fim da história (e das suas ondas de choque) de Maurício, encontramos nova cena (mais uma vez de caráter teatral), desta feita entre intelectuais e boémios amigos, como dali a alguns anos veremos Júlio Dinis, com grande mestria, utilizar no seu *Uma Família Inglesa* (1868). Numa reunião/tertúlia entre amigos, à ceia, fala-se do próprio romance que acabou de acabar, criticam-se personagens e fios da intriga, caracterizam-se os seus elementos absurdos (é a palavra utilizada), enquanto o autor escuta, bebendo o seu café.

Verdadeiro exemplo de ironia e distanciamento românticos, este capítulo autorreflexivo não se coíbe de enunciar algumas das críticas efetivamente dirigidas a *Memórias dum Doido*, nomeadamente, como vimos, as que se referem ao caráter «absurdo» do seu protagonista; à estruturação romanesca pouco linear e fragmentada, até em termos de géneros literários utilizados («abre o apetite e não faz peso no estômago», diz um dos críticos); ou à pretensa demonstração de que o ceticismo seria «a única solução filosófica do espírito». O romance acaba com algumas observações irónicas do autor relativamente às soluções apresentadas na obra, nomeadamente o desfecho e o futuro das três mulheres por ele amadas, enquanto os seus amigos saem de cena em direção ao Teatro de São Carlos (social e simbolicamente significativo no contexto do romance, como vimos). Acrescenta esse autor/narrador, fechando o romance, que «estenograf[ara] es[s]a sessão em que nada se concluiu, como acontece a quase todas as sessões deste mundo». A este propósito comenta certamente

Ofélia Paiva Monteiro: «Em suma, a vida não vale a pena e a ficção é aleatória, parece dizer-nos o romance, criando no leitor um distanciamento do que lhe foi narrado, pós-moderno *avant-la-lettre*.»<sup>11</sup> Acrescentaria eu ainda: tão aleatória como a ficção parece ser já a vida, vivida por acasos e acontecimentos que determinam, por si só, a sua substância, qualidade e duração.

Este último capítulo obriga pois a uma atenção especial, pela forma como contextualiza e reduz o que de outra forma teria sido possível ler, com desatenção, como exclusivo *pathos* sentimental. Através dele é o próprio romance que se põe em perspectiva e se olha, por assim dizer, *de fora*. Não é dizer pouco, se pensarmos que é este o processo que manifesta a relatividade do juízo crítico que o próprio romancista faz sobre a sua obra. O romance da segunda metade do século XIX não teria conseguido a importância que conseguiu se não houvesse exemplos que, como em Garrett ou em Lopes de Mendonça, manifestavam o discurso romanescos como o lugar em que o século se podia encontrar com — e desencontrar de — si mesmo. E nomeadamente a ficção camiliana, que se afirma na viragem da primeira para a segunda metade de Oitocentos, parte destes mesmos desencontros para se pensar como *ficção e verdade*, por exemplo nesse lugar de tradições contrárias que paradigmaticamente é *Amor de Perdição*, outro romance que se leva a sério sem se levar totalmente só a sério. Como *Memórias dum Doido*.

11 Ofélia Paiva Monteiro, «Garrett e a narrativa romântica portuguesa», *Estudos Garretianos*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010, p. 235.

## Memórias dum Doido



## Prólogo da segunda edição

Sem alterarmos nem a ação do romance, nem os sentimentos dos personagens, supusemos que poderíamos dar-lhe maior desenvolvimento, nesta nova edição, expurgando-o das negligências de estilo e das declamações um pouco vagas e obscuras, que revelam a inexperiência do escritor e o improvisado que exigem os trabalhos da imprensa.

Deixaríamos realmente expirar esta obra, que é mais um esboço do que um romance, se o público, justa ou injustamente, não nos indicasse a necessidade de uma nova edição, por reiterados pedidos.

Mais do que nenhum, este ensaio carece de ser precedido da certidão de idade do autor. Tinha ele pouco mais de vinte anos, quando se publicaram as — *Memórias dum Doido* — pela primeira vez — nas páginas da *Revista Universal*.

*Abril de 1859*

A. P. Lopes de Mendonça



## CAPÍTULO I

### A PROCISSÃO DE *CORPUS CHRISTI*

**O romance contemporâneo**, se não existe entre nós, como noutros países, é porque a sociedade realmente não favorece, pela sua situação, este género literário.

A vida é tão limitada, os acontecimentos ficam sendo tão nossos conhecidos, os tipos confundem-se tanto com as individualidades, que se receia sempre, como se diz em frase popular, *talhar uma carapuça*, ou ofender os melindres de tantos que, não vivendo em paz com sua consciência, abominam as liberdades da crítica e os devaneios pouco respeitosos dos escritores.

Esta nossa sociedade, que consome a sua seiva intelectual, na análise mais ou menos espirituosa do próximo, parece que tem horror de si mesma, ao ver-se retratada. Se Deus nos concedesse um Balzac, ter-nos-ia feito talvez um favor estéril: o célebre romancista, em França, é um grande observador de costumes; em Portugal é de crer que não passasse de um libelista atrevido, um destes talentos sem futuro, que malbaratam os dotes eminentes da inteligência, nas reuniões da sociedade, deixando por única tradição de glória uma ou outra anedota de chiste duvidoso.

Num país que fica quase imóvel, no meio das suas revoluções, a imaginação é uma faculdade que se dirige mais à análise

dos sentimentos que ao estudo dos caracteres e da vida social; e daí, o grande número dos nossos poetas líricos, comparado com as ilustrações doutro género; a imaginação do artista não pode libertar-se das influências, que a comprimem, e soltar um voo mais ousado. Os romances entretanto tornam-se a leitura quase exclusiva do nosso público, e não será difícil descobrir a razão do fenómeno.

O romance é como um espelho, não diremos um espelho de rara fidelidade, onde a sociedade, mirando-se e reconhecendo-se, vê a realidade ornada com todos os prestígios da poesia e ao mesmo tempo as paixões e os desejos que a acometem, purificados e absolvidos por um esforço de imaginação.

Mais agradável isto se torna ainda nas nações pequenas, onde todos se conhecem, onde mais ou menos todos somos primos e cuja literatura sentimental se espraia sobretudo em necrológios plangentes e em pomposas elegias.

A campa é entre nós um verdadeiro campo de igualdade. O vício e a virtude, a dignidade e o servilismo, os nobres afetos como os ruins instintos, tudo se confunde no mesmo banal elogio, e qualquer miserável trapaceiro, quando vê erguer-se a morte diante dos olhos, quase que pode esperar que o convertam em herói preclaro num artigo de jornal.

Vamos à procissão de *Corpus Christi*: e quem se não lembra dela, por pouco tempo que houvesse habitado em Lisboa?

A procissão, a nosso ver, atinge dois fins do mesmo modo importantes no bastardo regímen que por tantos lados se prende ainda às obscenidades e misérias do velho absolutismo: satisfaz a uma tradição e oferece um pretexto para que os *barões* velhos e novos arriem com as suas vistosas condecorações, dando pasto à vaidade que os caracteriza. As janelas adornam-se daqueles velhos damascos franjados de ouro mareado, as ruas cobrem-se de areia vermelha, o exército estende-se em alas, o povo apinha-se nas ruas, e os elegantes matriculados, e os que o não são, passeiam a cavalo, olhando as sacadas apinhadas de senhoras, que se não poupam ao prazer de serem admiradas e vistas.

O domínio mourisco deixou grandes vestígios nos nossos costumes, e o primeiro e mais saliente deles era a clausura a que se condenavam as mulheres, que ainda mais se agravava quando, no clássico capote e lenço, ficavam impenetráveis aos mais atrevidos olhares.

Lisboa só depois do governo liberal é que consente que o sexo feminino passeie nas ruas, frequente os passeios, suspire pelos bailes e escabeceie melancolicamente nas filarmónicas, ouvindo *duetos* desafinados. As mulheres só apareciam nas procissões e nas igrejas e supunham-se felizes quando, em vez de irem à missa das almas, podiam figurar na *missa do dia*.

A procissão do Corpo de Deus é ainda hoje uma festa verdadeiramente nacional e que faz correr de todos os pontos das cidades e das povoações vizinhas o povo, que desde o romper da manhã toma lugar para ver o São Jorge e o *Homem de Ferro*, duas entidades, que são já mitos e que servem de tema às observações mais ou menos enghoshas das Evas curiosas do bairro.

As saloias e saloios supunham um desar para a sua prosápia o não haverem assistido umas ou duas vezes na sua vida a essa procissão de celebrada memória, cujas maravilhas se transmitem, pela tradição, de filhos a netos.

Acabavam de dar 11 horas; as ondas de povo vagueavam curiosas e impacientes, e os mais atrevidos da plebe injuriavam os cocheiros quando as carruagens procuravam abrir caminho; os namorados iam tomando lugar pelas esquinas, com aquele ar meio terno e meio parvo, que os aponta desde logo à análise dos que gostam de saber das vidas alheias; as senhoras começavam a abanar-se e a tapar os inevitáveis abrimentos de boca, que um madrugar excepcional sempre produz.

No momento em que passava, rápido como um sonho, um trem magnífico, decerto pertencente a personagem da alta sociedade, pelo bom gosto dos adornos e pelo aspeto arrogante dos cavalos que espumavam na carreira, um mancebo aproximou avidamente a cabeça, lançou um olhar febril à mulher que olhava com indiferença quase desdenhosa os espectadores e bradou com expressão apaixonada: «É ela!»

O gesto e a palavra resumiam um desses dramas pungentes de íntima poesia, que vivem escritos no coração dum homem e que só podem compreender as inteligências superiores, desterradas pelo destino a uma posição obscura e inferior à sua ambição e ao seu talento.

É que aquele mancebo, pobre, ignorado e perseguido pela miséria, amava uma mulher rica, nobre e poderosa; é que entre eles havia um abismo, que só um milagre do destino poderia fazer desaparecer; não eram só as distinções sociais que separavam aquelas duas existências, um outro sentimento que vive quase sempre unido aos dotes de uma alma ativa — o orgulho.

Antes que o homem tenha consciência do que vale — sofre grandes lutas e frequentemente descrê de si mesmo.

Incertezas cruéis, que devoram o pensamento e que só se acalmam quando um grande sucesso, uma circunstância inesperada, nos manifesta o que somos e o que podemos.

O amor fora para Maurício uma revelação. Dum banco do teatro vira um dia num camarote uma donzela vestida de branco e que realizara num relance todas as vagas ideias que ele formava de uma formosura angélica e inocente. Apenas a viu, sentiu essa comoção elétrica, sintoma de um amor profundo, veemente e exclusivo.

Mas o que era ele, zero social, para poder levantar os olhos para essa mulher e dizer-lhe: «Amo-te, como amo a Deus, como amo a glória, como amo as magnificências da natureza!»

Às vezes, via-a aparecer em sonhos, sorrindo com o sorriso desdenhoso que frequentemente pousa nos lábios das mulheres orgulhosas; e o rubor subia-lhe às faces, e sentia-se mesquinho e pequeno diante daquele desprezo, que o aniquilava.

Então perguntava a si mesmo se Deus o destinara ao suplício de uma vida obscura; se não chegaria um dia em que dissesse a essa mulher: «Glória, poder, fortuna, tudo quanto alcancei pela energia da minha vontade é teu, e eis-me aqui a teus pés pedindo que o aceites, em nome do meu amor!»

E então conheceu que Deus lhe concedera essa celeste faísca, que nem sempre luz pura e desassombrada, e que os olhos do mundo às vezes só divisam quando as ilusões da vida se desfolham ou quando está próxima a hora da eterna viagem.

César, lendo a vida de Alexandre, chorava de entusiasmo e de angústia por se sentir pequeno diante de tanta glória e por reconhecer que na mesma idade apenas maravilhara os elegantes de Roma pelas suas loucuras; mas pôde depois, com pena tão veloz como a espada, historiar a brilhante campanha das Gálias, que ainda hoje a posteridade admira.

Mas que pode fazer um homem, quando o seu país adormece em sono letárgico, quando só se ouve o zumbir das pequenas intrigas e das mesquinhas paixões, quando a glória foge aos esforços da mais poderosa e enérgica vontade? Mercadejar com a inteligência no traficar da vida política, servir a mediocridade, para a dominar depois, ou esperar tudo da fatalidade dos acontecimentos?

Mas o tempo nada respeita; nesta carreira onde as dores se multiplicam, deixa-se cada dia um nobre sentimento, e quando se pode atingir o alvo já a alma está gasta e cansada, já nos sentimos frios e inertes perante as magnificências que outrora nos seduziam a imaginação.

Tal era pouco mais ou menos a situação moral do personagem que fazemos entrar em cena. Era a mulher que ele sonhara que passava esplêndida e bela, mas que nem por esmola lhe lançava um desses olhares, que ao menos reanimam a esperança e não nos fazem descreer de todo da felicidade!

Cruel suplício! Ele, que tanto a amava, seria apenas para ela um vulto entre tantos vultos, apenas uma impercetível unidade entre as turbas que contemplava indiferente!

— Oh! — exclamou ele seguindo a carruagem com os olhos — é a grandeza do meu orgulho que ainda mais me afasta de ti que as soberbas do teu nascimento!

Grito ingênuo de um coração, que as tempestades da vida ainda não crestaram.

A procissão descia daí a momentos vagarosa e solene pelas ruas.

Viam-se ali retratados os diversos acontecimentos que têm transformado os destinos da nossa sociedade. A Babel das distinções que tem convertido tanto lacaio em funcionário público, tanto negreiro em barão, as fardas bordadas, os crachás, os mantos de cavaleiro, os arminhos de par, tudo quanto alimenta a vaidade e prepara matéria-prima para os Molière e Lesages futuros, pintores dos M. Jourdain e Turcaret da nossa época.

Maurício não invejava essas ostentações, que mal se combinam com os altos instintos de um poderoso espírito; mas sentia a sua pequenez, vendo-se confundido no meio da multidão, humilhado pelo luxo que o deslumbrava, acotovelado pelo espectador, que fora ali trazido por uma curiosidade banal.

Sentiu então um desses íntimos desesperos em que a voz se desata em soluços convulsivos, que comprimem e abafam o peito. Ele — o enjeitado dessa civilização que o deprimia! — mal podia erguer os olhos para a mulher que amava, enquanto tantos outros teriam o direito de a olhar, de lhe falar, de poderem talvez ser correspondidos!

Quando as carruagens desfilaram depois da passagem da procissão, quando ele viu a mulher dos seus sonhos debruçada elegantemente para um cavaleiro, que corria ao lado da carruagem, teve um daqueles acessos de ambição onnipotente, em que se declara a guerra à sociedade. Instintivamente, ameaçou com um gesto soberano aquela grandeza, que o esmagava. Era um momento comparável àquele que fez do escravo Espártaco o heroico rebelde, que esteve a ponto de aniquilar o poder de Roma!

Depois reconheceu o pouco que valia: sentiu o sentimento de desalento que deve acometer a águia, quando, encerrada na gaiola, tenta elevar o voo e a quem falta espaço.

Foi interrompido da sua meditação pela pergunta dum homem que passava: «Apareces hoje à noite?» disse-lhe ele. «Hoje mais do que nunca!» respondeu Maurício pegando-lhe

convulsivamente na mão, chamado à vida real, a essa vida triste e desconsolada, em que se luta para satisfazer as primeiras necessidades materiais, longe dos elevados pensamentos e dos dourados sonhos que devoram a imaginação do poeta.

O pobre mancebo, privado da aparição que o encantara, caminhou com passo descuidado e lento, repetindo, a meia voz, aqueles versos do grande lírico francês:

*Hélas! tout penseur semble avide  
D'épouvanter l'homme orphelin  
Le savant dit: Le ciel est vide!  
Le prêtre dit: l'enfer est plein.*



CAPÍTULO II  
*LASCIATE OGNI SPERANZA,  
VOI CHE ENTRATE*

**Poucas cenas afligem mais** uma alma sensível do que o aspeto de uma casa de jogo; ver aquelas fisionomias, que se estendem em torno duma mesa, com os olhos ávidos, com a respiração ansiosa, animadas pela emoção do ganho, outra vez contristadas, quando a sorte lhes é adversa.

O jogo não é uma nobre paixão, mas é uma grande paixão, e raros homens deixam, em certo período da vida, de quererem experimentar as devoradoras impressões que ele oferece.

A casa aonde vamos levar o leitor era situada numa das ruas desse, se não formoso, ao menos pitoresco bairro da Mouraria.

Entrava-se num pátio, onde cães, galinhas, carneiros e gatos viviam numa promiscuidade extravagante: a um dos lados havia uma escada de pedra, destas que ainda se veem pelas aldeias; uma porta verde no topo, a que misteriosamente se batia, dava ao jogador livre acesso num espaçoso aposento de teto antigo de traves, com paredes enfumadas e pavimento coberto de poeira e já em partes arruinado; a imagem de um celeiro de lavrador pouco abastado.

O jogo, numa sala, entre pessoas da alta sociedade, que se veem obrigados a respeitarem-se e a dissimularem as suas impressões, é bem diferente deste jogo, que admite todas as classes, que aceita o dinheiro do rico e do pobre, do ratoneiro e do

mendigo, do filho de família e do modesto operário. Era o jogo da miséria, onde o vício aparece nu e descoberto, cínico, grosseiro, não poupando as pragas, os brados de cólera, as exclamações de despeito, as obscenidades e os vitupérios!

Os jogadores estavam apinhados em roda de uma mesa comprida, coberta duma cousa, a que chamavam pano verde, cheio de nódoas, queimado e desfeito, e sobre o qual chovia a cinza de cigarros; eram rostos, mais ou menos pálidos, macerados pela vigília, que ardentemente seguiam os movimentos do banqueiro.

Maurício jogava também. A nobre fisionomia do mancebo parecia estar ali desterrada entre indivíduos, nos quais predominava a animalidade dos instintos.

O moralista ou o filósofo que quiser compreender e analisar as causas de muitos crimes deve descer a esses centros subterrâneos e misteriosos, verdadeiras *catacumbas*, onde se oculta a mais torpe devassidão e os sentimentos se pervertem no contacto com o crime, com a abjeção e a infâmia.

O dinheiro que a banca devora procede às vezes de um roubo fraudulento, é a subsistência de uma família que geme de fome a essa hora, é o fruto das lágrimas que a humilde costureira verte sobre a renda, que os seus dedos entreteciam, esperando o beijo do amante.

Nada há que realize melhor a igualdade do que o vício. O *olheiro*, por exemplo, era um antigo negociante, que girara com uma boa fortuna, que a perdera jogando e que, reincidindo cada vez mais na infernal paixão, estendia a mão a um salário aviltante, para depois o arriscar!

De intervalos a intervalos, aparece aquilo que na linguagem do jogador se denomina um *pato*. É um morgado da província, um caixeiro abonado de escritório, algum dono de loja ou fabricante, e a esse em geral, e segundo a terminologia, procuram depená-lo. Seria um estudo a fazer o notar a sucessiva gradação pela qual um rosto ingénuo, franco e leal se transforma numa cabeça de Medusa, de olhos desvairados, cabelos hirtos, lábios

espumando, dentes que rangem e músculos que se contraem à proporção que o banqueiro lança de um e outro lado as cartas do baralho.

Maurício estava nessa situação vulgar para os jogadores que amam o jogo pelo jogo, queria perder. E todavia, apesar de fazer paradas atrevidas, a fortuna seguia todos os seus *palpites*.

Quando estava mais empenhado em seguir os movimentos do banqueiro, sentiu-se tocado levemente no ombro e viu estender-se uma mão ávida e dizerem-lhe com voz submissa: «Empresta-me doze vinténs!» Era um daqueles pontos infelizes que Nicolau Tolentino tão chistosamente descreveu numa das suas sátiras.

— Tire daí! — respondeu Maurício, sem se mover.

Um movimento de alegria servil, se é permitida a associação das palavras, veio manifestar-se no rosto do mísero jogador, que, sem dinheiro até ali para arriscar, experimentava as agonias do suplício de Tântalo.

— Já não sigo o teu jogo, Maurício, vais perder — exclamou um jovem estudante, que assistira a toda a cena.

— Vou perder? Porque dizes tu que vou perder? — perguntou Maurício.

— Esse pobre diabo é o *Calisto* constante de todos os pontos, e pessoa que lhe empreste deve perder a esperança de nunca mais ganhar uma *parada*. Insofrível *belisário*! Parece que o banqueiro de propósito o tem aqui para nos fazer perder!

— Cala-te, homem! Eu jogo, não para ganhar, mas para me distrair. Quero tornar-me estúpido com essas cartas e dados e afrontar a sorte, até que ela se canse de me favorecer!

Maurício continuou praticando o que dizia. Fez paradas loucas, mas conseguiu, segundo a frase consagrada, levar a *banca à glória*.

— O monte! O monte! — bradaram algumas vozes, aplaudidas por todos aqueles que, estando já sem meio de apostar, seguiam entretanto o jogo, com a vaga esperança de poderem tirar a desforra.

Maurício aproximou-se do estudante, que lhe falara, enquanto o banqueiro se assentava, limpando o suor que lhe corria em bagas pelo rosto.

— Para que jogas tu, meu amigo? — disse o estudante a Maurício com voz pausada e triste.

— Porque me perguntas isso, pobre inocente? Nunca leste *Leone Leoni*, o romance imortal da grande escritora do século? O jogo é a primeira das paixões, é uma paixão mais enérgica que o amor; é uma paixão que resume todas as paixões como o arco-íris todas as cores do prisma. Onde viste tu que um homem pudesse passar de rei a mendigo, de rico a miserável, num salto, num improviso, nalgumas sortes de dados? O jogador vive em regiões inacessíveis aos outros homens, e quando está rico, quando vê no ouro amontoado a satisfação de todos os seus desejos, procura por todo o modo arruinar-se e empobrecer, para gozar dessa terrível emoção, sem a qual a vida é perfeitamente insípida. O jogo é o paraíso das almas enérgicas — viva para sempre o jogo!

— Maurício! Maurício! o orgulho há de te perder!

— Orgulho! que me importa a mim o orgulho! Acaso me deu Deus coração, para que eu o enterre numa camada de gelo? Não me deu o sangue para a vida e o corpo para o prazer?

— Acabe a banca francesa! o monte! queremos o monte! — bradou um dos parceiros.

O banqueiro, que vamos descrever, era um tipo. Percorrera todas as estações que sucessivamente aproximam o jogador do crime. Começara por ser *pato*, e perdera a pequena fortuna que lhe haviam deixado seus pais; depois, convertera-se em *ponto* de especulação, o que arrisca uma certa soma, em duas ou três paradas, contentando-se com a sua *diária*, se por acaso ganhou.

Era agora um mestre consumado na *batota*, e ninguém fazia com maior perícia um *pegote*, e empalmava com mais destreza uma carta.

A lealdade no jogo é, afinal, uma cousa tão difícil de encontrar como a flor que chora, de que falam os poetas italianos. O ouro,

que sempre aparece luzindo diante dos olhos, perverte os caracteres mais firmes; aquela vida de convulsões e angústias faz desfalecer a força mais estoica, e é quase impossível que o estigma da desonra não venha no fim de alguns anos manchar o jogador, por mais inocente que ele fosse a princípio.

O banqueiro parou e pousou as cartas; estendeu o pescoço, com aquela avidez da cegonha quando enxerga um réptil enroscado entre os arbustos; e mediu a assembleia com o olhar resignado do general que conta as filas rareadas, depois de uma batalha.

Viu claramente que os *pontos* estavam reduzidos ao último extremo, e com aquela grosseria, que acompanha o vício descarado, perguntou com insolência:

— Têm vocês dinheiro para apostar? Parece que já estão todos à *paz de pirola*, e não sou tão tolo que mude de jogo para que se possam desferrar, arriscando alguns patacos.

Os jogadores olharam com ar compungido uns para os outros e não se atreveram a replicar. Maurício levantou-se, num ímpeto de súbita cólera e, olhando para o banqueiro com um olhar fulminante, bradou, com voz áspera e convulsa:

— Quero eu, mando-lhe eu que jogue o monte!

— Se é esse o seu desejo, não terei eu dúvida em mudar para o monte — disse o banqueiro com um ar tão atencioso que maravilhou, pela novidade, os parceiros habituais da casa.

Queixam-se hoje dos romancistas, por serem minuciosos na descrição. É-se realmente injusto com esse género de talento, que tanto contribui para dar colorido e sentimento aos quadros da vida íntima.

Quanto não vale, no *Père Goriot*, a admirável pintura da Maison Vauquer! Que seria Walter Scott sem esse supremo dom de resuscitar, pela intusceção quase mística do passado, o viver e os instintos sociais das gerações desvanecidas!

Os caracteres, as paixões, que talvez na sua essência não variam, tomam formas múltiplas e desenvolvem-se pelo influxo de circunstâncias completamente diversas. Um gesto, uma palavra,

um simples movimento, nas regiões da vida moral, significa tanto como no mundo físico o fragmento de animal fóssil, pelo qual Cuvier reconstruía os animais antediluvianos.

O banqueiro, olhado superficialmente e sem grande atenção, parecia dotado de uma fisionomia comum. Era um homem que teria trinta e cinco anos quando muito, com cabelos negros, mas já misturado com algumas cãs, com o rosto pálido e lívido, mais pelas vigílias e cuidados que pelos estragos da doença. Era nos olhos, todavia, que se lhe revelava a profunda corrupção e a manha abjeta a que fora conduzido pelas suas paixões insaciáveis.

O jogo começou daí a pouco, e a sorte voltou-se contra Maurício, sem o poupar uma única vez.

Em breve, perdeu tudo quanto ganhara e mesmo o dinheiro que levara. Levantou-se e atirando o último pinto sobre uma carta:

— Aí vai, para decidir!

— Foste a uma dama! É perda certa! — disse um dos parceiros.

O banqueiro ganhou e, pondo as cartas na mesa, disse:

— Era este senhor quase a única pessoa que jogava, e como decerto não deseja continuar, são horas e mais horas de sair.

E dirigindo-se para Maurício com voz mais branda: — Quer dinheiro?

Maurício olhou para ele assombrado. Estas franquezas não estavam nos hábitos do banqueiro, e os circunstantes olharam uns para os outros, com o pasmo que os acometeria, vendo o tigre tornar-se espontaneamente em manso cordeiro.

Maurício, ao princípio, pareceu com o gesto recusar; depois, emendando-se, disse com bastante enleio:

— Aceito o seu favor, mas por pouco tempo.

O rosto do banqueiro pareceu alegrar-se e dando o braço a Maurício, saiu com ele.

— Aposto a minha cabeça — disse um —, e não aposto lá grande cousa, que Maurício teve uma herança, e que o tratante já o sabe!

— Ou talvez lhe chegasse do Brasil algum tio, encarregado de lhe arranjar um casamento, à moderna, isto é, de pouco amor e muito dinheiro!

— Para que se cansam? — exclamou um velho jogador, homem sabido e corrido nos mistérios da *gata*, dos dados chumbados e do *trombone* aperfeiçoado —, temos mulher em cena.

— Mulher?

— A amiga de Maurício, linda como um anjo e meiga como uma pomba.

— Já a viste?

— Entre vidros, como as relíquias.

— Um jogador apaixonado sem ser pelas cartas e pelos dados!

— É que se parece com alguma dama de copas ou de ouros, e servir-lhe-á para palpite!

O banqueiro entrou daí a pouco, esfregando as mãos.

— Olé! ainda por cá estão! é sair, é sair; são já três horas da noite e ninguém me paga o *barato* das luzes que se vão gastando!

Daí a pouco escoavam-se aqueles vultos pelas trevas da noite, e a imunda espelunca, segundo a frase enérgica dos estudantes da Universidade, ficou entregue ao silêncio.



### CAPÍTULO III

## AMOR NUMA ÁGUA-FURTADA

**O bairro d'Alfama** é uma das curiosidades arqueológicas de Lisboa, e não só os edifícios, mas até mesmo os habitantes parecem pertencer a mundo separado por séculos do nosso tempo.

Na arquitetura pode-se frequentemente estudar a história dos costumes, e as adufas, que ainda ornam as janelas de algumas das antigas habitações, indicam que o ciúme dos árabes procurara todos os meios para subtrair as suas mulheres à vista dos estranhos.

Pela cidade baixa adivinha-se o génio austero, o sentimento de unidade administrativa do marquês de Pombal, e não menos a inferioridade social da classe média naquele tempo. Os quarteirões são gaiolas enfileiradas, numeradas, uniformemente semelhantes e, quando se passeia uma hora no seio daquela regularidade monótona, carece-se de ir tomar ar, de espairar a vista por uma campina ou uma montanha.

Maurício habitava o bairro d'Alfama, e não se podia saber se era por predileção poética, se pela comodidade do preço. A verdade é que a Alfama com as suas ruas mouriscas, os seus fragmentos de arquitetura gótica e moçárabe, as suas rótulas do

antigo regímen, convida a namorar de escarrinho e a repetir aqueles versos de Nicolau Tolentino:

*Senhor Francisco Bandalho*

*Fita verde no chapéu!*

Eram quase quatro horas da manhã quando o nosso poeta subia a rua dos Cavaleiros e, tomando pelo arco de Santo André, bateu à porta de uma casa, cujas aparências muito depunham a favor da sua antiguidade, subindo a um desses últimos andares que não sabemos por que mistério de etimologia se denomina — água-furtada.

Apareceu-lhe uma velha, que pelo modo de vestir e aspeto garrido pertencia certamente aos saudosos tempos do minuete da corte e do *landum* choradinho, e entrou para um aposento, que, no género e estilo, concordava com esse bairro, que, abandonado quase inteiramente pela gente abastada, acolhe a população mais pobre e miserável.

A um dos lados do aposento, recostada num canapé, dormia com aquele sono profundo que sucede às grandes fadigas uma mulher ainda no verdor da mocidade. O corpo esbelto e franzino, que um roupão de cassa branca envolvia, sem ocultar as suas elegantes formas, o seu rosto pálido, mas sereno, e as mãos que ela cruzava sobre o peito, e que bastas tranças de negro cabelo quase que inteiramente encobriram, davam-lhe o aspeto duma estátua de virgem que o cinzel italiano suavemente esculpe sobre os túmulos de mármore.

Uma lamparina que alumina a imagem de Nossa Senhora, uma mesa coberta de papéis e de livros revelavam o amor do estudo no homem, a crença fervorosa na mulher.

Maurício, como vimos, tornara-se cético e materialista, mas a sua alma era generosa e boa. Ao ver aquela mulher que ele arrancara ao seio da sua família, e que suportava com angélica resignação os caprichos frenéticos, os loucos acessos de sensibilidade, os mórbidos períodos de abatimento, que agitavam a sua

existência, condenada à paixão e ao desespero, como sempre acontece nas organizações nervosas e acerbadas, sentiu o coração movido à piedade.

E todavia não há cousa que ofenda mais a sensibilidade intelectual do poeta do que esta monstruosa associação da formosura e da miséria! Paulina, que era o nome da mulher que dormia, de dia para dia ia tendo menos influência sobre o seu coração, porque sobre ela, e porventura por causa dele, adejava a miséria hedionda, asquerosa, cruel, com o seu trabalhar obstinado e incessante, com a fome, com o frio, com o isolamento, quase com os andrajos da mendicidade!

Pobre, humilhado, perseguido de credores, quase sem esperança de melhorar de sorte, e com a tremenda responsabilidade do destino de uma mulher, que nele lealmente confiara, Maurício não pôde sustentar as lágrimas e soluçou.

Paulina estremeceu, como se um magnético instinto lhe denunciasse a pessoa que chorava, levantou-se meia adormecida, abriu os olhos e, vendo Maurício, levantou-se num pulo e correu para ele.

— Por que choras? Não foste feliz ao jogo? Bem o devia adivinhar! Adormeci, deixei-me adormecer, sem rezar uma oração para que a sorte te favorecesse!

E escondeu o rosto no seio do mancebo.

— Paulina, para que velar até horas tão adiantadas da noite? Estás tão pálida! Tens tão desfigurado o rosto!

— E para que te recolhes tu tão tarde? Já não és para mim o mesmo que eras quando começamos a viver juntos! Estavas horas inteiras ao pé de mim! Passavas dias inteiros comigo! Agora, vejo-te tão poucas vezes! Parece já que te não lembras que existo no mundo!

— Pobre Paulina! Não queiras saber os motivos que me levam a afastar-me de ti! Sabe só que o fogo que me abrasa por dentro deve assemelhar-se ao que devora no inferno os eternamente condenados!

— Mas amas-me ainda? O que eu não quero é perder o teu amor!

— Não te amo? Quem te disse que já te não amo? — exclamou Maurício, deixando escapar o seu segredo naquela involuntária exclamação. — De que te serve o meu amor? Para que te hei de eu amar? Como posso, unido a ti por inflexível cadeia, deslumbrar essa sociedade, que eu odeio, que eu abomino e que todavia me atrai como o precipício atrai o viajante, perturbado pela vertigem? Mulher, porque te não fez Deus grande pelo coração, como te fez sublime pela inteligência!?

Paulina compreendeu, pela entonação colérica e vibrante daquela voz, que Maurício a queria abandonar e caiu quase inanimada sobre o canapé; ficando envolta nas tranças do seu negro cabelo, parecia a imagem da Santa Genoveva, da lenda popular, quando errante e solitária divagava nos bosques do Brabante.

Vieram as lágrimas depois; lágrimas de íntima agonia, que só uma vez se choram na vida, porque é único e exclusivo o amor que as faz verter.

Aquela cena todavia era pungente, mas estava contida na lógica inflexível que domina as paixões humanas. As alianças desiguais, na ordem moral, cedo se quebram, quando a chama do amor enfraquece. Paulina não compreendia a poesia, não via no seu amante senão um homem, e não a inteligência superior, que queria elevar-se e que tantas vezes se perdia nas regiões sublimes do mundo poético. A alma de Maurício, como a desses marinheiros intrépidos, que a tristeza devora, quando a tempestade os não procura, adormecia na bonança de um afeto tranquilo e resignado.

Podia ele acaso vazar no seio dessa mulher os sentimentos, absurdos talvez, que o dominavam: os delirantes sonhos que perturbavam a sua imaginação, essas vagas impressões, que nem a poesia, nem a língua humana podem traduzir, mas que realmente se apoderam de nós e como nos transportam a mundos ignorados e que parece haveremos outrora percorrido?

Maurício teve, naquele momento, o desejo de se afastar para sempre de Paulina. Nos seus pensamentos egoístas de ambicioso, via que, na sua situação, não era senão um obstáculo, e já com

muitos tinha ele de lutar. Levantou-se com ímpeto e dirigiu-se para a porta.

Paulina encontrou, no seu amor ultrajado, força para se conter, para dissimular o que sofria. As lágrimas secaram-se nos seus olhos por um impulso vigoroso de vontade, levantou a cabeça com gesto altivo e, afastando com a resolução os cabelos que lhe caíam sobre o rosto, olhou fitamente Maurício com um olhar de severa acusação!

Um homem por pouco artista que fosse mal podia resistir à influência daquela rápida transformação. Esta mulher, que soubera comprimir a violência da dor que a torturava, era bela na palidez e no desespero do seu amor desprezado.

O dia começava a despontar naquele momento. Aos baços clarões da luz, que embranquecia com uma refração duvidosa o quarto, onde se passava esta cena, as duas fisionomias assumiram essa indefinível expressão que raras vezes a pintura pode reproduzir nas suas invenções.

Paulina, com as faces crestadas pelas lágrimas, com as tranças caídas, com os olhos negros incendiados pela paixão, com os dentes cerrados por uma crisperação nervosa, era a imagem dessa cólera augusta, que impera pelo gesto, que reina pela energia do sentimento moral, que desafia o génio da palavra, na muda eloquência da expressão.

Maurício, de braços cruzados, olhava-a com um olhar sossegado e quase adormecido. Meditava consigo mesmo quanto era difícil, nos romances mais ou menos completos, que atravessam a vida, encontrar duas almas, que se compreendessem, que se pudessem amar com igual afeto, que se confundissem absorvidas na mesma adoração!

Um raio de sol que começava a despontar no horizonte veio iluminar-lhe o rosto e esclarecer com a sua luz ainda frouxa o triste aposento onde esta cena se passava.

Maurício, nesse momento, com seus negros cabelos, os seus olhos rasgados e fascinadores, a sua tez pálida e já amortecida pelo abuso do trabalho intelectual e de uma vida desordenada,

podia servir de argumento aos que pretendem explicar todas as modificações da matéria pela ação constante do espírito que a domina.

— Olha, Paulina — disse Maurício —, sei que mereço o teu ódio, nem posso, não me é lícito atenuar o crime que cometi! Chora com lágrimas inconsoláveis o dia fatal em que me viste! Podias ser feliz, e ficaste perdida para sempre! Não era este coração que te podia amar, como merecias! Odeia-me, podes odiar-me, mas acusa antes a fatalidade que me persegue!

— Eu odiar-te, a ti, isso nunca! — exclamou Paulina como-vida por aquela dor que era sincera. — Bem conheci que não podia ser amada por um homem, que Deus fadou tão grande pelo talento, eu, fraca e obscura mulher!

E apertou-o de novo nos braços, derramando copiosas lágrimas.

Maurício beijou-a na testa, com uma solene tristeza; depois, sentiu-se impellido pela vaga esperança de poder elevar aquela mulher até compreender os pensamentos que lhe dominavam o espírito. Baldado empenho! O milagre de Moisés fazendo brotar água de um rochedo com a varinha não se reproduz no mundo moral.

— Ouve-me, Paulina, e vê depois se eu sou digno do teu perdão, vê se a minha vontade pode resistir à lei fatal, que me domina, que dispõe de mim. Sou ambicioso, e a ambição é uma destas amantes imperiosas, que, como a Messalina da antiguidade, podem cansar-se mas nunca saciar os desejos!

— E queres que eu então lute com um tão poderoso sentimento! — exclamou Paulina com funda melancolia.

— Espera, espera sempre! Pode ser que eu, atormentado por estas crises, olhe afinal com deleite o *oásis*, onde possa repousar, e o prefira a esta interminável viagem, onde a terra da promessa sempre se alonga na linha fugitiva do horizonte! Talvez que eu chegue a poder apreciar esse coração, que respeita, se não compreende as agonias que me devoram!

— E para que não te resignas desde já à tua sorte?

— Não peças aos rios que parem na sua corrente impetuosa, nem ao oceano que amanse as suas ondas embravecidas, nem às nuvens que se fiquem imóveis no espaço, que te não hão de ouvir! Deus criou-me assim! Mas ouve: dir-te-ei quanto soffro e talvez te compadeças de mim!

E Maurício passou a mão pela testa, que ardia em febre, como para avivar na memória as tremendas lembranças do seu passado!

Há certamente momentos na vida em que o carácter mais reservado não esconde os segredos da sua alma e patenteia os íntimos intuitos da sua ambição. Bonaparte, coroado pela fortuna na batalha de Marengo, não pode conter-se, que não escreva aquella carta ao Imperador de Alemanha, em que se mostra deslumbrado pelo triunfo. André Chénier, em face do cadafalso, sentindo que um grande destino ia ser cortado em flor, profere aquella sublime frase, que hoje se tornou banal, à força de ser repetida:

*Pourtant, j'avais quelque chose là!*

A existência de Maurício era por assim dizer a imagem de muitas, que nascem das circunstâncias especiais da nossa época.

Filho de um official realista, morto numa das batalhas dessa guerra fratercida, vira-se sem pai quase ao sair do berço. Quando criança, fora educado nas mais severas práticas religiosas e no culto cego e inexplicável que uma grande parte do país prestava ao nome de D. Miguel; vivendo até aos doze anos quase na miséria, numa das províncias do Norte, vira-se órfão naquela idade, porque sua mãe não pôde resistir às angústias e desgostos de uma inconsolável viuvez.

Maurício nascera com uma intelligência fácil e penetrante, e em breve perdera as crenças da juventude, no contacto com o mundo. O absolutismo appareceu-lhe um dia com os hediondos caracteres que o distinguem, e não quis sacrificar-se à poesia do infortúnio, que Chateaubriand pôs em moda, porque a ideia não valia tão sublime sacrificio.

Para os homens novos, essas formas caducas do antigo regime, que parecem inventadas para tornar estéril toda a iniciativa intelectual, converter-se-iam em obstáculos invencíveis a qualquer pensamento de nobre ambição. Arremessado aos catorze anos no tumulto da capital, tivera de se sustentar, como Rousseau, do trabalho maquinal do copista e, na estreiteza e ímprobos fadigas de tal profissão, pôde entregar-se ao estudo. Lendo avidamente a história, sobretudo a história moderna, já a sua inteligência penetrara em todos os problemas da política, e a ação dos acontecimentos que se sucediam com uma variedade própria das quadras revolucionárias amadureceu a sua precoce experiência.

Mostrara a sua vocação, escrevendo alguns panfletos, cheios de energia e de vivacidade pitoresca. Lançara-se na crítica implacável de medidas que ele supunha tímidas e incompletas, porque reconhecera a distância que o separava dos mediócrs vultos, que dirigiam os negócios públicos. Apreciando, pelo que lera, o que devia ser um homem de estado, via os que governavam desperdiçando as forças de uma situação excepcional em questões de mesquinha influência e nas intrigas, que mancham todas as obras, grandes ou pequenas, da política. Vira o que se podia esperar em dois anos de um governo que conhecia a sua fraqueza e que vivia de expedientes. Em 1835 abraçava com ardor e fêrvido entusiasmo as doutrinas e sentimentos da oposição.

Maurício, todavia, medira, com olhar seguro, as dificuldades da sua posição na vida política. O talento é uma grande força, quando a glória o pode coroar com os seus prestígios, quando a fortuna lhe multiplica a influência. No governo representativo, a propriedade é e será sempre o elemento social preponderante. Uma grave falta viera tornar mais precária ainda a sua situação. Amara uma mulher e ligara-se a ela. No calor da luta, a mulher é sempre um obstáculo e quase todos os grandes ambiciosos são castos, por profundo cálculo. Vira-a, nos primeiros verdores da mocidade, idealizara-a na sua imaginação e, nos primeiros delírios do amor, julgara-a a Margarida

de Fausto, vindo com um inocente beijo refrescar a sua fronte escaldada pelo fogo da meditação.

Paulina não era a mulher que podia operar sobre Maurício o efeito que a harpa de David produzia sobre os furores de Saul. Em breve, o seu coração procurou outros horizontes. Aquele dia era o dia da crise que devia separar duas existências heterogêneas. A sua ligação tornara-se um martírio.

Mas antes, pungido conjuntamente pelo fastio da vida e pelos remorsos, entregara-se aos prazeres devoradores da devassidão.

Seriam loucas e absurdas as pretensões do mancebo, mas nem pelo serem o seu padecer se tornava menos acerbo. Paulina poderia, porventura, ser sublime, inspirada pelo coração numa circunstância excepcional, mas não possuía o dom, nem o segredo de dar poesia às emoções do próprio sentimento, que a dominava. Os tesouros da sua alma não os podia manifestar entregando-se aos cuidados vulgares, que, mesmo em mais abastadas existências, pesam às organizações demasiadamente poéticas.

Maurício sentia o desejo de vazar nalgum coração as dores que o torturavam. Chegara a uma situação terrível. Tinha a escolher entre a fome e a infâmia! Haviam-lhe proposto, para o salvar, um contrato de ignomínia, o subordinar a sua inteligência ao egoísmo de um partido e às vaidades de um homem.

Fora o jogo que o conduzira àquele terrível extremo. O ambicioso, que devera só trabalhar, e confiar no destino, engolfara-se nesses vícios que enervam a vontade, que degradam a inteligência.

Não foi sem o conhecimento profundo dos segredos da alma humana que a Igreja introduziu a confissão entre os seus preceitos. Ela tornara-se, nas grandes crises da vida, uma necessidade imperiosa, e Maurício via-se naquele momento à borda de um abismo que o fascinava.

— Perder, ter de perder tudo! ter de imolar a minha ambição às misérias desta vida! Paulina, vê como eu sou desgraçado! — exclamou Maurício fitando-a com um olhar de desespero.

— Que é! que é! dize! não estou eu aqui para te consolar? — respondeu Paulina com ternura.

— E que vale isso? Que me importa esta vida, se tenho de abandonar as minhas esperanças, o meu sonho, o meu futuro! E eu sentia aqui dentro um pensamento grandioso e elevado! Erguer do nada um povo abatido, regenerar uma sociedade pela energia de uma ideia, aproveitar toda a força dos acontecimentos para ressuscitar um povo!... O que são eles, esses homens insignificantes, que se revolvem nos delírios da sua própria incapacidade e de vaidades pueris?... Eu, sim, sentia que as revoluções não se aproveitam, senão dando nova forma às sociedades caducas; tornar Portugal digno das suas tradições era dar ao meu nome uma fama eterna e expirar no seio da glória! E querem agora que eu venda este talento, que eu me curve aos seus caprichos! Morrer ou abdicar!

E sentou-se na cadeira, como se a luz de um relâmpago lhe deslumbrasse a vista.

Paulina foi com algumas palavras apagar o último clarão de afeto, que lhe pertencia naquela alma, revelando o quão pouco podia compreender os pensamentos do seu amante.

— E porque hesitas? — disse ela. — Não é melhor viver sossegado, com a certeza do pão d’amanhã? Não o digo por mim; mas quem avalia esses trabalhos em que consumes a vida e pelos quais adquires inimigos irreconciliáveis! Disseram-me há pouco que te poderiam prender, se continuasses a falar mal do governo! Bem vêes que deves aceitar!...

Maurício levantou-se como se lhe tocassem com um ferro em brasa e com as faces convulsas pela cólera; a sua fisionomia tomara uma expressão terrível, porque perdera de todo a esperança, talvez egoísta, de erguer aquela mulher ao seu nível.

— Não! tu já não podes viver comigo mais um instante! És uma alma fria e vulgar, que não compreendes quanto é infame o homem que mercadeja com o que Deus lhe deu de mais sublime — a inteligência! É que não vêes que eu tenho de abandonar a esperança infinita da minha vida e de comer o meu pão amassado com as lágrimas da vergonha e os despezos do mundo!

— Para que buscas pretextos para te separares de mim, Maurício? — disse Paulina com voz grave e afetuosa. — Conheço que já me não amas, que já não és capaz de sentir por mim o que sentes talvez por outra.

— Quem te descobriu esse segredo? Como soubeste que eu amo outra mulher? — exclamou Maurício verificando pela sua exclamação aquela desconfiança vaga.

— Bem mo dizia o coração! amas outra! — bradou Paulina com delírio.

— E que te importa? — respondeu Maurício num acesso de orgulho. — Amo-a porque é bela, porque, para ser amado, necessita de ser grande e poderoso! E hei de sê-lo! — repetiu ele em voz mais sumida, descobrindo num gesto convulsivo aquela testa espaçosa, onde se lia toda a ansiedade dos seus desejos ambiciosos.

Paulina já não ouvira estas palavras. Estava desmaiada.



## CAPÍTULO IV

# SORRISOS E LÁGRIMAS

**Passar de uma água-furtada** a um palácio é uma cena vulgar no nosso século e talvez exprima uma das suas feições características. Ou seja pelos vícios da organização social, ou pelas paixões desregradas que dominam os indivíduos, a verdade é que a miséria segue a civilização e que as carruagens esplêndidas que passam em desenfreado galope salpicam de lama o indigente que ao canto da rua estende a mão à caridade pública.

Vamos conduzir o leitor a uma das habitações mais elegantes desse romântico bairro de Buenos Aires, onde vivia em aprazível viuvez uma das mulheres, se não mais importantes, ao menos das mais celebradas do tempo.

Era uma mulher política, e quem a visse assentada diante de uma secretária coberta de livros, com o olhar altivo, a fronte arrogante e o gesto sobranceiro, mal poderia compreender que, nascendo nas mais elevadas regiões da sociedade, rainha das salas, pela formosura, pelas maneiras e pelo espírito, descesse ao ponto de se tornar dócil instrumento das empresas de um partido.

Os dotes com que a natureza a enriquecera serviam-lhe apenas para corromper e para alcançar confidências úteis. Sabia o preço dos seus sorrisos e, se podia ousadamente lutar em

devassidão com as mulheres da *regência*, que o sentimento do prazer físico apenas dominara, excedia-as na infâmia.

Tais são as aberrações que se encontram no mundo e na vida! A sua beleza era por tal modo fascinadora que, vista de relance, fazia palpar de entusiasmo o coração de um artista, arrancaria dos lábios de um poeta um grito espontâneo de admiração.

Não possuía a regularidade, frequentemente destituída de expressão, do perfil grego. Era um tipo meio peninsular e meio italiano; às vezes, animava-se daquela vivacidade espanhola, que tanto impressiona e seduz os sentidos; outras vezes caía naquele lânguido desfalecimento, que na bela língua do Dante se denomina *morbidezza*, uma das singularidades das encantadas regiões, onde o *scirocco* tantas vezes sopra.

Há quem se admire de ver estas criaturas, cujo coração pulsa com a regularidade fisiológica da circulação do sangue, nas crises mais violentas, simularem os ímpetos de uma fogosa paixão e imitarem com a voz as mais sentidas interjeições do amor: como se, no século passado, não vissemos os *sopranos*, entes degradados, os Farinelli e Cafarelli arrancarem das plateias lágrimas de profundo enternecimento, tal era a expressão apaixonada com que traduziam os mais maviosos sentimentos! Estas organizações monstruosas, que seriam Rachels, ou Mars no teatro, na sociedade são sublimes aventureiras, cuja existência a filosofia vulgar do mundo poderia facilmente explicar.

A viscondessa de \*\*\* era nem mais nem menos que a ninfa Egéria, mas menos casta e misteriosa, de um estadista, a que se ligara talvez um pouco pela vaidade que leva as mulheres a desejarem ver os Hércules fiando submissos a seus pés. Esta ligação, entretanto, tinha o seu tanto ou quanto de financeira. Vendo-se viúva, arruinara-se com uma rapidez digna de um morgado perdulário, e não carecia menos das carícias que das liberalidades faustuosas do seu amante.

Associada com ele nessas tenebrosas empresas de uma política que a sua impopularidade fazia descer aos manejos subterrâneos, o seu coração tornara-se insuscetível de todas as nobres

afeições e apenas se revelava mulher, quando podia, simulando as aparências da paixão, seduzir os amantes, que umas vezes o cálculo, outras os desejos, que acompanham uma natureza sensual e ardente, lhe faziam escolher no mundo que a rodeava.

Não se julgue, entretanto, que a sua reputação fosse das mais condenadas. É a triste sorte da nossa sociedade que as leis da honra e da moral tenham por incansáveis campeões e por professores sublimados as feias invejosas, as mulheres devotas de um duvidoso passado e os homens que hipocritamente escondem os vícios sob a cortesia das maneiras. Com estas potências estava a viscondessa em paz e, como oferecia de vez em quando uma chávena de chá e recebia nas suas salas, tinha um partido que aplaudia se não as suas virtudes, ao menos a sua amabilidade e sentimentos de ostentosa beneficência.

A viscondessa passava já dos trinta anos. Isto equivale a dizer que sabia dissimular pela *toilette* os estragos do tempo. Vestida com um roupão de veludo verde-mar, de mangas largas, com os braços envolvidos de finíssima renda, a sua mão, de uma brancura deslumbrante, destacava na cor sombria do estofado; os seus cabelos, caindo numa desordem, muito graciosa para não ser estudada, envolviam-lhe o rosto que, finamente esboçado e daquela cor pálida e transparente, que deixa perceber o azulado das veias sob a epiderme, podia figurar sem desdouro, nas páginas de um *keepsake*.

Pareceria um anjo, para os que não estudassem os seus olhos, que mudavam de cor às variações da luz e resplandeciam com aquele brilho *felino*, se é permitida essa expressão que quase sempre revela os pérfidos instintos do animal.

Estava numa posição abandonada e distraída que poderia, ao primeiro aspeto, confundi-la com a imagem de uma dessas castelãs da Idade Média, cujo nome era invocado nos torneios como uma esperança de vitória.

O banqueiro da rua da Mouraria era um dos agentes da sua polícia secreta e fora encarregado de atrair Maurício ao partido.

Depois de introduzido no gabinete, esperou em pé e respeitoso que a viscondessa lhe dirigisse a palavra.

— Como corre por lá o jogo? — perguntou a viscondessa depois de alguns momentos de silêncio.

— Vai andando, vai andando como Deus é servido — disse o banqueiro, inclinando a cabeça.

— E o rapaz tem perdido?

— Parece que caiu afinal nas minhas mãos!

— Pelo dinheiro, que lhe ficou devendo?

— Não é só por isso. Parece que também o lisonjeia a ideia de merecer as simpatias de uma mulher, cuja imagem ele pretende esquecer, procurando impressões doutro género!

— E sabe quem é essa mulher?

— Pois não adivinha? Quem poderá ser senão V. Ex.<sup>a</sup>? — disse o banqueiro.

Um sorriso de vaidosa satisfação deslizou rapidamente nos lábios da viscondessa.

— Pois acaso me viu ele em alguma parte?

— No teatro!

— Amor de... imaginação!

— Amor de poeta!

— Ah! Também é poeta — disse a viscondessa dando à palavra uma entonação irónica. — E deseja ele falar-me?

— Espera que V. Ex.<sup>a</sup> o receba numa das suas reuniões?

— Não tenho dúvida nisso; traga-mo cá hoje mesmo, agora se é possível...

— Espero que fique convertido!

— Havemos de aparar as asas da avezinha, para que não me remonte aos céus em arrojado voo! — disse a viscondessa.

O homem da rua da Mouraria despediu-se e saiu.

Maurício foi daí a poucos momentos apresentado à viscondessa e entrou no seu gabinete, que todas as elegâncias do luxo adornavam. Tentação irresistível para essas frágeis organizações que o sentimento do belo exclusivamente domina.

A avidez dos prazeres materiais, o desejo ardente de uma falsa glória, são os obstáculos que dificultam a ascendência dessa aristocracia do talento, que parece dever substituir-se às outras influências que até aqui dirigiram o movimento social.

A viscondessa mirou-o, com um olhar penetrante, que talvez se absorvesse na voluptuosa chama com que as feras magnetizam a presa, antes de a despedaçarem nas sôfregas garras.

A comparação exprime talvez a situação de ambos. A viscondessa sabia gozar das amargas delícias que se sentem em praticar certos crimes; fazia o proselitismo da devassidão, como outros o fazem da virtude. É necessário acrescentar, além disso, que ela não era fisicamente insensível, e que Maurício poderia contentar o passageiro capricho de uma mulher *blasée* e um pouco aborrecida.

Num relance adivinhara Maurício: viu que as fadigas morais, que se revelavam no seu rosto, eram o resultado das tempestades da cabeça e não de profundos pesares do coração; que talvez pudesse conhecer a vida na esfera da especulação, mas que nem por isso as suas impressões seriam menos vivas e exaltadas.

Maurício sentia-se sucumbindo diante da viscondessa. Ele que mal se atrevera a levantar os olhos para ela, quando a vira como uma mágica aparição, na sua carruagem, tinha-a agora diante de si, podia confessar-lhe o que ele sentia, prostrar-se aos seus pés num transporte de amor delirante.

Houve um homem d'espírito que, para demonstrar a uma mulher o quanto a adorava, disse simplesmente: *Je vous aime tant que je deviens stupide!*

É o que sentia exatamente Maurício: uma vertigem passara-lhe pelos olhos, e parecia adejar nessas regiões fantásticas aonde às vezes nos levam desvairados sonhos!

A viscondessa era experiente demais para não conhecer seu enleio, e aplaudiu-se dele. Qual é a mulher que se não lisonjeia de homenagens que a convertem em ídolo?

— A sua visita não podia ser mais a propósito — disse ela —, sei que é poeta, e decerto se não recusará a escrever alguns versos no meu *álbum!*

— Estimaria, minha senhora, poder provar-lhe quanto desejo ser-lhe agradável, porém há anos que não faço versos.

— É a política então que o desvia de cultivar as musas? Ou acaso teme comprometer-se pondo o seu nome no *álbum* de uma adversária política?

— Seria levar muito longe o meu melindre, e ao pé de V. Ex.<sup>a</sup> quem se pode lembrar doutra cousa senão de obedecer aos seus desejos!

Um dos sorrisos mais sedutores da viscondessa veio pousar-lhe nos lábios.

— Já me parece lisonjeiro demais apesar dos seus poucos anos!

— Duvida da minha sinceridade?

— Não; admiro o seu talento.

Maurício sentiu um movimento de orgulho ouvindo aquela frase. É a doença moral que os anjos decaídos comunicaram a esses entes mais frágeis, que vieram habitar a terra.

E não devia gloriar-se tão facilmente. O talento pode ser favorecido por um acaso feliz, mas ainda não conquistou a sua supremacia na sociedade moderna.

Há momentos na vida em que se descrê dessa imortalidade intelectual, com que as gerações no futuro sabem remir as injustiças das gerações passadas.

Não era nas palhas dos cárceres de Ferrara que o Tasso podia ler as homenagens que depois, em sua própria vida, alcançou; não era nas dobras do lençol que deu mortalha a Camões que o nobre poeta deveria antever o eminente lugar que obteria na admiração da posteridade; nem os pressentimentos bastam para consolar a alma, nos momentos amargos da vida.

— O que deseja que eu lhe escreva aí — disse Maurício, com voz trémula —, talvez que a sua modéstia se ofendesse se houvesse de dizer tudo quanto sinto, e não me resolvo escrever cousas indiferentes, porque me pesaria não ser sincero!

— Não sabe que, se as suas palavras fossem tomadas à letra, era quase uma declaração o que acabou de dizer? — respondeu a viscondessa rindo.

Maurício corou como uma donzela. A viscondessa bem reconheceu naquele rubor espontâneo a explosão de um vivo sentimento; não quis comprometer-se, continuando; mudou de assunto como mulher experimentada.

— Diga-me, não o inspira este belo dia de inverno, tão suave e bonançoso? Quem se não tornará poeta bafejado pelas doçuras do nosso delicioso clima?

— Os dias, ainda os mais belos, não podem ser apreciados por todos do mesmo modo. As lágrimas não param de correr nas faces de quem padece, nem os desejos de devorar os corações que sofrem.

— Vamos, poupe-me uma declaração democrática; os escritores agora, mesmo tendo o seu talento, quase que reduzem a conversação a um artigo de fundo mais ou menos violento. Bem se conhece que pertence à imprensa militante.

— E se é assim — proferiu Maurício em voz baixa —, se quando só paixões artificiais nos dominam, existem realmente misérias, que não são fantásticas, não criadas pelo pensamento, mas pela horrível realidade!

— Pois acha que os nossos sentimentos são apenas visões da nossa fantasia exacerbada? É uma opinião nada agradável para o nosso amor-próprio — acrescentou a viscondessa com uma certa entonação sentimental.

— Não, é impossível que isso aconteça. As cândidas fisionomias, que nos aparecem alumadas por um raio de bondade divina, devem inspirar-se de elevados e generosos sentimentos!

E Maurício dirigiu à viscondessa um olhar a um tempo respeitoso e apaixonado.

Como é sublime e infinita a felicidade que sente um homem quando tem a esperança de poder viver adorado na alma de uma mulher! Os sentimentos que assim despontam impetuosos no coração têm o vigor dessas plantas que, embora a tempestade faça curvar com o seu sopro onnipotente, erguem depois para a luz que as aviventa a sua mimosa haste de flor.

A viscondessa curvou-se levemente sobre a mesa para folhear um *álbum*. Fingiu que não ouvira as palavras de Maurício, a que

não lhe convinha responder, porque na primeira entrevista julgava prematura uma viagem nas aprazíveis águas do *fleuve du tendre*.

— Era necessário ser mui vaidosa, ou mui crédula para acreditar tudo quanto me têm repetido nas páginas deste *álbum*!

— Um *álbum* não é certamente bastante discreto para receber certas confidências!

— A afetação, o falso entusiasmo são hoje os sentimentos que mais dominam na sociedade! Afirmam, proclamam que sou formosa? Aplicariam a mesma frase a qualquer flor que encontrassem num jardim: os poetas! são homens cuja imaginação se desenvolve e cresce à custa da sensibilidade! A cabeça em breve lhes devora o coração!

Estas argúcias de metafísica sentimental, que as mulheres da sociedade desenvolvem com tão frívola facúndia, não podiam achar um hábil contraditor em Maurício. As afeições verdadeiras são raras vezes eloquentes. Os olhares, os gestos tudo dizem, tudo sabem dizer, a palavra está muda: a voz expira na garganta.

Maurício encostou a cabeça a uma das mãos, e olhou com um olhar de tímida adoração a viscondessa: omnipotente homenagem para uma mulher vaidosa!

A viscondessa sorrindo-se graciosamente apresentou-lhe o *álbum* e, com voz sedutora, disse-lhe:

— Escreva o que mais for do seu gosto... Não me cumpre pôr limites à imaginação brilhante de um poeta!

Maurício sentiu o sangue afluír-lhe ao coração, ouvindo aquelas palavras; alucinado pelo clarão vivíssimo de duas paixões sublimes — a admiração e o amor! — caiu sobre o livro, a que ia confiar o mais íntimo segredo da sua alma!

\* \* \*

Era ao descair da tarde: o sol, meio escondido entre nuvens pouco espessas, alumia o horizonte em clarões de fogo. Hora solene, em que as trevas, de que a natureza se envolve, parecem revelar ao mundo, privado de luz, os vedados mistérios da morte!

Chegado ao limite que divide o dia da noite, o majestoso astro parece parar na sua majestosa carreira; parece dizer um adeus de saudosa despedida ao mundo que acabou de alagar de vivificante luz; desapareceu afinal no seio das ondas.

Qual é o espírito, por menos inclinado a meditar sobre o tremendo problema que está suspenso sobre a existência da humanidade, que se não sinta acometido de vaga melancolia, de involuntária tristeza?

Um vulto de mulher penetrava no cemitério dos Prazeres. Nos seus vestidos de luto, nos seus cabelos em desalinho, nas suas faces pálidas, onde se percebia o sulco de pungentes lágrimas, no seu andar mórbido e vacilante, revelava-se essa agonia íntima, essa dor profunda que já na terra não pode encontrar nem alívio nem conforto.

Ajoelhou piedosamente e ergueu com fervor as mãos para o céu.

Era Paulina.

Ali, sob uma humilde cruz de madeira, sem dístico, nem epitáfio, repousavam as cinzas de seu pai, vítima da miséria; as cinzas de sua mãe, que sucumbira à vergonha de ver sua filha abandonando o lar paterno, para se entregar à devassidão e ao vício!

Tardio vinha o arrependimento! Os preceitos de austera virtude que ouvira na infância estavam já incertos na sua memória, como as sombras vagas que adejam nos delírios de um sonho! Esquecera aquele santo amor de mãe, para se absorver noutro amor mais egoísta, e mais ardente, e esse amor tornara-se para ela uma verdadeira expiação!

Há dores que buscam a solidão porque as consolações banais do mundo não as podem suavizar; o afeto imenso de Paulina, irrefletido talvez, fora fulminado pelo desdém, ultrajado pela ironia cruel do ente por quem tudo sacrificara...

Assim como não há montanha, por mais alta e arrogante, que a tempestade não açoite, também não há humildes vales onde a sua cólera não se manifeste.

Era profunda a mágoa de Paulina, eram pungentes as lágrimas que caíam dos seus olhos! Lembrava-se dos beijos afetuosos de sua mãe, quando junto dela velava nas longas noites de inverno!

Aquele adeus a um sepulcro era o adeus extremo aos seus dias de inocência!

Sonhara ela, também, em vingar-se do homem que a desprezara! Queria algum dia aparecer aos olhos de Maurício com flores na fronte, coroada pela sua ignomínia, rainha da devassidão, e dos venais prazeres!

Pedia perdão àquelas duas almas, não de haver amado, mas de se ir entregar às carícias venais, de ir beber em sôfregos tragos a taça de ignomínia que para sempre a separava do mundo.

Aquela invocação era mais pungente que a do proscrito, quando abandona a terra do seu nascimento, os campos onde brincou nos anos da juventude, sem esperança de os tornar a ver.

O pranto que então se chora deixa nas faces um sulco inflado, e que nunca se apaga! O adeus a um passado de que não somos dignos ecoa terrível como o grito extremo do mártir, quando chama a maldição de Deus sobre a cabeça dos seus algozes.

## CAPÍTULO V DESENGANOS

**A situação de Maurício** experimentara uma completa revolução. Abandonando a política, não viu no horizonte senão a encantadora imagem da viscondessa, entre os prestígios da grandeza e do luxo.

Se o amor, como disse Madame de Staël, é apenas um episódio da vida do homem, e resume toda a vida da mulher, nem por isso é menos do que ele é, como escreve Dryden, a grande mina do coração humano.

O amor de Maurício não era um culto, uma esperança vaga, uma inspiração poética, não anteendo nos seus sonhos mais do que a felicidade suprema de uma adoração silenciosa. Era uma paixão nervosa e lasciva, dessas que fazem correr com ardor o sangue nas veias, e cujas visões abrasam o cérebro e exaltam os sentidos.

Maurício, não pela experiência da vida, mas pela intuição do talento, adivinhara o caráter daquela mulher e, se perdera assim a veneração ideal que de longe lhe consagrava, nem por isso o seu afeto era menos profundo.

Estava no seu quarto fumando em silêncio, entregue a uma vaga abstração. De espaço a espaço levantava-se impaciente para olhar no relógio as horas que o separavam da entrevista

que a viscondessa lhe concedera. A sua agitação era extrema. Tinha febre.

Entrava daí a pouco no seu aposento um dos mais espi-rituosos elegantes da época. D. Afonso era um fidalgo no sentido ideal da palavra. Seguindo com exemplar verdade o mote de *noblesse oblige* — nem por isso deixava de compreender e seguir as ten-dências ilustradas da época em que vivia.

O seu rosto, que realizava em todo o seu esplendor o tipo peninsular, e que unia a graça à energia, retratava a sua alma. De uma inteligência fácil e penetrante, afastara-se, todavia, das lutas políticas, e nesta sua abstenção não entravam nem receios pueris, nem a preguiça; supunha que a sua dignidade lhe proi-bia usar dos meios abjetos, que frequentemente se tornam uma necessidade na vida política.

Bravo até ser temerário, generoso até quase tocar o extremo da prodigalidade, a delicadeza feminina das suas formas em nada diminuía a elegância varonil do seu aspeto. Quem visse aquele corpo franzino domar sem esforço as impaciências de um cavalo fogoso, ou o seu semblante sorrir com altivo desdém em presença de qualquer perigo, imediatamente reconheceria que as eminentes faculdades que o distinguiam nunca pode-riam desenvolver-se numa sociedade que vive quase sem luta, entregue no mórbido letargo que sucede às crises de uma vio-lenta febre.

D. Afonso entrara com uma familiar desenvoltura, cantaro-lando o delicioso dueto de *Guilherme Tell*:

*O ciel! tu sai si Mathilde m'è cara!*

A música combinava tão diretamente com as ideias que agi-tavam Maurício que se levantou subitamente do canapé e olhou fixamente o seu jovem amigo.

— Bravo! O meu canto adquiriu a prerrogativa de trombeta do júizo final, levanta os mortos das campas! — disse D. Afonso a rir.

— Porque escolheste para cantar esse trecho de Rossini? — perguntou Maurício meio enleado.

— Pois não sabes ainda? É a música da moda, e já não há gaiato, nem galego que a não repita pelas ruas e chafarizes.

Maurício sorriu-se. Aquela graciosa animação, aquele ar de elegante desenvoltura, tinham sempre o dom de distrair.

D. Afonso acendeu um charuto e sentou-se como pessoa que se decide a prolongar a visita.

— Então, porque é que ninguém te vê, porque te metes dentro desta toca, prima coirmã das águas-furtadas onde Gilbert fazia versos e morria de fome?

— Não posso perder tempo. Trabalho em obra importante.

— Desculpa infalível de todos os poetas... namorados. Ninguém te há de acreditar. O motivo da tua reclusão é já conhecido, estás dominado por uma paixão, e a ponto de inspirares outra...

— Como te veio semelhante ideia? — perguntou Maurício com ansiedade.

— Olha: deixemo-nos de rodeios; sei quem é; e declaro-te que enquanto à formosura é a viscondessa digna do amor de Tasso ou de Petrarca; mas duvido que lhe bata alguma cousa debaixo do seu seio esquerdo... Digo-te que ama em ti um *specimen* de paixão devoradora, que, rugindo como a cratera do Vesúvio, lhe dá ocasião para estudar ao vivo os mistérios dos sentimentos...

— É uma sessão de espírito, a que vou assistir?

— Não, é a visita de um médico... de almas simpáticas.

— Vieste tarde — disse Maurício de modo triste —, já não me podes salvar... Amo-a como nunca amei, como se não pode amar outra mulher no mundo.

— Lamento o teu destino — disse D. Afonso com um tom triste —, aquelas mulheres não se vencem senão pelo cálculo e pelo sangue-frio; quando te repetir que te ama, que não podia calar no peito o segredo do seu amor, se lhe apalpaes o coração, há de vê-lo bater pacificamente, sem uma pulsação mais forte!

— Que queres então?... Este amor foi uma fatalidade, que nem a minha inteligência nem a minha vontade puderam

dominar. Já viste um viajante olhar voluptuosamente um abismo, e não poder desfitar os olhos que a vertigem deslumbra. Assim me aconteceu a mim. Vivo só com um pensamento, abraça-me uma só ideia, não tenho mais que um desejo!

— E se eu te apresentar essa mulher como ela na verdade é, mais infame do que as mulheres perdidas, que a história marcou com o ferrete da ignomínia; as Dubarrys, e as Marions de Lorme são inocentes comparadas com essa mulher!

Maurício escutava avidamente aquelas palavras. Se não par-tissem dos lábios de um homem, que ele amava como um irmão, que ele respeitava como um daqueles raros caracteres que a men-tira nunca mancha, talvez não pudesse resistir ao ressentimento que as suas palavras lhe produziam. Fatais paixões, cuja história Prévost superiormente nos transmite no seu romance de *Manon Lescaut*. É que o fogo da sua indignação não era bastante para sufocar os delírios do seu amor. Ouvira o que o seu amigo lhe dissera, e a imagem daquela mulher adejava-lhe na imaginação, bela e idolatrada como sempre, e os seus lábios sorveriam com delícias os seus beijos embora entre ele e ela se erguesse a ima-gem dos seus passados amores!

D. Afonso começava a sua história.

— Sobre a cabeça daquela mulher pesa um grande crime. É moralmente matricida, e fez descer ao túmulo, no verdor dos anos e entre acerbas agonias, a sua própria filha.

— Acaso se ignora esse facto? — perguntou Maurício.

— Todos o sabem; é um daqueles crimes públicos, sabidos, comentados, sobre o qual a sociedade dissertou três dias, e que tão facilmente esqueceu como as modas que já se vão tornando velhas!

— E vive essa mulher risonha e satisfeita, no seio da ostenta-ção e do luxo!

— Os olhos da lei apenas veem o crime nas feridas do mori-bundo, ou sobre os veios lívidos que o veneno faz aparecer sobre os membros do cadáver. Sua filha expirou, moralmente assassi-nada por sua mãe, mas o sepulcro é discreto.

— Conta-me! conta-me tudo! — exclamou Maurício.

— A filha da viscondessa era uma destas organizações angélicas, que vivem sempre estranhas no meio da atmosfera corrupta da nossa civilização. No coração, gasto e extenuado, da viscondessa despontou um terrível ciúme. As adorações do mundo, que outrora lhe eram exclusivamente dirigidas, também faziam corar as faces virginais de sua filha. Em vez de ter orgulho dessas homenagens, não viu naquele anjo senão uma rival importuna, e resolveu vingar-se dela. A sua vingança foi completa. Houve um mancebo que se apaixonou por sua filha. Pediu-a a sua mãe, e estava já marcado o dia do casamento. A viscondessa facilmente o fez mudar de resolução e de amor, e um dia a inocente menina teve plena prova de que era atraída. Semimorta de dor e vergonha, devorou em silêncio a sua angústia, e não sobreviveu muito tempo a este golpe. Extinguiu-se aos quinze anos, como as flores efêmeras que despontam ao nascer da aurora, e que as brisas da tarde desfolham nos campos abrasados pelos ardentes calores do estio.

— E a viscondessa não teve remorsos? — perguntou Maurício com ansiedade.

— Depois de receber, segundo o estilo, os pêsames, vi-a dançar uma valsa a dois tempos com admirável ligeireza — respondeu D. Afonso concisamente.

— E continuou a ser recebida na sociedade, não houve ninguém que a fulminasse com o seu desprezo?

— Inocente mancebo! Ninguém trata com menos respeito uma mulher, que aparece brilhando com joias e diamantes, e se sabe tocar com grinaldas da última moda! O sangue de sua filha não manchava os seus vestidos, e os médicos, com a rara penetração que os caracteriza, tiveram o cuidado de afirmar que a frágil donzela sucumbira a uma tísica pulmonar, formalmente caracterizada!

— Oh! Meu Deus! — bradou Maurício com desespero — e pude... e posso amar ainda essa mulher!

— E enriquecer o seu livro com uns inspirados versos! — disse D. Afonso lançando os olhos sobre o que Maurício havia escrito;

são realmente dignos do objeto, e Byron não os escreveria com mais ardente sentimento:

*São negros esses teus olhos  
São azuis, negros ou não?  
Nem cor do céu, nem da noite  
Nem verdes! Então que são?  
São olhos que têm tais cores,  
Que prendem como condão!*

*Os negros são aziagos  
Os verdes não têm valor!  
Os azuis que são celestes  
Nunca revelam amor!  
Nenhuns olhos se parecem  
Com os teus olhos na cor!*

*Eu vi-os! Porque os veria  
Se me vieram prender?!  
Se os segredos que eles dizem  
Ninguém os pode saber!...  
Se os desejos que eles trazem  
Não gozá-los — é morrer?*

*Eu amo a luz dos teus olhos  
Amo-lhe as cores que têm  
Até lhe adoro os segredos  
Que louco — preso me têm!  
As emoções que eles fazem  
Nunca as senti por ninguém.*

*Anjo do céu, tu serias  
Cá na terra um serafim  
Mas quem sabe se esses olhos  
Nunca me entendem a mim?*

*Se às falas que os meus lhes dizem  
Nunca lhes respondem — sim.*

*Que importa! Não quero outros  
Porque outros não quero amar!  
Porque os teus dizem amores  
Até no mais vago olhar!  
Porque olhos assim não podem  
Os meus olhos enganar!*

*Se me enganarem — no mundo  
Nunca outros quererei  
Porque nos teus creio tanto  
Como em Deus acreditei!  
Depois de tê-los perdido  
Sem pesar acabarei...*

Maurício levantou-se para rasgar a página do *álbum*. Com as faces acendidas em rubor, o coração palpitava-lhe movido pela indignação, e pela raiva. D. Afonso sorriu com ironia ao ver o seu despeito e arrancou-lhe o *álbum* das mãos.

— Olha bem! Uma página rasgada no *álbum* da viscondessa ser-te-ia tão fatal como a letra que Gennaro arrancou do nome de Bórgia da fachada do palácio do Grão-Duque de Ferrara.

— Se a sociedade é tão infame que não cobre de ignomínia essa mulher, terei eu a coragem de lhe tirar a máscara e de proclamar a sua infâmia.

— E quem és tu para lhe lançares a luva, talento obscuro, que vendes os sonhos generosos da tua alma à curiosidade frívola desse mundo que desprezas? Na vida, não há senão dois caminhos, a obediência ou a revolta. Revolta? Onde está a tua força? Quem jura nas tuas palavras, quem ouviria com convicção os teus protestos? Byron era um *lord*, era um grande poeta, coroado pela dupla auréola de um nascimento ilustre e de um engenho que atingia os limites do génio, e mal pôde alcançar um

túmulo nas praias dessa Grécia, a que oferecera o seu sangue e a sua espada! A tua ação era de uma alma elevada e generosa, e havias de ser por ela aniquilado; serias talvez um herói aos olhos da consciência, tornavas-te ridículo em presença do senso comum!

Maurício caiu desfalecido no canapé, e soluçou num choro sem lágrimas; era uma tempestade semelhante àquelas que rebentam em pleno estio, que iluminam de fitas inflamadas o horizonte, sem que as nuvens carregadas de eletricidade se desfaçam em chuva. Reconhecia como se tornara impotente no seio da sociedade. Bem compreendia que aquelas palavras eram a exata expressão da verdade. Nas épocas corruptas, a luta embora heroica não escapa ao ridículo. As vocações desamparadas pela opinião hão de tornar-se servas dos preconceitos do mundo. Os talentos curvam-se para que não fiquem esmagados.

— A tudo sou capaz de atrever-me! — exclamou Maurício — embora me odeiem, me condenem e se riam de mim! O sentimento da minha dignidade me indenizará de tudo.

— Cairás, e ninguém deplorará a tua queda.

— Queres então que apele para o suicídio?

— Nem à custa dele alcançarias a menor celebridade. Num grande país como a Inglaterra pode um poeta, como foi Chatterton, conseguir que o seu sangue caia sobre a cabeça dos que o perseguiram, ou o abandonaram, e que a voz da posterioridade fulmine os que não souberam compadecer-se das suas angústias. Entre nós, diriam que não tiveras coragem para suportar a miséria e que cederas ao despeito de não poderes cativar o afeto de uma mulher!

Maurício levantou-se e, aproximando-se da janela, pôs-se a olhar as leves nuvens, que o vento fazia girar no céu.

— Deixas-me no meio da minha narração? E não queres ouvir o resto?

— Acaba essa maravilhosa história — exclamou Maurício sorrindo com visível esforço —, é indispensável conhecer a crónica da sociedade, para que as nossas cândidas ilusões se não percam!

— Pois bem, esse homem, que vira morrer diante dos seus olhos aquela inocente vítima, que tanto o amara, que contemplara sem remorso a lenta agonia que a aproximava do túmulo, não se gozou por muito tempo do amor da viscondessa. O anjo converteu-se num relance em tigre. Um dia, confessou-lhe, num momento de tédio e fastio, o motivo que a levava a aceitá-lo como amante; escarneceu da sua credulidade e da sua vaidosa inconstância; e, quebrando com ele todas as relações, teve a audácia de declarar aos seus íntimos que o não recebia em sua casa, por ter ousado fazer-lhe uma declaração. Devorado pelos remorsos, repellido pela sociedade e contemplando com todo o horror a vil ação que cometera, o infeliz alistou-se no exército português que partia para Espanha e teve a felicidade de morrer num combate. A viscondessa alcançou um completo triunfo. O único ente que poderia arrancar-lhe do rosto a máscara de virtude, e apresentá-la vergada pela infâmia, como a Lucrecia Borgia do grande poeta francês, nunca mais se soube dele.

— E como pudeste descobrir os mistérios desse drama íntimo? — perguntou Maurício.

— Fui seu companheiro na guerra, e tudo me revelou nos últimos dias em que passamos juntos. Amava-a ainda, apesar da sua infame traição! Tal é a influência irresistível que certas organizações femininas exercem sobre homens daquela índole. Vira-a hedionda e repugnante como as Bacantes da antiguidade, e recordava-se com delícias dos momentos em que ela se sorria para ele terna e apaixonada!

— Caminho para o mesmo abismo. Separado dos meus amigos políticos, vejo-me quase a ponto de pertencer a uma facção, cujas ideias não abraço e cujos sentimentos detesto. Já me é quase impossível recuar. Não acreditariam a minha conversão. Hei de escrever para me alimentar! Escrever, pensar para os outros... — horrível prostituição da inteligência! — eis a situação a que me reduziu essa mulher!

— Não pares, já que andaste tanto. Seria tardio o arrependimento. Bebe o cálix que te ofertaram com coragem. Movido

por uma fatal paixão, esqueceste os teus deveres, e nunca te hão de perdoar.

— Que hei de eu fazer então?

— Para que te serve o orgulho? O mundo segue o carro do triunfador e aplaude, tarde ou cedo, os que são bem-sucedidos. Milhares de bocas acusadoras seguiriam o teu exemplo, e não se venderam ainda porque naturalmente não tiveram a dita de achar comprador.

— Triste consolação é essa! — exclamou Maurício com desalento. — Arremessar aos pés de uma mulher o prestígio de um nome, os sonhos queridos, uma vida inteira, quando essa mulher possui um coração para avaliar o sacrifício, é pouco, é nada, em presença de um amor verdadeiro! Mas ela apenas desejou atrelar ao seu carro mais um mísero vencido, e rir-se-á vendo que os impulsos da minha vontade nada podem contra a violência da paixão que lhe consagro! E sinto que ainda a amo, e estremeço quando ouço o som das suas meigas palavras; tenho impressos na mente aquele sorriso e aquele olhar que endoidecem, e que fascinam.

— Lutas indignas de um talento superior, e ao qual a adversidade deveria ter ensinado! Sofre que o mereces — exclamou D. Afonso com ar solene —, expiarás o teu delito, tornando-te o ludíbrio dessa ignóbil mulher!

## CAPÍTULO VI PARA QUE SERVE UMA CAMÉLIA?

**Não será exigir do leitor** um grande sacrifício, se lhe pedirmos que nos acompanhe a um baile. É um espetáculo tão trivial na vida como nos romances e, desde os vasos de flores que ornaram a entrada até aos lustres que iluminam as salas, os opulentos reposteiros que as dividem, nada tem escapado à análise dos numerosos cultores dessa deusa implacável, que se denomina publicidade.

Um baile, todavia, tem uma grande influência nos destinos da sociedade elegante. Quantos dramas se não começam e se não continuam ao som da orquestra que convida os dançadores a uma valsa; quantas fúrias se não acendem, entre os monossílabos de uma conversação aparentemente frívola, quantas agonias, nascidas da inveja ou do ciúme se não disfarçam, com um mavioso sorriso, ou se procuram esquecer, nos movimentos agitados da dança.

As revoluções do mundo moral assemelham-se às do mundo físico: se a crosta superficial da terra arrefecendo produz essas maravilhas que nos encantam a vista, nem por isso se lhe agitam com menos vigor no seio elementos de destruição, que às vezes fazem desaparecer cidades como Herculano e Pompeia, ou reduzem a ruínas capitais como Nápoles e Lisboa. Se num

baile o homem demonstra o alto grau de civilização que pôde atingir, moderando as suas paixões e os seus desejos, é evidente que, nessa aparente serenidade, se dissimulam frequentemente as mais furiosas tempestades morais.

A viscondessa abria as suas salas, e desde logo amigos e inimigos todos se haviam apressado em reconciliar-se com ela, para terem o prazer de assistir ao seu baile. Não há ódio nem ressentimento que resista a um gracioso convite. Se Lugarto, o fusco tirano do romance *Mathilde*, de Eugénio Sue, existisse realmente no mundo, como existem malvados menos completos na sua depravação, mas não menos nocivos, dispendo dos seus cinco milhões, havia de ser aplaudido e festejado, e teria um cortejo de admiradores. A tendência geral é a adoração da riqueza. Os hebreus no deserto não se prostravam com maior veneração diante do bezerro de ouro do que as mães que têm filhas para casar diante do mais estúpido milionário. Há mulheres que se sentem realmente animadas de grande coragem para domesticar os monstros mais ferozes, e para realizarem a legenda de *la belle et la bête*.

Poucos espíritos resistem às seduções de um baile. *On rencontrera tout ce qu'il y a de mieux dans la société* — era a frase que rapidamente circulava nas *coteries* do mundo elegante. Seria realmente um grave delito contra o bom-tom não tomar um copo de neve nas salas da viscondessa.

A rainha da festa estava entregue a uma prodigiosa animação... espirituosa. Parecia que por milagre fora restituída aos seus dezoito anos. Ornara os lábios com o seu sorriso mais sedutor, e os olhos pareciam estar absorvidos numa vaga abstração. Umás vezes, lânguida e abatida, parecia que as palavras lhe saíam com o hálito embalsamado; outras vezes, falava com uma precipitação febril, dando à voz uma entonação apaixonada e vibrante.

Maurício não podia deixar de aparecer no baile. Pálido, com os cabelos em desalinho, com os olhos abrasados de paixão, e de cólera, sentia o peito devorado pelos mais opostos sentimentos.

Encostado à ombreira da porta, posição que os Otelos escolhem de preferência, os seus olhos dirigiam-se para os grupos que circulavam, com uma expressão de silenciosa ameaça. Se a natureza lhe houvesse concedido as forças de Sansão, talvez não hesitasse como o heroico hebreu em abalar a coluna do templo, para morrer vingado sob as suas ruínas.

A viscondessa sentiu, ao vê-lo, um sentimento de vaga curiosidade, e reconheceu que o poeta estava acometido de verdadeira paixão. Dirigiu-se para o lugar onde ele estava e, movendo com intenção o ramalhete, deixou cair uma camélia.

Maurício teve ao princípio o desejo de beijar a pobre flor abandonada, de a apertar ao coração, para depois lhe arrancar as folhas, pisando-as aos pés com desprezo; mas, impellido pelo desejo de se aproximar da viscondessa, com um motivo plausível, apanhou a camélia e foi oferecer-lha.

Não encontrou a viscondessa de sobressalto. Era mestra já nestas táticas de galanteio, que ocupam os mortais desde o princípio do mundo. Retirada para uma sala anterior, descansava com languidez sobre um sofá, com a cabeça morbidamente encostada à mão, com os olhos baixos como se não pudesse resistir ao cansaço que a oprimia: era a imagem de uma sultana favorita, que os prazeres monótonos do harém enfastiam.

— Venho trazer-lhe, senhora viscondessa, a camélia que há pouco deixou cair do ramalhete — disse Maurício com voz pausada.

— É uma camélia vermelha! O vermelho é a cor da guerra — respondeu a viscondessa, estendendo a mão e tomando a flor.

— É a cor do sangue! Se fosse branca, podia ser o símbolo da inocência! — exclamou Maurício com uma pronunciada intenção.

— E podia acontecer assim! As lágrimas da dor tudo podem expiar! — disse a viscondessa com entonação melancólica.

— Nem todas as faltas se apagam com o pranto... e há crimes que Deus perdoa talvez, mas que o arrependimento não pode remir! — acrescentou Maurício com voz trémula e convulsa.

A viscondessa, apesar do seu sangue-frio, tornou-se pálida. Olhou fitamente Maurício, para conhecer até que ponto podia desvanecer as apreensões que lhe dominavam o espírito; um sorriso acudiu aos seus lábios; conheceu que lhe seria fácil conseguir a vitória.

— As lágrimas só valem quando de todo morreu a esperança! — disse ela.

— E quando já se descrê do amor? Quando se teme aspirar o hálito que nos embriaga, fitar os olhos que nos enfeitam, e se retiram os lábios dos beijos que nos poderiam realizar tão suaves delícias! Quem sabe se essa flor, que sentira as pulsações de um coração que se ansiava possuir, não esteve a ponto de ser arre-messada no meio das salas, para se desfolhar entre os pés dos dançadores.

— Cruel pensamento teve! — exclamou a viscondessa com ironia.

— E talvez fizesse mal em o não executar! Há pressentimentos que não enganam; e apesar do grato aroma que exala a *man-cenilla*, ai do viajante que adormece à sombra da sua frondosa ramagem.

— Dou-lhe os parabéns pela poesia da imagem; mas não creio que dê a morte aos que de mim se aproximam... Com tão fatal prerrogativa, em breve ficaria isolada e sozinha.

— Oh! Senhora viscondessa — exclamou Maurício com energia —, há quem afirme que há páginas no seu passado tão vermelhas de sangue como a cor dessa camélia!

— Acusa-me! Ofende uma mulher na sua própria casa, quando essa mulher o acolhia com toda a consideração e simpatia, e devia esperar, em vez de expressões amargas, ao menos uma palavra consoladora! De ninguém o estranho mais do que daquele a quem consagrara um profundo afeto e que mo retribui com suspeitas injuriosas!

Maurício quisera fechar os olhos para a não ver, tornar surdos os ouvidos para a não ouvir; a fingida emoção com que haviam sido proferidas aquelas palavras tornaram-no delirante;

caiu aos pés da viscondessa e tocou com os lábios as tranças soltas do seu cabelo.

— Será esse um beijo de reconciliação e de paz? — disse a viscondessa com meiga e ingénua voz.

Maurício teve alento para dominar os seus sentidos abraçados; as palavras solenes e severas que D. Afonso lhe repetira repercutiram-se-lhe aos ouvidos, e levantou-se num violento e supremo esforço.

— Devemos ficar estranhos um ao outro! — repetiu ele com um modo triste. — Entre nós não pode haver nem amor, nem ódio. Seja apenas o esquecimento!

— Esquecê-lo! Quem é que pode dominar o coração, e arrancar viva d'alma a esperança dum amor, que se anunciava tão ardente!

— Louco seria o que confiasse nas promessas que se profere, e o coração não ratifica, e nos juramentos, que duram tão rápidos como o som das palavras!

— Bem vejo — exclamou a viscondessa assumindo um ar solene — que me caluniaram aos seus olhos, que deturpam o meu carácter, que envenenaram os atos mais inocentes da minha vida! Espere-me aqui, depois de findo o baile, e conto que hei de justificar-me!

\* \* \*

Os convidados haviam-se retirado. As salas estavam completamente vazias. Os primeiros clarões do dia penetravam pelas aberturas das janelas, patenteando a desordem que sucede às agitações de um baile. O pavimento estava juncado de flores; os ramalhetes esquecidos sobre as poltronas e sofás.

A viscondessa, apesar da palidez que as fadigas e emoções da noite lhe haviam derramado no rosto, dos seus cabelos em desalinho, do seu ar abatido e dos olhos lânguidos, mostrava-se bela, como uma flor robusta, que resiste aos furores da tormenta; a brancura transparente das faces sobressaía nas cores vivas da

*console* onde se sentara, como o lírio entre as rubras e opulentas camélias.

— Estou muito cansada! — disse ela, levando a mão à testa e deixando pender a cabeça com frouxo desalento. — Devo parecer-lhe desfigurada, não é assim? É grande prova de confiança afrontar os primeiros raios da aurora diante de qualquer homem a quem desejamos agradar.

— Não tenha receio, viscondessa — respondeu Maurício com um certo tom de ironia —, as flores sempre se ostentam mais formosas ao romper da madrugada, quando começam a erguer as pétalas húmidas do orvalho da noite para o sol que desponta no horizonte!

— Se a poesia nos seduz o espírito — disse a viscondessa —, raras vezes a podemos supor sincera! Quando é que os lábios de um poeta revelaram o afeto que sentia o coração?

— Então concede só aos homens de inferior inteligência o privilégio do amor?

— É que nós, as mulheres, temos ciúme das paixões que engrandecem a nossos olhos o homem que preferimos. Aspiramos a reinar no seu coração, exclusivamente; é que quando vemos no seu rosto qualquer pensamento que nos não pertença o nosso sentimento fica ofendido!

— Que pensamento descobriu em mim que lhe desagrade? — disse Maurício afastando os cabelos que lhe caíam sobre a frente.

— A ambição; e para o homem dominado por essa paixão insaciável o amor não poderá ser senão uma preocupação passageira e efêmera! Quando a vida política afrouxa, quando as lutas se moderam no seio da tranquilidade e da paz, amam talvez para darem pasto à energia das suas faculdades. Mas qual será a mulher que poderá apoderar-se inteiramente da sua alma e tornar-se a mais suave esperança da sua existência?

— E não será a ambição da mulher, nesse caso, ainda mais exclusiva, exigindo o nosso sacrifício tão completo?

A viscondessa nada respondeu; depois, como acometida duma ideia, apoderou-se do braço de Maurício e, falando-lhe, com voz pausada e maviosa, disse-lhe:

— Como se pode crer num amor, que desde o princípio se mostra sem fé; na firmeza de um coração, que acusa a mulher que ama; e que, em vez de repelir, acolhe horríveis calúnias com que têm amargurado a sua vida!

— Há momentos em que toda a dúvida desaparece, quando se ouve a voz de um homem que se estima deveras, repetindo-nos com tom solene cousas que outra boca não podia proferir sem que nos arrancassem primeiro a vida! Quando a mulher que acreditávamos pura e santa perde a sua auréola de virtude, que nos resta senão deplorar a perda das ilusões, que nos encantavam a imaginação!

— Há muito que me teria afastado do mundo, se esta resolução não pudesse confirmar as ignóbeis acusações com que ousam ultrajar-me! As mãos hão de fazer justiça ao meu coração.

— Talvez — exclamou Maurício.

— A minha dignidade proíbe-me o revelar-lhe a infâmia desse homem que quiseram transformar em vítima dos meus caprichos!

— Pois não o amou?

Um movimento de cólera tornou lívidas as faces da viscondessa. Depois, contendo este primeiro e involuntário movimento, caiu sobre o sofá sufocada em lágrimas.

Maurício enterneceu-se e, pegando-lhe na mão, levou-a aos lábios com uma piedosa ternura.

— A sociedade é implacável e infame — disse ela com voz afogada em pranto — e quando uma vez ofendeu uma reputação, embora injustamente, repele tudo quanto a possa reabilitar. Minha filha, se nos ouve, bem sabe se estou ou não inocente, as lágrimas que derramei sobre o seu miserável destino, as tentativas que fiz para a reconciliar com esse infame que a abandonou!

E, fechando os olhos, deixou cair com languidez a cabeça sobre o ombro de Maurício. Depois, as lágrimas caíram-lhe como pérolas fio a fio pelo rosto.

Maurício sorveu aquelas lágrimas em sôfregos beijos. A sinistra visão da filha imolada ao ciúme daquela mulher desvaneceu-se-lhe da imaginação. As chamas da sua paixão purificaram-na; e entre inebriantes carícias esqueceu os seus sinistros pressentimentos...

## CAPÍTULO VII

### ANJO, MULHER E DEMÓNIO

MAURÍCIO A D. AFONSO

**Pegando na pena para te escrever**, cedo à irresistível simpatia que desde os meus primeiros passos na vida me aproximaram de ti, à necessidade de vaziar num coração amigo os pungentes pensamentos que me agitam e devoram!

Se a ambição, para algumas almas, é uma lenta agonia, ao menos é animada pela esperança, e as ilusões não desfalecem, quando os acontecimentos mais ou menos favorecem essa insaciável paixão.

Suplício sem nome, nas lutas tremendas da vida, é sentir um vácuo imenso dentro d'alma, é ver a dúvida roendo-nos as crenças, como os vermes os cadáveres no fundo dos sepulcros; é quando o nosso espírito diz ao coração que as suas ardentes inspirações são absurdos delírios, que os pensamentos de felicidade pertencem ao mundo dos vagos sonhos.

Feliz época era aquela em que os homens podiam empregar a atividade do seu espírito, explorando os mares ignorados do Oceano ou penetrando com aventureiro heroísmo nos desertos do Novo Mundo.

Amo agora de novo, com apaixonado delírio, com supersticiosa adoração. Dera todo o meu sangue para alcançar um olhar

piadoso dos seus olhos; todos os perigos afrontaria, para beijar com santa veneração a orla do seu vestido, quando ela serena e devotamente ajoelha, elevando as mãos ao céu e orando!

Mas é possível porventura amar com confiança, quando se não acredita na eternidade das afeições humanas? E todavia como é suave o perfume dum puro amor! Como é doce repousar dos cuidados da vida sobre um coração terno e fiel!

Mas poderá ela amar-me algum dia? Milhares de obstáculos nos separam; a minha coragem desfalece, quando contemplo os preconceitos, as mesquinhas considerações, as fofas e ocas soberbas, que tendem a afastar-nos um do outro.

Deus ter-nos-ia proibido sofrer e amar ao mesmo tempo? Será necessário destruir as aspirações da alma para dar energia à inteligência? Deveremos calar a voz da razão, para nos entregarmos, imprevidentes e confiados, às delícias do amor? Embora os mares estejam embravecidos, afrontarei a tempestade; embora os baixios levantem no seio das ondas, hei de largar as velas ao meu frágil baixel! Oh! Não receies, mulher, que verteste, na minha solidão, o bálsamo de um divino sentimento; não o deixarei perder; encerrá-lo-ei no coração, como uma preciosa essência!

O espírito hesita perante estas cruéis dúvidas. Embora o afeto nos rebente poderoso no peito, os céus da esperança tornam-se sombrios e anuviados. É necessário sufocar as nobres ambições que o mundo não compreende. E quem me pode assegurar — ai de mim! — que a hora da posse não venha destruir as minhas férvidas ilusões? Quantas vezes o leito onde encontramos o prazer não se converte no túmulo da adoração, que absorvia a nossa alma? Alente-me o orgulho, este orgulho que se alimenta de acerbos dores, como o dos anjos decaídos, que a cólera de Deus fulminou!

Talvez estranhes a minha inconstância, a prodigalidade excessiva destes afetos, que variam ao sabor de uma caprichosa sensibilidade. Quem pode adorar um ídolo abatido e aviltado pela infâmia? Amar, sem que o objeto do nosso culto se eleve

pela grandeza do espírito, pela excelência do coração, é a mais horrível das abdições morais.

Quando já nada temos a invocar no céu, deseja-se que na terra não desapareça de todo a luz da crença. É a alma do ímpio que com maior fervor é atraída para as ilusões de um vago ideal. As estrelas apagam-se no azul do firmamento: espessas sombras roubam-nos o esplendor dos astros; o vento devastador da tempestade despe os campos das flores que o matizavam; mas a nossa vigorosa esperança resiste a estes quadros de fúnebre desolação!

Julgas acaso que não tenho remorsos, quando a imagem de Paulina se ergue no meio das minhas meditações?

Não nos podíamos compreender. Nem as agonias da minha alma, nem os delírios da minha inteligência exacerbada encontravam eco no seu coração!

Fui cruel, fui decerto egoísta: abandonei-a sem uma palavra de piedosa despedida — sem um adeus sequer! Vi-a chorar e não lhe enxuguei o pranto que das faces lhe corria; vi-a sucumbir à dor, pálida, quase moribunda, e não a apertei ao coração para a reanimar!

Nesse momento solene, o desespero apoderara-se da minha alma com violência, os meus olhos não tinham lágrimas para derramar; os instintos da humanidade eram absorvidos pelo meu próprio sofrimento. Gelara-se-me o sangue nas veias; as artérias já não palpitavam, a minha mente estava entorpecida; convertira-me numa dessas estátuas, que, borbulhando ainda no molde, são de repente arrefecidas por uma fria rajada de vento.

Quem me dera poder consolá-la, obter o perdão do meu crime e saber que se resignava ao seu martírio?

Teria talvez, nesta nossa fatal união, um papel sublime a representar. Porque não poderia eu abraçar a existência modesta, que Paulina podia viver comigo? Porque não pude eu repelir as esperanças que me abrasavam a mente?

E de que lhe valia, a ela, esta ignorada luta com as ambições da minha alma?

Oh! Maldigo o instante em que, fascinado pela sua beleza e candura, pela inocência das suas meigas palavras, lhe repeti protestos ardentes entre inflamados beijos! Como o voraz abutre, despedacei nas minhas garras a frágil pomba; e, arrancando-a às carícias de uma mãe adorada, não pude com o meu amor substituir o mais extremoso e exclusivo de todos os afetos — o amor maternal!

A quem devo eu acusar desta tremenda decepção? Cingia ao meu peito uma mulher, e não a companheira das minhas penas vigílias! A cruz era muito pesada para as minhas débeis forças; prostrado e abatido, não havia mão piedosa que tornasse mais suave o meu caminho entre as íngremes e ásperas deveras.

Nos meus sonhos ainda a contemplo como quando lhe disse o último adeus, e a vi cair aos meus pés fulminada pela dor! Mas que podia ela fazer por mim? Onde havia de encontrar um coração que saciasse os meus ambiciosos desejos! O que queria eu? Uma alma que se absorvesse com a minha numa mesma adoração. Tal alma não existe nem pode existir neste mundo. O anjo melodioso que comigo canta e padece há de voar para o céu solitário e triste!

O amor da viscondessa, que despontou no meu peito delirante e frenético, veio exacerbar a febre que me devorava! Tive a audácia de desprezar os teus conselhos, e de contemplar as suas mãos, manchadas pelo sangue, e as suas faces onde se via ainda impressos os beijos dos seus amantes!

E não corei de mim mesmo, e acreditei nos meus devaneios, que as estátuas, frias e inanimadas, se poderiam animar de vida como a Galateia ao sopro onnipotente de um apaixonado artista!

Se a visses, como eu a vi, ao clarão das luzes de um baile, dirias que era bela, divinamente bela essa mulher! Nos olhos negros cintilava esse raio de inteligência que aviva e completa a formosura. O perfil que tinha alguma cousa de imperioso e arrogante denunciava uma dessas organizações enérgicas, criadas para os amores vulcânicos. Quando as tranças do seu cabelo lhe caíam em grossos anéis pelo colo altivo e esbelto, tomava o seu

vulto o aspeto de uma dessas antigas romanas, em cujo robusto coração ardia o sentimento da pátria a par da ternura da mulher!

Desmaiar de íntimo e voluptuoso prazer aos pés de uma amante querida, estremecer bafejado pelo seu hálito embalsamado, sentir as lágrimas vertidas pelo amor enxutas pelos seus cabelos, e acordar nos braços de uma mulher insensível, tornar-me instrumento de um efémero capricho, contentar os bastardos desejos dos seus sentidos... Adorar a estrela, e não poder beijar senão o seu pálido reflexo nas águas negras do lago embravecido pela tormenta!

Fuja-me do pensamento esta recordação impura! Elevarei o pensamento até às regiões etéreas onde adejam as esperanças divinas!

Era num dos dias da Semana Santa. Divagava sem destino pela cidade. Nas igrejas celebravam-se os officios divinos. Entrei. As abóbadas ressoavam com o som de harmoniosas vozes. Apesar da semiobscuridade que reinava naquele recinto, em breve os meus olhos começaram a distinguir a multidão ajoelhada e contrita.

Sobre um dos degraus da teia estava um vulto de mulher, de vestidos negros, com os olhos em alvo, com as mãos erguidas, com os lábios entreabertos e orando. Não poderia ter mais de dezassete anos; e a sua formosura seria só comparável a essas virgens com que o pincel arrojado de Murillo povoou os templos da sua encantada pátria.

Não ta posso descrever miudamente. Tenho-a retratada na memória, contemplo a sua imagem em sonhos, e todavia vaga e indistinta. É a cabeça de um anjo sobre o corpo de uma fada. Amei-a apenas a vi, e que cousa há no mundo que possa substituir a exaltação e a embriaguez do amor? Quando essa divina chama nos ilumina, que valem os pensamentos de glória, as aclamações que se perdem sem eco, na imensa amplidão do espaço?

Agora nasceu para mim um suplício intenso, contínuo, devorador — a incerteza! Se eu me soubesse amado, se ela lançasse

sobre a minha vida um olhar de piedade, que me valia morrer depois, com o pressentimento da felicidade no coração?... A morte é às vezes a mãe terna, que vem cerrar os olhos ao filho abatido pelo cansaço, e que sorri no sono às suas carícias extremosas!

Terei eu, como os personagens de Byron, a ciência do desespero unida à mocidade da vida? Já estará a minha alma desencantada e estéril, antes de se haver banhado nos delírios sublimes do sentimento?

Oh! não! o que pesa sobre mim é a fatalidade das paixões, mais poderosa que a fatalidade do destino. Eu tenho o espírito devorado de cruento ceticismo, e o coração ainda viçoso de ilusões e de esperanças. Se ele me palpita insofrido no peito!... Se ele quer despedaçar a cadeia que o prende ao finito da matéria, para se elevar aos espaços infinitos da idealidade e do amor!

E não queres que acredite que a mulher é uma religião tão santa, tão sublime como a da imortalidade — que, se um homem a perde um dia, cai-lhe da frente essa coroa soberana, que lhe concedeu a realeza na terra?

A glória não basta para satisfazer as ambições do nosso espírito! As suas coroas murcham breve! O eco das aclamações rapidamente expira no silêncio.

E de que vale o entusiasmo, quando não parte espontâneo do coração? A todos os grandes feitos apenas sobrevive um nome: Alexandre a Arbelle, César a Farsália, Bonaparte a Austerlitz.

Sei que nunca terei a coragem de lhe revelar este segredo: há entre nós um abismo — é o meu orgulho. Se o seu nome é nobre, o meu poderia tornar-se ilustre, se porventura o destino me tivesse feito nascer numa terra propícia a animar as vocações esperançosas.

Embora! Há encantos no padecer, e os tormentos têm em si o próprio lenitivo. Felizes os que sofrem porque já contemplaram as perspectivas da felicidade! Só os olhos que viram a luz se cerram dolorosamente, quando as trevas se aproximam!

E não é acaso venturosa a flor que, arrancada da haste delicada e flutuando na corrente impetuosa do rio, teve lábios que

a aspirassem um momento, embriagando-se nas voluptuosas emanações do seu perfume!

Sem estes desejos de que valeria a vida? Vegetava-se estupidamente; arrastávamo-nos sobre o rasto de mesquinhos interesses: rojar na insolência da dominação ou vermo-nos confundidos no seio das turbas. Embora as paixões nos devorem o coração e um fastio devorador suceda a estas fêrvidas agitações, a morte e a vida pertencem-nos, e podemos tarde ou cedo repousar das fadigas.

Vi-a depois num baile, ouvi o som da sua voz, senti no coração a vista dominadora que lançou sobre o grupo onde eu estava, e não adivinhou que havia ali um ente que daria por ela não digo já o sangue, mas a alma, até ao pensamento derradeiro!

E quando entrou na carruagem, caiu-lhe uma rosa do ramalhete, e essa, possuo-a, é minha, está orvalhada com as minhas lágrimas, está aviventada com os meus beijos, é a minha vida, o meu tesouro, é ela!

Louca superstição, fanatismo pueril, dirão os que não sentem, os que nunca amaram, os que nunca sentiram acendida no peito esta chama misteriosa da adoração! O que é uma pobre rosa, privada dos orvalhos benfazejos da aurora, sem brisa que a bafeje, sem sol que a ilumine, desfolhada e seca, desbotada de viço e frescura?

É que ela aspirou o hálito abrasado do seio; é que roçou os seus vestidos; é que se inspirou da sua beleza; é que é tão infinito o poder da mulher que se ama, que engrandece, que santifica tudo quanto lhe pertence!

Não te tornes intérprete do egoísmo do mundo, aconselhando-me que esmague este sentimento, e que lhe dê por único pasto o coração; já não é tempo; deixa-me conservar esta derradeira ilusão.

Vejo florir esta flor. É a mais enérgica expressão do desejo; e feliz será o homem que puder aspirar o seu perfume. E não sei que vaga analogia existe entre ela e essa mulher, ingênua e simples, para a qual a estação do amor se aproxima.

Esta sombra, esta imagem concebida em vagos sonhos, vive em mim com todos os prestígios do mistério: quem ma poderá arrancar do coração?

## CAPÍTULO VIII

### NOITES DE ABRIL

#### CARTA DE MAURÍCIO A D. AFONSO

*Casta diva qui inargenti  
Queste sacri antiche pianti  
A noi volge il bel semblante  
Senza nube e senza vel.  
Tempra tu dè cori ardenti,  
Tempra ancor lo zelo audace,  
Spargi in terra quella pace  
Che regnar tu fai nel ciel.*

FELICE ROMANI

Pude vê-la, dirigir-lhe algumas palavras, e recebi no coração um brando volver de seus olhos, sereno e tranquilo como um suspiro de criança, quando acorda de um sono plácido e inocente.

Era numa noite serena de abril. A vila, ao longe, estava em silêncio. Ouvia-se o murmurar da brisa, agitando as árvores das montanhas, e os gemidos da onda ao longe, que vinha preguiçosa e lentamente espriaiar-se na areia.

A lua brilhava majestosa no firmamento, as estrelas cintilavam nas águas; dir-se-ia que entre o céu e o mar se fizera um pacto misterioso de amor.

O perfume das novas flores, agreste e ao mesmo tempo voluptuoso, impregnava a atmosfera; ouvia-se ao longe o canto do rouxinol! *Ó cantor das noites felizes*, como diz Obermann, como a tua voz palpitante e apaixonada faz pulsar o peito numa comoção elétrica!

A cada passo, as tradições fantásticas de Sintra adejavam-me pela imaginação, em toda a candidez de uma fé primitiva, em toda a poesia das narrativas populares. Se uma daquelas mouras, que dizem estar encantadas, se erguesse de repente perante os meus olhos deslumbrados, o grito do meu ceticismo não lhe havia de quebrar o encanto. Eu cria nas estrelas e no mar, eu abençoava os aromas das montanhas e da campina, que, adormecendo a atividade do meu pensamento, me embriagavam nos sonhos vagos e aéreos, que nos sorriem nos primeiros anos da vida!

Então repercutiram-se-me ao ouvido aquelas palavras de Shakespeare no coro do 1.º ato de *Julieta e Romeu*: «Adeus, primeiro amor, desejos ardentes, agora esquecidos! Tendes o vosso leito de morte: uma nova paixão vai recolher a vossa herança!»

Julieta e Romeu, a aspiração querida das almas elevadas! Esse amor puro e ardente, como as noites da Itália, ideal e etéreo como a imaginação do norte!

Quem não sentiu os olhos orvalhados de lágrimas, ao ler aquele diálogo sublime do 3.º ato? Quem não desejou aqueles ímpetos delirantes de paixão, embora os tivesse de expiar com um trágico desenlace?

*Non, ce n'est pas le jour! la lune au front d'albâtre  
Répand sur nos coteaux cette lueur grisâtre:  
Non, ce n'est pas le jour! Ce ramage joyeux  
Qui dès longtemps résonne au plus haut point des cieux  
Ce n'est pas l'alouette à la voix matinale:*

*L'erreur, si c'en est une, à moi seul est fatale:  
Eh! qu'importe la mort! Qu'en dis-tu mon amour?  
Restons, restons encore, non, ce n'est pas le jour!*

*Et moi j'ai dans le cœur un funeste présage:  
Je ne sais quel prestige a pâli ton visage;  
Au pied de ce balcon, maintenant descendu  
Tu me parais un mort dans sa tombe étendu!*

São quase as últimas frases desta cena , são talvez a sentença profética do meu destino!

E que me importa se for a minha Julieta que mas repita, com o beijo extremoso da despedida? Um beijo! Um beijo dela!...

Assentei-me sobre a relva, reclinei a cabeça sobre a mão, alonguei a vista pelo campo esmaltado de flores, cujos cálices semiabertos pareciam elevar-se a beber as emanações pálidas da lua, que tremiam refletidas na ossada das rochas.

Não sei quanto tempo estive assim, imóvel e silencioso, nesse gozar íntimo e indefinido, de uma saudade remota e de uma esperança indistinta! Esperança louca, esperança maldita porque se pode arrostar com o ódio, há poucas coragens que afrontem o desdém do mundo!

Entre Romeu e Julieta havia a vingança eterna de duas famílias rivais, havia o cadáver ainda fresco de Tybalt; entre mim e ela poderia haver a suspeita de uma vaidade ridícula e de uma cobiça torpe!

E sempre estas cruéis considerações envenenando estas já tão escassas horas de abandono ideal! Que me importa, neste deserto do mundo, neste campo toldado pelo azul do céu, que exista uma sociedade devorada de paixões ignóbeis e de preconceitos cruéis? Não está a noite silenciosa, e a natureza adormecida? Para que não hei de abrir a alma a este hálito embalsamado, que exalam as flores selvagens?

Acaso foi Deus que atirou ao centro dos homens tais gérmens de desunião e de luta cruenta? Hei de eu, antes de amar,

perguntar ao mundo indiferente se provoco a sua indignação ou incorro no seu desprezo? E, se esse amor for condenado, hei de separar-me dele como Hércules da túnica de Nessus, levando consigo os pedaços palpitantes do meu corpo ensanguentado?

Senti uns passos trémulos arrepiarem a relva, não virei a cabeça, e todavia o coração palpitava-me com tal força que chegava a produzir-me uma impressão dolorosa. E depois entrevi no meu vago delirar as formas aéreas do seu corpo delicado, vi um sorriso divino iluminar-lhe a fisionomia pálida, ouvi a mansa harmonia de algumas palavras murmuradas em voz baixa, virei a cabeça — era ela!

Ó mistério insondável de um amor ardente! Ó pressentimentos encantados, que a ciência nega, e que o coração afirma e realiza! Àquela hora, naquela solidão, longe da vila, entregue ao repouso, quem me poderia dizer que apareceria, vestida de branco, com os anéis negros do cabelo flutuando desalinhados à aragem da noite, ainda mais bela, alumiada pelos reflexos melancólicos da lua, que lhe morriam no rosto e a rodeavam como de uma auréola divina?!

Encostada ao braço de uma mulher mais idosa, ela passou ao meu lado como uma visão, sem me ver, sem perceber que os meus olhos a seguiam anelantes, que a minha respiração ansiada lhe enviava os mais puros eflúvios da minha alma; que a perseguiram esses desejos vagos da adoração, que despontam nas almas eleitas, que eu estava ali para a amar como um anjo, para lhe obedecer como um escravo, para a cantar como um poeta!

E passou sem me ver!

Segui-a de longe, sustendo a respiração e temendo que o menor ruído a fizesse estremecer de susto e me acordasse a mim daquele sonho delicioso.

Parou no alto de uma colina e ali, em pé, silenciosa, imóvel, pareceu enlevar-se na contemplação daquela natureza, opulenta de vida e de majestade. Pouco distante dela, a campina esmaltada, já com as flores húmidas pelo sereno da noite, pérolas que a mão de Deus confia ao seu seio agitado, e que lhe reanimam

a seiva enfraquecida pelos calores do dia. Ao longe, o Oceano, perdendo-se nas linhas vagas e infinitas do horizonte, manso e sereno, como o cordeiro adormecido, e que apenas se move na quietação do sono.

O Oceano, essa solene demonstração de grandeza de Deus e da imensidade da criação. Face do problema proposto ao desejo infinito e ao poder limitado do homem, livro devassado pelo génio aventureiro das nações heroicas e cuja superfície, ou nas pompas da tormenta ou na serenidade da calma, esconde perpetuamente os seus abismos insondáveis.

A terra com a deliciosa variedade da sua vicejante produção; o mar com a sublime e austera monotonia da sua extensão infinita; o céu cobrindo tudo com o seu manto de estrelas rutilantes, e parecendo sorrir aos encantos desta noite de primavera, bafejada pelo aroma das plantas e embalada pelas brisas que esvoaçam sobre o Oceano.

E ela, bela e ideal, como um anjo, que repousasse um momento no silêncio da noite, para depois desprender um voo angélico para as regiões etéreas, onde o infinito do desejo se embebece nas perspectivas da eternidade.

Século maldito, que renegaste o Cristo e que afastas os olhos do céu! O teu Deus é a ciência, a tua fé, a liberdade; engrandeces o teu orgulho nas mais frenéticas aspirações e resignas-te ao pensamento de ter por lençol algumas camadas de terra, perdendo a esperança de bem-aventurança prometida aos que amaram, aos que sofreram cá na terra!

Flores?... quem nos diz que elas não são filhas da morte? O lírio, que se balouça suavemente às correntes caprichosas da aragem, talvez receba o cândido perfume das cinzas esquecidas de alguma pálida virgem, ceifada na aurora da vida! Quantas lágrimas de saudade, ou de agonia, não tornam viçoso este campo, que as bebeu nas rajadas de vento ou nos orvalhos da noite!

Para que me fez nascer Deus neste século arrefecido pelo estudo, verdadeiro Fausto, cuja fronte calva e triste de balde

se inclina a perscrutar os segredos da natureza e os mistérios da criação?

Oh! eu queria amar na singeleza e na inocência das eras primitivas! Eu queria acreditar que os lábios da minha amante se pousariam sempre viçosos e fêrvidos nos meus lábios ardentes!

Nos sorrisos angélicos que desabrocham à vida, nunca quisera ver o pressentimento da morte!

Felizes aqueles que podem apertar nos braços a mulher cândida e ingénua, sobre a qual não se fitaram ainda os olhares do mundo, e que nos entrega a alma, com todas as suas ilusões, o corpo em toda a pureza dos seus virginais encantos!

E ela? Já terá impresso na fronte o estigma com que a sociedade marca os seus fiéis vassallos? Já os seus olhos terão percorrido as páginas sinistras do livro da vida? As orações que dirige ao céu serão uma aspiração elevada de amor divino ou imploram já o perdão de um pensamento culpado?

\* \* \*

Estas dúvidas cruéis envenenam sempre as mais profundas crenças da nossa alma! Mas a poesia daquela cena grandiosa e magnífica absorveu-me a imaginação. As recordações da nossa antiga glória vieram associar-se aos esplendores que me deslumbravam. Senti-me inspirado pelo sentimento da pátria e repeti o magnífico recitativo do *Tancredi* de Rossini: «*O cara patria! Terra degli avi — ti bacio!*»

Os ecos repercutiam a minha entusiástica invocação. E logo depois uma voz terna e maviosa pareceu responder-me.

Era ela que enviava às auras da noite as harmonias da sua alma. Nunca a *Casta Diva* de Bellini me pareceu tão repassada de unção apaixonada e sentimento religioso. Bati as mãos transportado; saltaram-me as lágrimas dos olhos, espontâneas e ardentes; caí de joelhos, no meu frenético delírio, e olhei a lua, que me parecia ainda mais formosa, abençoada por aquela mimosa boca e fitada por tão formosos olhos!

Encontrar-se-iam os nossos dois pensamentos na mesma aspiração? Unir-se-iam as nossas duas almas, abrasadas pelo mesmo culto? Teria ela adivinhado o que se passava no meu coração, e não conhecia que eu prezava a terra que ela pisava, o ar que o perfume da sua respiração me fazia aspirar com delícias, a lua que vinha quebrar os seus raios no meu rosto, depois de a haver iluminado a ela de esplendor e de luz?

Aproximei-me do sítio onde ela estava. Voltou o rosto e sorriu-se.

— Merece bem um tal canto, esta noite, não é verdade? — disse eu.

— Bem pobre, pobre demais para os que o ouviram! — respondeu ela, com a entonação pretensiosa e afetada, que é o estilo nas salas.

Afastei-me melancólico e triste. A mulher da sociedade manifestara-se através das formas ideais daquele anjo. Para que viera uma recordação do mundo, que eu desprezo, profanar a suave abstração em que ambos existíamos?

Não eram para ali as frases de banal civilidade, que pervertem todos os sentimentos do coração. Sentia-me noutras regiões e respirava outro ar. Antes o perfume agreste das flores da campina que o aroma das voluptuosas essências nas salas de um baile!



## CAPÍTULO IX CETICISMO

### CARTA DE D. AFONSO A MAURÍCIO

As tuas duas cartas vieram, quase ao mesmo tempo, perturbar de algum modo a serena tranquilidade da minha vida. Bem podes supor que a poesia que elas encerram abasteceria duas gerações inteiras de homens, que prefiram a tais devaneios as delícias de uma cómoda ociosidade.

O mundo onde me quiseste conduzir é inteiramente novo para mim. As tuas ideias, passando através da atmosfera abraçada da tua imaginação, revestiram as formas de um romance fantástico, de algum novo Werther ou Obermann, meditado nos intervalos desses banquetes alemães onde a cerveja e o cachimbo inspiram a imaginação e dão asas à fantasia.

Já me sinto velho ou, para melhor dizer, fugiu de mim a mocidade. Os anos não correm, voam. Vivendo, desde criança, nessa sociedade que tu odeias como um poeta, perdi cedo essas aspirações ideais, que alimentam as existências solitárias, as lutas gloriosas e as vocações soberanas. Modesto nos meus desejos, nem quis arrancar da árvore da ciência o vedado pomo, como o Fausto, *de fronte calva, e triste*, nem como o *D. Juan* de Byron percorri os ardentes climas do meio-dia e as regiões

voluptuosas do oriente, procurando apagar a sede dos meus desvairados sentidos.

Houve uma quadra na minha vida em que me converti naquilo que vulgarmente denominam *elegante*. Senti essa espécie de alucinação que a magnificência do luxo e os prazeres da sociedade despertam. Entreguei com resignação a cabeça a um cabeleireiro e cheguei a ser citado com louvor pelo nó irrepreensível das minhas gravatas — a quinta-essência da ciência do *toilette*.

Contemplei, de olhos extasiados, essas bonecas espartilhadas, de cintura de vespa, que despendem os mais preciosos momentos da vida nos namoros banais, que são ridículos, quando se não tornam escandalosos. Não desmaiei de horror vendo as fisionomias pálidas das mulheres depois de um baile e os anéis do seu cabelo, húmidos de suor e languidamente desalinhados pelos rápidos movimentos das valsas sem fim.

De todos os afetos, que reparti prodigamente com essas criaturas, que Deus formou para a nossa felicidade na terra; de todas as ilusões que desfolhei neste vale ameno da vida; só sinto dois com vigoroso alento — a amizade, e a honra!

Faltaram-me as asas para voar a esses espaços infinitos, onde adejam as almas superiores, e, se me não elevei tão alto, não verti lágrimas para deplorar a minha queda, nem despendi maldições para acusar os caprichos do meu cruel destino!

O amor, no mundo prosaico onde me tenho educado, existe tão enérgico às vezes como na mente dos artistas e no coração apaixonado dos poetas. As doses é que variam, segundo os temperamentos, o maior ou menor grau de sensibilidade; mas, como ele se converteu em elemento de ordem social, perdeu toda a sua poesia, pode ser otimamente simbolizado na touca que vem adornar a cabeça da esposa e no barrete de dormir, que resguarda do frio a fronte melindrosa do marido cauteloso.

Nos saudosos tempos do antigo regímen, era pouco ou menos a fusão, a *cordial entente*, realizada entre dois nobilíssimos troncos de duas ilustres famílias, que por este meio multiplicavam as glórias da sua genealogia. Gerações escrofulosas e raquíticas

nasciam frequentemente destas ligações, que só ridículas vaidades inspiravam; mas as raças, afinal, conseguiam regenerar-se, por oportunos sacrifícios à deusa da inconstância!

No nosso tempo, é um contrato, uma especulação, e entra no *Deve e Há de Haver* do livro da Razão. Triunfa a aritmética e a economia política; e mais de um antigo paladino de brasão imaculado tem prosaicamente oferecido o seu nome a criaturas que ele não recebia antigamente nem para criadas do quarto. Assim vai o mundo!

E não penses que me indigno contra ele. O que digo é que o mundo não é para o poeta, que, como já disse Zorrilla, *es una planta maldita con frutos de bendición*.

Para que não atiras longe de ti essa ambição insaciável do amor? Para que não empregas essa atividade do pensamento, que palpita na tua cabeça, como a lava na cratera abrasada do vulcão, no mundo exterior, no movimento sempre enérgico da sociedade política!?

Não arrisques a tua felicidade e o teu futuro na deslumbrante e passageira visão de uma mulher formosa! Não a imagines um anjo, para que a não vejas depois, com as asas abatidas, e o olhar baixado para a terra! Não a queiras sublime, para a não encontrares trivial! Não a julgues um momento superior à atmosfera onde vives, porque só as existências de exceção é que se mantêm livres dos preconceitos e dos cálculos, que o mundo santifica como as únicas provas de penetração e de bom senso.

Para que me obrigas a dizer-te verdades cruéis e a esmagar as tuas ilusões com o mesmo sentimento de dó com que às vezes vejo o meu cavalo, num fogoso galope, desfolhando as flores de uma viçosa campina? O mundo compreende o ambicioso que dispõe da sua vontade com energia e caminha sem hesitar ao poder, e escarnece dos que se extenuam em procurar a verdade, como o único tesouro digno da ambição humana. Porventura o homem que descobriu mais uma estrela entre as infinitas que povoam o céu, ou um arbusto precioso e raro na flora terrestre, aumentou em alguma coisa o capital da sua felicidade?

«És um doido» — eis o que poderá dizer o mundo; e não procurarão ler na tua fronte devastada pelo estudo as rugas da meditação, e aceitarão sem ressentimento o sorriso de desdém, que lhe poderias dirigir, quando te reconheceres rico pela ciência e poderoso pela vocação!

As minhas teorias, acerca do amor, diferem um pouco das que geralmente vogam. Um homem que ama, sem reserva, sem restrições, confiando abertamente na sinceridade de uma mulher, é um homem perdido. Os felizes, neste jogo de parar, são os vaidosos e os egoístas. Dá-se entre eles a diferença dos duelos verdadeiros e dos duelos fingidos. Nos primeiros é quase infalível um ferimento ou a morte; nos segundos executam-se com toda a perfeição os *botes* difíceis da esgrima.

E se não fora assim como se poderiam absolver tantas alianças, a que os mais vis interesses, a que os cálculos mais ignóbeis deram origem? O politeísmo veio substituir-se à cândida simplicidade do dogma cristão. A mulher, quando deixa de ser a companheira terna e fiel do marido, converte-se na escrava moça e formosa, que vem reanimar com voluptuosas carícias os desejos do senhor poderoso e indolente.

As paixões misteriosas na nossa alma, os cândidos afetos que purificam o coração vão desaparecendo desta nossa sociedade, prostrada ao culto do bezerro d'ouro.

Para as mulheres belas e pobres o amor é meramente uma loteria, onde pretendem alcançar o prémio de um bom casamento. Não há virtudes, por mais austeras, não há caracteres, por mais elevados, que possam resistir à impetuosa corrente que as impele para o abismo das torpes *conveniências*.

Não é uma frase admitida no mundo o dizer-se: «casou bem?» Não se pode ser mais claro. É uma fórmula administrativa, um inventário de fortuna, um *balanço*, feito segundo todas as regras comerciais.

O coração é um órgão moral a que a sociedade liga uma medíocre importância. Anular as suas mais sinceras e grandiosas aspirações é o seu maior empenho. Quando ele é demasiadamente sensível, procura todos os meios de o tornar inerte.

Se o pudessem completamente dispensar nas relações do sentimento, aplaudiria tão assinalada vitória.

Não há ente mais infeliz do que aquele que possui um coração moço e um espírito já encanecido nas lutas da vida. Sentindo com veemência, com entusiasmo, não pode iludir-se sobre a catástrofe que o espera. Os prazos da sua agonia estão marcados em inflexível itinerário. É só a fé que dá existência a todos os cultos e a todas as virtudes; e a fé não existe!

A deusa que adora a sociedade moderna não é Vénus, nem Minerva, mas a deusa da abundância — Cibele. É necessário que os seios opulentos da imortal *diva* satisfaçam a avidez que devora esta geração. Aceita-se a vida como uma viagem rápida, e ninguém aspira senão a alcançar uma posição distinta ou uma fortuna opulenta. Bem vêes que o coração representa um triste papel, no meio de tais pretensões: privado de afetos, sem ar que respire, sem luz que o ilumine, definha até se extinguir de todo, como órgão inútil.

O poeta é portanto um hóspede importuno numa sociedade que se entrega à satisfação dos seus desenfreados apetites e onde a pobreza é um crime e uma vergonha. As suas faculdades, embora eminentes, extenuam-se na ociosidade. Deve reduzir-se a repetir algumas frases de sentimento, moeda falsa, que é aceita como é oferecida, sem crença nem entusiasmo.

Se este quadro tem cores sombrias, não é minha culpa. Se perseveras na tua pretensão, que não condeno, hás de resignar-te ao martírio. Conduzido, pelos vagos sonhos da tua imaginação, a esse mundo superior, que possui realmente atrativos, admirando a elegância e a distinção que ali se encontra, respirando o perfume dessas frases, que as mulheres recitam como os *mistérios* de um rosário, pensas acaso que encontrarás uma alma que compreenda a tua?

E não te ensina a tua própria história que deves guardar o teu coração como um tesouro e salvá-lo dos perigos que o ameaçam? Amaste uma mulher pela sua beleza, e julgaste que a tua sede se apagaria nas carícias abandonadas e nos beijos delirantes.

E nem ela, nem tu foram felizes! Essas noites de prazer não te vêm ao pensamento como uma recordação saudosa, são avaliadas como um remorso devorador. Depois, tiveste o mais perigoso e o mais efêmero de todos os amores — o amor de cabeça — e assististe à agonia do teu sentimento, viste-o fenecer na posse, e só te lembraste que o teu amor era um delírio louco, quando acordaste nos braços de uma mulher, exaltada por um capricho, e que se entregava às tuas carícias, sem que a ideia do sacrifício nobilitasse a sua queda.

Agora, sentes tudo a um tempo. É o homem, e o poeta, que se empenham no mesmo amor. Adoras, como um artista, a formosura dessa virgem de Murillo; e depois, porque ela ora num templo e canta numa montanha, já a amas, já não existes senão para ela!

E o que fazes do teu orgulho, poeta? Para que hás de cobiçar a estrela, que se ostenta no céu, se a não podes arrancar do firmamento, onde ela resplandece formosa e serena? Julgas que há de vir, inspirada pelo amor, beber nos teus olhos a admiração que se apoderou da tua alma e implorar dos teus lábios as primícias de um puro afeto?

Se o teu orgulho te proíbe ter esperança, para que tão rapidamente te deixas apoderar de um sentimento, que pode tornar-te para sempre infeliz? De que vale amar, quando não há força para querer? Absorver o pensamento em férvidos desejos, e não ter resolução para empenhar a luta, é condenar-nos a um suplício sem termo, e a um desespero sem alívio.

O amor é o mais difícil problema da vida, porque não se pode realizar senão pela união de duas vontades. Tiveste a fortuna de contemplar a mulher que pode satisfazer as ambições do teu coração, é acaso razão para que ela encontre em ti o homem que possa torná-la feliz?

As simpatias instantâneas, que despontam ao primeiro olhar, que afrontam as tempestades do mundo e as catástrofes da vida, que podem resistir ao tempo e à ausência, esses poderosos dissolventes de toda a afeição, creio bem que só se encontram hoje nos alambicados romances de M.<sup>elle</sup> Scudéry.

Nem suponhas que a ausência da fé religiosa contribui a engrandecer a nossa adoração pela mulher. Quando se aceitava o nosso existir efêmero como o breve prólogo da nossa futura imortalidade, as lágrimas corriam com menos amargura sobre as nossas faces, e nem as injustiças do mundo, nem as decepções, que a cada passo encontramos, podiam abalar a nossa confiança no destino.

É feliz o homem que vê brilhar no céu a luz de uma consoladora esperança. Só a fé dá resignação para afrontar as vicissitudes da vida. O maior homem deste século expirou com os olhos na cruz, símbolo da redenção. Nem os louros de tantas vitórias, nem as saudações de tantos reis, prostrados a seus pés, puderam satisfazer o seu imenso orgulho. Só em presença da morte se tornou digno da sua glória, pela humildade.

Os sentimentos exaltados passaram de moda. Heloisa e Abeillard se hoje vivessem fariam uma deplorável figura. Newton, que sacrificou toda a sua existência ao estudo da ciência; Galileu, que nem diante dos tribunais da Inquisição renegou as convicções que engrandeciam o seu espírito; é muito provável que no nosso tempo passassem por loucos rematados.

Quem, ao ver esta fúria comercial que agita as populações, este ardor com que trocam lãs por café e açúcar, algodões por cacau e colza, cereais por carvão de pedra, não se compadece dos destinos da humanidade e não lhe vem ao pensamento os magoados versos do Dante:

*Vedrai le gente dolorose  
Che han perduto il ben dell'intelleto!*

Cristo expulsando os vendilhões do templo, único ato ríginoso que praticou em toda a sua vida, deu um grande exemplo, que os homens esqueceram, e que não impede que os usurários sejam os verdadeiros dominantes da sociedade moderna.

Essa fada, esse anjo, que reina no teu coração, é mui provável que, apesar da sua inocência, não ignore que os diamantes, que

as sedas, que os perfumes preciosos, que as carruagens que devoram o espaço no soberbo galope de dois cavalos de raça, não se alcançam fitando as estrelas do céu, ou respirando a tépida brisa e ouvindo gemer as vagas do oceano. Se já dançou em quatro bailes, se frequenta as regiões do *beau monde*, podes crer que é mestra na escrituração por partidas dobradas, e que, se lhe não responderem favoravelmente à clássica pergunta «tem boa casa?», é natural que limite as suas relações contigo a pedir-te com voz maviosa e ingénua que lhe escrevas uns versos no seu *álbum*.

## CAPÍTULO X A POLÍTICA NO TOUCADOR

A **viscondessa**, com o seu maravilhoso instinto, pressentiu imediatamente os motivos que haviam afastado Maurício. Era necessário ser destituída completamente de amor-próprio para não ficar ressentida da sua inesperada partida. Resolveu vingar-se e procurou todos os meios para o conseguir. As mulheres aristocráticas são polidas, elegantes, sedutoras, ricas de atrativos, mas implacáveis.

Conhecendo a violência daquele caráter orgulhoso, as desviadas explosões daquela sensibilidade exuberante, resolvera enredá-lo numa bem tecida intriga, que, humilhando-o, o anulasse para sempre na carreira política. Queria cativá-lo com a oferta de um lugar obscuro de adido numa dessas embaixadas, onde um homem nem mesmo encontra uma honesta mediocridade.

Era-lhe indispensável persuadir o amante e aliado, para que empregasse a sua influência, e a empresa era fácil, se atendermos a que ele era um destes caracteres políticos, vulgares na nossa sociedade, cuja elevação era devida a circunstâncias que sempre favorecem a ambição: suficientemente medíocre para não inspirar invejas, possuía um fundo de impudência, que o salvava de escrúpulos e que o investia da audácia necessária para se insinuar no ânimo dos que o podiam servir.

O barão de \*\*\* era realmente um herói, cujas proezas haviam ficado arquivadas nas folhas de alguns boletins, escritos na embriaguez da vitória. De uma inteligência acanhada, e pouco culta, a confiança que parecia ter nos seus talentos era o mais decisivo sintoma da sua ignorância, em todas as questões. Alcançando a sua posição, pelos caprichos ministeriais, e não por serviços reais ao Estado, ligava à filáucia insolente do *parvenu* as máximas dissolventes dessa ciência que os espíritos pequenos confundem com a da política, e pela qual é lícito calcar aos pés a consciência e prescindir de todos os princípios da moral.

O barão, ostentando nas suas conversações um grande desdém pelas mulheres, era todavia dominado inteiramente pela viscondessa, ninfa Egéria que o inspirava e a quem devia uma parte dos seus sucessos políticos. Ânimo débil e gasto, comprazia-se nesta ociosidade mental, que lhe deixava livre o tempo para os prazeres e, adorando a sua própria capacidade, atribuía sempre a si os favores da fortuna.

— Meu caro barão — dizia a viscondessa, revestindo-se do seu ar mais sedutor e fazendo despontar nos lábios um dos seus mais amáveis sorrisos —, já salvámos Maurício das exagerações de uma oposição, que se podia tornar perigosa para nós e para ele; convém agora afastá-lo de Portugal, tornar maduro aquele talento, tão propenso a exaltar-se, obrigá-lo a fazer uma viagem, que depois mais útil o torne aos nossos desígnios.

— É para me curar dos ciúmes que lhe receita o passeio, não é verdade? — respondeu o barão rindo-se com um modo grosseiro.

— Pensa acaso que não é uma moléstia de perigo, que tem deitado a perder mais de um homem d'Estado? — respondeu a viscondessa tornando mais terno o sorriso.

— Que me aconselha então?

— Faça-o nomear adido... para o norte, para algum país bem frio. Viaja à custa do governo e aprenderá a aquecer-se a um fogão.

— Talvez que nos seja aqui preciso. Segundo me afirmam, é uma pena hábil e pode ser empregada a nosso favor.

— Pois ignora acaso que um talento poético é mais caprichoso que uma mulher bonita? Fugir-nos-ia mais tarde ou mais cedo, com armas e bagagem. Apenas se visse dominado, tratava logo de se emancipar.

— Talvez eu o pudesse converter, empregando a minha lógica? — disse o barão, afagando com suficiência a dobra do seu colete branco.

— Havia de perder o seu tempo... como eu perdi — disse a viscondessa.

— Pois bem, faça o que lhe parecer. Disponha da minha influência, para arranjar o rapaz.

E ambos, de braço dado, foram continuar a conversação, absorvendo o grato perfume das iguarias de um copioso e opulento almoço, que os esperava na mesa.

\*\*\*

Maurício recebia, pouco depois, um bilhete da viscondessa redigido com aquela agressiva polidez, mais ofensiva às vezes que as injúrias diretas: «O ministro, apreciando devidamente os seus sacrifícios à boa causa e tomando em consideração as observações que fiz a seu respeito, está decidido a nomeá-lo adido para a Legação de \*\*\*. Este despacho, seguramente inferior ao mérito que todos lhe reconhecem, se nos priva da sua presença alguns anos, há de contribuir a dar uma direção menos perigosa às suas ideias.»

— Mereço bem estas artificiosas frases! — exclamou Maurício amarrutando com desespero o bilhete. — Entro numa carreira e devo tudo aos lindos olhos de uma mulher!

Depois, pegando na pena, escreveu à viscondessa uma resposta que bem revelava a sua indignação: «Apresso-me em agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> a notícia que acabo de receber. Aplaudiria o meu despacho, se não preferisse a obscuridade a posições que são muito inferiores ao meu merecimento. Retirado da cena política, e V. Ex.<sup>a</sup> bem sabe os motivos que me levaram a dar esse passo,

não me parece conveniente aceitar um lugar, que seria atribuído unicamente ao favor do governo.»

O círculo íntimo da viscondessa estava naquela noite em plena sessão e esperando a vítima para saciar a sua vingança. Estas reuniões semioficiais e semidomésticas assemelham-se a uma destas orquestras bem dirigidas e que sabem obedecer ao aceno imperioso da varinha do compositor.

— Nunca vi em minha vida carta mais atrevida — dizia um maduro empregado de cinquenta anos, encanecido no servilismo das secretarias e que já fazia parte dos móveis que passam por inventário de ministério a ministério. — Podia recusar em devidos termos e sobretudo segundo os estilos da pragmática; é homem que nunca há de passar de um escritor insípido; tem um péssimo carácter de letra, e Deus nos livre que ele pusesse mão em papel importante.

— Dá-se ares de grande estadista e abomina a sujeição *bureaucratica* — estas palavras saíram da boca de uma senhora que, eminente nas questões políticas, não tinha menos voto nos assuntos da elegância.

— O Estado não há de perder muito com tal funcionário! — disse um dos ex-amantes da viscondessa, que ganhara os seus títulos de espirituoso à custa dos *folhetins* do *Journal des Débats*.

— Não concebo que se una tanta filúcia a tão duvidoso merecimento! — exclamou o barão em tom solene.

— Merece desculpa! Não quer sair de Portugal, porque está apaixonado! — disse uma trigueirinha, dando aos olhos voluptuosos uma expressão sentimental e apertando significativamente a mão à viscondessa.

— Será difícil que o tal poetazinho se possa afeiçoar a algum ente vivo, a não ser a sua própria pessoa. Nunca passará de um artista malcriado.

A condessa de \*\*\*, íntima amiga da viscondessa, e que não perdia ocasião de engrandecer o poder dos seus atractivos, debruçou-se ao ouvido doutra senhora e disse em voz baixa:

— A viscondessa fala por experiência própria. Quis aos quarenta anos ser misticamente adorada, e parece que o rapaz não se resignou a tão ingrato papel.

Livre-nos Deus para sempre da glória, da guerra, dos heróis, e das amigas extremosas. Como aquele urso caridoso que quis enxotar a mosca da face do seu amigo que dormia, julgam salvar-nos dum incómodo e esmagam-nos a cabeça.

— O que admira é como ele resolve o problema de se alimentar — exclamou um destes parasitas encartados, que nunca acenderam lume em casa.

— Frequenta as casas de jogo — bradou uma velha beata com voz fanhosa.

— Que ideia foi a tua de o protegeres, viscondessa? — disse uma elegante morgada, dando aos lábios uma expressão desdenhosa.

— Saber-me-ás acaso descobrir um método que nos salve de um pretendente importuno? — respondeu a viscondessa.

— De mais a mais — atalhou um destes alvissareiros de casas particulares, que vivem por milagre da providência e sempre à custa do próximo — teve a infâmia de abandonar uma mulher que havia seduzido e com quem publicamente vivia.

A imodéstia da frase produziu um movimento de indignação em todas as senhoras. Raro pudor de uma sociedade, que se quer demonstrar principalmente casta nos artifícios da língua! As mesmas pessoas que dirigiam pérfidas insinuações à reputação de um mancebo, que mal conheciam, sentiam-se ofendidas por um adjetivo imodesto.

Num dos ângulos da casa, notava-se um par, que parecia totalmente estranho à conversação e que apenas, de vez em quando, lançavam um olhar distraído sobre as pessoas reunidas.

Eram dois mancebos, ainda na aurora da vida, que, suavemente embebidos num dialogo íntimo, sentiam-se adejar numa atmosfera superior à daquela cruel maledicência.

A donzela realizava um destes encantados tipos, misto de graça e de energia, que são a verdadeira expressão da beleza na terra.

A cabeça, pendendo sobre o corpo elevado e esbelto, fazia lembrar uma destas flores, abundantes da seiva e em plena florescência, que fazem vergar a haste com o peso dos seus tesouros e as gratas emanações do seu perfume. Dotada dessa palidez morena, que é a cor natural das mulheres do meio-dia, as ondulações do seu cabelo negro deixavam perceber o azul das veias, que a transparência de uma pele mimosa deixava sobressair.

Os olhos pretos e suavemente fendidos umas vezes despediam um olhar límpido e mavioso, outras vezes, quando o rubor lhe subia em ondas rápidas pelo seio palpitante, tornavam-se húmidos e cintilantes, como os da odalisca, acendida em desejos, nos climas abrasados do oriente.

Esta é a luta inevitável naquelas idades intermédias, em que o coração e os sentidos se desenvolvem para a vida do sentimento. A inocência de uma alma pura e ingénua pode combinar-se com os vagos pressentimentos que devoram uma organização exaltada e sensual.

A sua estatura vinha completar as promessas da sua fisionomia; flexível e elegante, majestosa e ao mesmo tempo lânguida. Mal podia supor-se que a frágil cintura pudesse sustentar as formas já desenvolvidas e robustas, que denunciavam a estação da vida em que o sangue corre rapidamente nas veias e vem dar vigor aos vagos desejos que palpitam nos seios da donzela.

O mancebo, que teria mais oito ou dez anos, com o rosto assombreado de uma barba pouco espessa, era uma criatura delicada e mimosa, denunciando desde logo que o seu berço fora embalado entre os afagos de um amor enternecido e pressuroso.

Noivos de poucos dias, em mútua adoração, mal lançavam, de vez em quando, um olhar distraído para os convidados.

Quando Maurício apareceu daí a pouco na sala, todas as cabeças se voltaram com ávida curiosidade para ele, com esse mirar feroz com que as feras deviam fitar o gladiador, que vinha arrostar indefeso as suas furiosas garras.

Cessaram todas as conversações. Produziu-se na assembleia o silêncio terrível de que são quase sempre precedidos os ímpetos

da paixão, ou as crises da natureza. E todavia a sua fisionomia nunca demonstrara expressão mais ativa de desdém, e de provocadora indiferença. Saudou a todos, inclinando levemente a cabeça e, sentando-se ao pé da viscondessa, pareceu não reparar no constrangimento que a sua presença havia causado.

Dirigindo os olhos para o ângulo da sala onde estavam os dois mancebos, o seu rosto cobriu-se de uma mortal palidez, e os seus lábios reprimiram a custo um grito de angústia. É que a mulher, que ele adorara de longe, com um tão supremo amor, que ele vira contrita e devotamente humilhada, confiando a Deus os segredos do seu coração, que ele contemplara, numa noite de delícias acordando os ecos com a voz apaixonada, era a mesma mulher que agora escutava, com o olhar, com o sorriso, as palavras de outro homem, que lia no seu rosto a imagem das próprias emoções, que tão vivas lhe ardiam no coração!

Se a sociedade não estivesse ali, implacável e feroz, para o condenar ao ridículo, não hesitaria em traspassar-se a seus pés, para lhe manchar com o sangue os brancos vestidos e, como a *Tisbe* do imortal poeta, poder merecer, no último arranco da morte, um adeus saudoso dos seus lábios, um olhar compadecido dos seus olhos!

E conservou-se impassível. Não lhe tremeu um músculo da face; não lhe escapou um gemido dos lábios. Soube sufocar as agonias que lhe devoravam o peito; e, sentindo todo o sangue refluindo ao coração, não desfaleceu.

Depois, levou a mão ao peito e lacerou-o em golpes profundos, para atenuar a dor que o pungia; lembrava-se daquela horrível cena, na qual Claude Frollo contempla a Esmeralda poluída pelas carícias brutais de Phoebus, e sucumbindo aos transidos do ciúme!

A viscondessa recobrou o sangue-frio; vendo Maurício tão intrépido perante o perigo, sentiu também crescer a sua coragem. Era indispensável dar um grande golpe, que tornasse o mancebo o ludíbrio da sociedade.

— Dir-me-á, meu senhor — exclamou ela com uma entonação insolente —, como se atreve a pôr os pés em minha casa, depois da carta que me escreveu?

Maurício estremeceu, como se o houvessem marcado com um ferro em brasa. A voz ficou-lhe presa na garganta, fulminado por esta insólita interrogação.

O barão, para completar o efeito da apóstrofe, quis acrescentar algumas palavras:

— Quem rejeita um favor acima do seu merecimento não merece a consideração das pessoas de bem.

Era demais. O mancebo ergueu-se de pé, de um só ímpeto. Mediu com um olhar altivo todas as pessoas que estavam na sala, depois apontando para o barão:

— Bem pode compreender os motivos que me levaram a recusar uma posição que eu não mereço. Ficaria desonrado aos meus próprios olhos, se tivesse a fraqueza de aceitar o benefício de um tolo, implorado por uma mulher infame! — e apontou para a viscondessa.

Todos se levantaram com um fingido horror. O mancebo todavia não deu tempo a alguma manifestação menos respeitosa, porque se retirou.

— Está doido! perdeu o juízo! — bradaram a uma voz as pessoas que assistiram a esta cena.

A sociedade estava no seu direito rejeitando verdades proclamadas com tão rude independência. Quem vive isolado no mundo há de obedecer aos seus preceitos. Maurício tornou-se dali em diante um verdadeiro proscrito, o *outlaw* das selvas da Caledónia.

Era impossível haver perdão para aquele que

*Tropo ostinado e duro*

*Il mio forte pensiero*

*In mostrarmi implacabile, e severo*

*Contra il ciel, contra l'uom, l'angelo e Dio.*

## CAPÍTULO XI

**A quem devo eu acusar** dos meus infortúnios? Não a ti, anjo do céu, que me apareceste na vida, como um desses brilhantes meteoros, que nos deslumbram de luz, para depois se desvanecerem nas solidões infinitas do espaço!

Amavas, eras amada também, ser-me-ia acaso lícito erguer-me entre ambos e separá-los no egoísmo do seu amor?

E que podia eu fazer por ti? Os meus olhos não podiam fitar os teus na inocência de um puro afeto, porque já haviam derramado lágrimas amargas, que já se haviam acendido em frenéticos desejos! Estes lábios já não podiam unir-se aos teus como irmãos, que já torpes carícias e beijos infames os tinham manchado! Estas faces, que o vício crestara, não podiam unir-se às tuas que a candura e o pudor purpuravam! Oh! amaldiçoada seja a boca, que os ardores da febre devoram, e vai murchar a pobre flor, com o seu hálito envenenado.

\* \* \*

E para que confiou Deus ao meu férvido coração este amor omnipotente e este delirante afeto? Para que me apareceste, mulher, para que vieste, flor, embriagar-me com o teu perfume?

Amar-te-á ele como eu te poderia amar; a tua imagem viverá na sua alma, como um sonho fugitivo ou como um pensamento abençoado e eterno!

Embora! se eu pudesse, sentiria um acerbo prazer, quando visse cair, uma a uma, as rosas da tua fronte, as aspirações cândidas da tua alma!

Quisera ler, nos teus olhos, o tédio profundo e desolador da vida, que a saudade ávida de um passado, que já não deve renascer, e que a esperança de um futuro, desbotado pela dúvida, te devorassem o coração!

Queria olhar o teu rosto pálido e já sulcado de rugas, não as que o tempo cava, no seu caminhar lento e insensível, mas as que nascem nas noites de febre, quando o ciúme nos absorve a alma, quando vemos expirar os entes que nos eram caros, quando a natureza se cobre de luto e de sombras!

Sofre, hás de sofrer como eu sofri, que todos estamos sujeitos à igualdade sinistra da desventura. Bem vêes que não podes fitar as estrelas senão com os olhos orvalhados de lágrimas; olha a tua imagem no espelho, triste e abatida, e dir-me-ás depois se o amor, se a felicidade nos não abandonam, afinal, e se não devemos aceitar resignados a ironia atroz do destino humano.

\* \* \*

Lembras-te? Era ainda ontem. A luz da aurora vinha colorir de vivas cores o cristal transparente das tuas gelosias. Brisas suaves, agitando as flores, impregnavam o ar de gratos aromas e vinham afagar os negros anéis do teu cabelo!

Ao longe apenas se ouvia o manso correr do rio, serpenteando entre a relva da campina, e os pássaros gorjeavam, saltando entre os ramos, porque era a estação dos seus amores!

Ontem, bem vêes, resplandecia o sol, o céu mostrava-se azul e sereno, os campos viçosos e esmaltados, e tu, mulher, eras inócua como o suspiro da pomba, e gozavas descuidosa da vida, como a flor que o sopro caprichoso da aragem brandamente agita!

Eras um anjo cá na terra! Quando olhavas, brilhavam os teus olhos como estrelas; quando falavas, a tua voz era harmoniosa como um hino dos antigos patriarcas; o teu hálito embalsamava o ar que respiravas!

Como te corriam então as horas bonanças! Nunca viras, nem em sonhos, um olhar ardente de amor, nem um gemido de angústia te viera nunca morrer nos lábios!

Ouvias cantar os poetas e adormecias risonha ao som dos seus cantos! Donzela de olhos negros, para que desceste tu à terra? Rosa nascida entre abrolhos, que mão audaciosa tentou arrancar-te da haste donde pendias orgulhosa?

Meu anjo! voa para o céu! antes que o mundo te veja!

Os prazeres cá da terra envenenam e murcham as flores.

Não compres, pelo gozo de um dia, o teu eterno tormento. Alma minha gentil, no céu habitam os anjos, e tu não podes ser feliz neste mundo!

\* \* \*

Que importa? Essas existências, que aceitam a vida, como uma valsa rápida e excitante, não têm tempo para sofrer!

Correm como os meteoros, pelos espaços infinitos do céu, e mal brilham nas trevas profundas da noite! Adormecem, acordam entre prazeres, e nunca sentem no peito as garras do insaciável abutre, que de contínuo o despedaça!

E não corras, querida, após esses gozos efémeros, nem desfolhes, frívola e descuidosa, as puras crenças da tua alma!

É já tarde para o arrependimento. A tua frente pende para a terra fulminada pelo remorso! A lividez da morte descora o teu semblante e, entre os teus cabelos, se oculta uma flor, que as tuas lágrimas tornavam viçosa!

Ó flor, que eu te não pudesse aspirar o perfume, e reverdecer-te com o meu pranto, e aviventar-te as pétalas lânguidas e pendidas pelas calmas do estio, com os meus beijos delirantes... mas ver-te profanada pela respiração do mundo, mas ver-te

cobiçada pelos olhos ávidos das turbas insolentes, mas contemplar-te unida ao peito doutro, que te abandone depois, aos ventos da tempestade; oh! é uma ideia que me enlouquece, que me gela o coração.

\* \* \*

Nessas noites de angústia, em que a febre do amor, e da desesperação, me escalda a cabeça e me tortura os sentidos — nesses longos pesadelos, em que, suspenso entre a morte e a vida, entre a vigília e o sono, eu a vejo aparecer a meus olhos como uma sombra fugitiva, nessas medonhas crises, em que nos vemos a sós com a dor que nos tortura, eu quase que chego a descrer da religião, e da humanidade!

\* \* \*

Átomo invisível, lançado pela ironia do acaso no vasto oceano da criação, para que me daria o supremo árbitro de nossos destinos tal arrojado para compreender a felicidade, desejos tão insaciáveis de um gozar divino, e sempre amargas decepções envenenando as aspirações da nossa alma!

Pois não há vida senão este acerbo padecer? E para que nos povoou Deus o peito de tão profundos afetos e deu ao nosso pensamento tão impetuosas e encantadas esperanças de felicidade?

E vê-la — a mulher que realizaria os meus sonhos — e sentir o perfume dos seus cabelos — e escutar o frémito voluptuoso dos seus passos, o tocar levemente as mágicas pregas do seu vestido e, às vezes, sentir o seu doce e sereno olhar volver-se para o céu e não poder dizer-lhe: «Sou teu! sê minha!»

\* \* \*

E que importa? Se à noite tudo morre, para renascer no dia seguinte aos raios de sol, se a peste é um flagelo, que devasta

as populações, para as poder alimentar melhor, se as revoluções ensangüentam as sociedades, para as renovar ao sopro de ideias novas — se do pó das gerações finadas nasce a espiga que há de alimentar as gerações futuras — se a vida nasce da morte, se a morte provém da vida — que importa que a alma se devore a si mesma e se fine solitária à sombra do seu desejo?

Que importa que a lira do poeta se faça em pedaços, sem sons para entoar os cantos da sua dor, que o pensamento humano se balouce perplexo entre sistemas contrários, como o navio entre as vagas de contrários ventos, se nem os gemidos, nem os cantos, nem a oração, nem a blasfêmia, nem a crença, nem a própria dúvida, suspendem o homem sobre o abismo do seu destino?

Terá o homem de exclamar como o satanás de Milton: «Mal, sê o meu bem. — Fatalidade, sê a minha providência!»

\* \* \*

Era ao cair da tarde: o céu estava sombrio e nublado; os ciprestes no cemitério gemiam agitados pelas rajadas do vento; os túmulos meio escondidos entre as frondosas ramagens pareciam os alvos espectros dos finados, que se aqueciam aos mornos raios do crepúsculo, que se ia sumindo no horizonte.

Eu meditava, neste recinto da morte, na fúnebre tragédia que se passa entre Deus, o mundo e o homem.

Perguntava se esses restos inanimados, que os vermes devoravam, se a terra eternamente absorveria as lágrimas e o sangue de tantas gerações, privadas dos bens da vida, se a providência nos houvesse de conceder a matéria inerte por mortalha e o nada por bem-aventurança.

Se o homem, atado ao rochedo e dilacerado pelo abutre insaciável, se estorceria de contínuo, nos transidos da dor, sem ter o direito de amaldiçoar a vida e de pôr termo ao horror da morte!

E as estrelas brilharam imóveis no céu; o vento açoitou as flores da campina; e os mochos grasnaram lugubrememente, agitando as asas sobre o cimo dos ciprestes.

\* \* \*

Tal era o meu destino. Esperanças, afetos, ilusões, tudo se desvaneceu como um sonho. O culto da mulher acabou para mim, quando ela ama outro. Toda a inteligência que não se apoia na experiência e na realidade há de sucumbir como eu sucumbo. Não se encontram fontes no deserto, nem há olhos que possam afrontar o sol como os da águia.

O tipo ideal, anjo e fada, que devia abrir-me os céus num sorriso, já não existe senão dentro do meu coração, para o torturar de contínuo!

Sombra, que, na vigília e no sono, me persegue como um remorso, mas que é talvez a única consolação de uma vida sem esperança!

\* \* \*

E a sua imagem não me foge do pensamento. Uma vez senta-se ao meu lado, com um triste sorriso; outras vezes, vejo-a, com os olhos acesos de paixão, com os lábios palpitantes, aspirando avidamente as palavras de outro homem e fitando-o embebecida!

Se os mortos dormem em paz no seio da campa, porque não hão de estas recordações expirar pouco a pouco no íntimo da minha alma... Poderia talvez depois aspirar à felicidade e, como o sombrio Giaour de Byron, não diria no meu último suspiro: «Não desejo o paraíso, mas o descanso!»

É terrível a ideia de descer ao túmulo, sem um sorriso dos seus lábios, sem um olhar dos seus olhos, sem ouvir um som terno da sua voz, sem merecer uma oração fervorosa da sua alma! Nem por um momento vi florir a minha esperança, embora depois o perjúrio ou o esquecimento a afogasse em sangue ou a orvalhasse de lágrimas! É que hei de morrer sem que ela saiba o quanto a amei, quanto padeci por ela! É que há de passar pelo meu jazigo, sem lançar uma vista piedosa às flores que brotarem das minhas cinzas!

Não deploro o seu desprezo, suportaria resignado o seu abandono, perdoar-lhe-ia se me atraísse! Mas não me conheceu!

Ó grande Petrarca! ao menos a tua Laura sabia que era o ídolo da tua alma apaixonada, a musa misteriosa dos teus cantos imortais!

Às vezes, ouço uma voz severa que condena o meu desespero, que acusa o desalento de que me deixei dominar: «Sufoca esse indomável orgulho, que te devora; ama, e a vida renascerá para ti com todas suas delícias, o anjo da poesia virá outra vez inspirar o teu estro, e o mundo escutará os teus cantos.»

Ó amor, tu não habitas na terra; nem no olho negro da odalisca, que se banha nas águas como o cisne; nem no olho azul da inglesa que se fina lentamente, sem que adivinhem o que ela sente no coração. És o pomo vedado do paraíso; ai da mão que te colhe, que perdeu para sempre as ilusões; ai do lábio cobiçoso que te devora, que tem de amaldiçoar o aroma que te perfuma, o sabor que te enfeitiça!

Imagem mentirosa, que desfazes se te alcançam; flor ornada pelo pensamento, e que te desfolhas, se o pensamento te bafeja de perto; oásis fantástico, que, apenas o viajante te assoma às portas, desapareces como as nuvens açoitadas pelo vento abrasador do deserto!

\* \* \*

Só uma rosa, uma pobre flor anima a solidão em que vivo!

Talvez que estivesse unida no seu peito, que fosse embalsamada por algum suspiro, que a sua alma votasse a uma recordação saudosa!

Conterás tu porventura algum segredo inocente, algum pensamento culpado? Escutaste acaso alguma daquelas palavras apaixonadas, que os amantes proferem nos delírios do seu afeto?

Se é assim, flor, hei de arremessar-te à corrente impetuosa do rio, para te ver murcha e desfolhada, na espuma da vaga, sem beleza, sem viço e sem perfume!

\* \* \*

Ninguém penetrará nestes mistérios do coração! Desprezo a piedosa comiseração desse mundo, que, como a fera no circo, sorve o sangue que gota a gota mana das feridas do gladiador moribundo!

Não aspiro, como o Tasso, a que as minhas cinzas sejam regadas pelos prantos das gerações futuras; nem irei, como o Dante, confiar aos ecos de Florença o nome de Beatriz!

A minha lira não celebra senão os hinos da morte, quando as Bacantes, impelidas pela vertigem da embriaguez, se iam precipitar nas águas do Tibre!

\* \* \*

Ai de mim! Julieta repousa no túmulo, e Romeu de balde a pretende reanimar com os seus fêrvidos beijos!

A cotovia solta as asas e despede o voo sem saudar a aurora com o seu suave canto.

## CAPÍTULO XII

### OTELO

#### CARTA DE MAURÍCIO A D. AFONSO

Queres saber a que altares sacrifico a minha vida? Aos da dor porque este mundo é para mim o anfiteatro romano, onde devo expirar, como o gladiador antigo, no meio dos aplausos das turbas sedentas de sangue!

Não achas que o meu coração pode tornar-se para algum futuro Bichat um ótimo exemplar de estudo?

Que rios de lágrimas não hão de derramar as mulheres eruditas, quando reduzirem a versos heroicos a fúnebre tragédia que me acompanhou do berço à sepultura! Como devo figurar com glória num romance estético, ou transformado em Antony de algum pavoroso drama?

Bem vês que não me iludo. Interesse as mulheres um pouco mais do que o seu jornal de modas e um pouco menos que o seu *King Charles*.

No teatro representava-se *Otello* de Rossini, comprei à porta o direito de me extasiar diante da obra-prima do Cisne do Pesaro.

Shakespeare é o maior poeta das eras modernas, mas Rossini é-lhe superior por haver nascido na pátria de Miguel Ângelo, Dante e Leopardi.

Quando vi a Desdémona, sobraçando a harpa, pálida como as virgens de Murillo, e com a voz convulsa pela dor, vieram-me à memória os versos de A. de Musset sobre La Malibran:

*Ne savais-tu donc pas, comédienne impudente  
Que ces cris insensés, qui te sortaient du cœur  
De ta joue amaigrie augmentaient la pâleur?  
Ne savais-tu donc pas que sur ta tempe ardente,  
Ta main de jour en jour se posait plus tremblante,  
Et que c'est tenter Dieu que d'aimer la douleur?*

Bem o vês por este exemplo: nada há que melhor nos prepare para a morte do que a febre que a arte produz sobre certas organizações.

Sinto que não terei longos dias de vida. Há almas que não resistem às agonias de um amor sem esperança. Se eu não tenho alento para o arrancar do coração!... Quando somos os primeiros a reconhecer a impotência da nossa vontade de que nos vale prolongar a luta?

Foi uma noite horrível esta; o meu sangue ardia-me nas veias, e Otello não padecia mais do que eu, quando profere no 3.º ato aquelas palavras, que uma poesia admirável torna sublimes: «Como o Ponto Euxino, cujas torrentes geladas e as ondas impetuosas nunca experimentaram a ação do refluxo e se precipitam de contínuo para a Propôntide, e o Helesponto, assim os meus pensamentos sanguíneos, na sua carreira violenta, nunca mais hão de olhar o passado e refluir um amor vil, enquanto uma vingança imensa e profunda não os tiver absorvido!»

Alimentar-se-á o amor de angústias, como o Pelicano do sangue de seus filhos, e será necessário que o ciúme o venha reanimar, pois ele fenece, quando as tempestades o não bafejam, florescendo na serena atmosfera de uma fidelidade irrepreensível?

Estava absorvido no espetáculo; queria devorar aquelas notas palpitantes, aquelas encantadas harmonias e, todavia, de repente vi-os entrar a ambos num camarote e lançarem o óculo para a cena.

Não podia arrancar-me daquele lugar; fechava os olhos, e a tal aparição não me fugia do pensamento; e continuei a estar, não denunciei nem por um gesto o que sentia o coração.

Há uma certa voluptuosidade na dor, e bem se vê que a providência reconhece esta profunda analogia, quando das mesmas flores de que a víbora segrega o veneno as abelhas extraem o mel.

Quem viveu muito pelo pensamento com maior resignação sofre estas violentas comoções. Nos meus primeiros anos era tão ardente, tão devoradora em mim a ambição de glória, que a minha imaginação percorreu o ciclo de muitos destinos ilustres, que hoje não contentariam a minha vaidade; vi adejar nos meus sonhos angélicas formosuras, cujas lágrimas de amor eu devo-rei em sôfregos beijos; e quando deste mundo ideal desci para as realidades mesquinhas da vida, quando tive de respeitar preconceitos ridículos e conveniências torpes, a minha alma estava temperada, como um metal exposto ao fogo.

As deceções vieram imediatamente envenenar a minha imaginação e consumir a atividade da minha alma. Jurei então não me curvar a essas falsas grandezas, a que o mundo se prostra reverente, e conservar-me isento no meio das abjeções que me rodeavam.

Quando me encontrei, no seio da sociedade, olhei sem tremer esses que se julgam grandes, porque se veem através da sua própria vaidade. Ri-me das mulheres que converteram o amor numa loteria e que despendem a sensibilidade em eternos namoros. E, se não desprezei totalmente o vício, não o lisonjeei também, quando ele me aparecia nas magnificências de um *toilette* fascinador e conduzido numa carruagem *comfortable* e elegante.

Para que se ergueu este amor entre mim e o mundo que eu desprezava? Não me bastava o ter vivido séculos em rápidos instantes, embebecido na recordação dos meus sonhados amores?

Porque amei uma mulher, que representava, pela fortuna e pelo nascimento, as desigualdades sociais, contra as quais protesta a dignidade humana?

Otello pode amar e ser amado por Desdémona. Conseguiu arrebatá-la aos prestígios de Veneza, possuiu-a só, embalada pelas ondas do oceano, numa ilha deserta!

E que amor aquele, que rebenta impetuoso entre os transidos do mais feroz ciúme! Com que apaixonado fervor saúda ele Desdémona adormecida, e a abraça com piedosa ternura! — «Depois de haver colhido esta rosa não poderei restituir-lhe a sua seiva natural: murchará sem remédio! — O perfume do teu alento obrigaria a justiça a quebrar o seu gládio — mais um beijo — um só mais! Ficando como estás, depois de morta, hei de assassinar-te, para te poder amar depois. Dá-me um beijo — o último — beijo suave e fatal! Vejo correr as lágrimas — lágrimas de um tigre! A minha cólera fulmina a quem mais amo!»

Ora, dize-me ingenuamente, julgas que faria bom negócio, reduzindo estas confidências a um tratado de metafísica sentimental e alugando-o depois a tanto por volume?

Tinha ao meu lado aquele excêntrico M\*\*\*, que adora as mulheres tanto quanto aborrece os credores. Estava com os olhos fitos no mesmo camarote para onde eu olhava e percebeu a quem eu me dirigia.

— Cuidado, Maurício, olha que aquela flor aristocrática vai em breve ser colhida por mão que é abençoada pela sua ilustre família.

— Julgas que me dás alguma novidade! os olhos, segundo diz o catecismo, fizeram-se exatamente para ver.

— Pois o Otello não te faz descreer da vida conjugal? Julgas-te acaso menos cioso de que esse negro implacável? Se vires tua mulher *chalrando* com o primeiro tolo que a tire para par, estou seguro que os estrangularás como Otello a própria Desdémona.

— Assim me parece; é mais provável que não seja a minha principal vocação a de marido.

— Pois ainda bem que é essa a tua convicção; ganha a sociedade um grande poeta e perde talvez um insípido pai de família. Se queres alcançar isso que o mundo denomina glória, abençoa os noivos *in mente* e nunca cobices a mulher do teu próximo.

— E se um amor, ardente, profundo, invencível, me levasse a adorar aquela mulher que ali vês; se me fosse impossível deixar de amá-la, se ela se tornasse a única esperança da minha vida, a única aspiração da minha alma!

— Ótima situação, se contribuir a avivar o teu estro e se os teus pensamentos se converterem numa série de odes entusiásticas e de elegias plangentes. Nunca houve homem que alcançasse os sufrágios da posteridade por haver cumprido exemplarmente os deveres conjugais. O próprio Sócrates deve uma parte da sua celebridade a ter vivido mal com sua mulher Xeontifa. A felicidade não tem história. Recordá-te dos versos do poeta.

*Ô Muse! que m'importe ou la mort ou la vie?  
J'aime, et je veux pâlir: j'aime et je veux souffrir,  
J'aime, et pour un baiser je donne mon génie!*

— Mas o beijo, esse beijo, nunca virá adoçar os meus lábios!

Suponho que já terás lido o *Dernier jour d'un condamné*, de Victor Hugo. Tragédia horrível, que só aquela vulcânica imaginação poderia ter concebido. Lembra-te quando ele abraça sua filha, quando a cobre de ansiosos beijos, despedindo-se dela para ir morrer; e que a ouve depois soletrar num papel que é a sua sentença de morte?

Assim me acontece a mim. Não há palavra, não há expressão por inocente que não ofenda a minha sensibilidade. As palavras que troquei com M\*\*\*, em tom de gracejo, exacerbaram as minhas mágoas. Caí numa prostração quase mortal.

Quando me pude arrancar deste estado, acabara o espetáculo. Impelido pela corrente do povo, encontrei-me na porta do teatro. Pude vê-la — ver a ambos — ainda uma vez!

Contemplei-a, atravessando a multidão, com aquele seu andar voluptuoso e lânguido. Ia pelo braço dele e, absorvidos no seu amor, mal pareciam pertencer a este mundo.

Glória eterna a esta bastarda civilização, que transformou o homem numa máquina inerte, obrigando-o a rir, quando as

lágrimas o sufocam, a tornar-se amável, quando não sente no espírito senão um profundo tédio da vida!

Os autos da vida social obedecem a um ritmo impreterível. Foi neste século infame que um estadista depravado inventou o aforismo de que *o homem fora dotado de palavra para dissimular os seus pensamentos*. Quem poderia supôr que a devassidão alcançasse as honras de um aforismo moral; e que um homem não tivesse direito de ser sincero, sem se expor aos ódios e tornar-se ridículo?

E tive a coragem de me dominar. Noutras eras, em que o heroísmo não era uma palavra vã, podia lealmente arrancar a vida àquele homem, para ter o prazer depois de ver devorada a alma da mulher pelas acerbos mágoas, que me devoram o peito! Como angariaríamos na mesma morte a dor e esgotaríamos ambos o mesmo cálix!

Agora, nem mesmo lhe poderia oferecer a rosa que lhe caíra do ramalhete, dizendo-lhe com voz saída do fundo d'alma: «Conserva-a, como uma relíquia de um afeto que será eterno, e sê piedosa para quem não mereceu o seu triste destino!»

Eu conheço demais a sociedade em que vivo. O seu culto pelas ideias generosas é uma solene hipocrisia apenas. Para os espíritos fortes, Werther é um louco, René um miserável maníaco, St. Preux uma criatura que não vale um dedo de M. Turcaret ou de Harpajon!

Estas contradições hão de se expiar no futuro. A serpente, depois de saciada, há de rebentar com horrível explosão. Esta subserviência às mais ruins paixões terá um termo. Os homens deixarão de ser mais vis que os vendilhões do templo. As mulheres, reabilitadas pelo sentimento da sua própria dignidade, deixarão de ser odaliscas que o ouro compra.

A civilização, que corre desenfreada como aquele cavalo que conduzia Mazepa através dos *steppes* de Ucrânia, há de precipitar-se nalgum misterioso e insondável abismo.

As aras sacrossantas do matrimónio são um mercado infame, onde se prostitui o corpo e a alma. Trafica-se com os sentimentos.

E quando o povo, seguindo tão funestos exemplos, quizer satisfazer as suas brutais necessidades, ninguém poderá opor-se à sua devastadora torrente...

Toda esta visão deliciosa se esvaeceu como um sonho. Encontrei-me sozinho nos arredores, no seio de um fúnebre silêncio. Oh! perdoa! — um cruel pensamento me acometeu o espírito. Desejei que algum daqueles violentos abalos, que perturbam as sociedades, de repente se manifestasse, para poder perder a vida sem recorrer ao suicídio. O acaso havia de favorecer-me; e talvez que assim alcançasse o meu quinhão de glória.



## CAPÍTULO XIII

### A ROSA ENSANGUENTADA

#### CARTA DE M\*\*\*

Escrevo-te esta carta, trespassado pela dor mais violenta. Maurício escapou à morte, por um acaso milagroso, e a sua vida ainda dá receios.

Só tu, que lhe dedicas uma extremosa amizade, podes compreender a nobreza da alma e o quanto ele seria digno da felicidade. Não me dirijo a esses espíritos mesquinhos, que, embebecidos na torrente do gozar animal, morreram para todos os sentimentos generosos! Invejemos a sorte dos que nunca sentiram a alma devorada pelas paixões e que a mais leve esperança de fortuna torna ditosos.

Embora denominem louco ao homem que se não resigna a viver uma vida meramente positiva, esses são os grandes génios que regeneram a humanidade e que a podem conduzir à terra da promessa.

Maurício amava uma mulher e era orgulhoso. São sentimentos que hão de existir sempre em perpétuo antagonismo. O oceano revolto pela tempestade não pode adormecer tranquilo nas vastas areias de uma praia deserta.

Fui eu talvez o seu mais extremo confidente. Tentei distraí-lo, mas o golpe que o atravessara era profundo. Abraçando

a própria dor junto ao seio, como uma amante extremosa, cada vez mais penetrava nessas sinistras regiões, onde se acha consolação no sofrimento!

Previ o que havia de acontecer. Platão mostrava-se um grande político quando expulsava da república os poetas e artistas. Aquelas doenças morais não se curam na abrasada atmosfera que os nossos pulmões respiram.

O que nenhuma tirania pode exigir de nós é que abençoemos a mão que nos fere e respeitemos o teto que nos repeliu.

Para esses talentos, que vivem da sua própria substância, que se coroaram de glória e se veem abrasados de amor, longe da sociedade, o menor espinho se converte em profunda chaga.

Quando Maurício soube que Madalena se ia casar toda a sua coragem o abandonou. De furioso tornou-se alucinado, de alucinado louco.

Fui ter com ele. Não devia abandonar um amigo, em tão penosa situação.

Tremi ao ver o sossego, a serenidade com que me recebeu. A não observar nas rugas profundas que lhe sulcaram o rosto, a realidade dos seus sofrimentos, parecia uma ilusão o seu tormento.

Encontrei-o deitado na cama, fumando no seu cachimbo, com um livro semiaberto.

Era o *Jocelyn* de Lamartine. Maurício leu-me em voz alta os seguintes versos:

*Et puis le demi-cœurs et les faibles natures  
Meurent du premier coup des moindres blessures;  
Mais les âmes que Dieu fit d'un acier plus fort,  
De l'ardeur du combat vivent jusqu'à la mort;  
De leur sein déchiré leur sang en vain ruisselle,  
Plus il en a coulé, plus il s'en renouvelle;  
Et souvent leur blessure est la source de pleurs,  
D'où le baume et l'encens distillent mieux qu'ailleurs.*

— Não procures lenitivo aos teus males em falsas analogias — disse eu —, pede-o a ti mesmo, à dignidade do teu caráter, à esperança de poderes algum dia fazer compreender a essa mulher o que podes e o que vales!

Deu uma risada nervosa, que me fez estremecer.

— Que falas tu aí de esperança e de glória, homem? Pensas que sou uma criança, para acreditar em bruxas? A glória é uma fazenda avariada, de que ninguém faz caso, no nosso século; a glória é fazer romances, como Eugénio Sue, em dez volumes, para ser servido de criados de casaca e luva branca; é Victor Hugo transformando as odes e os dramas em palácios sumptuosos. Quando a glória se não converte em dinheiro, se não reduz a um valor comercial, é uma verdadeira decepção.

— Para que exageras os vícios da nossa sociedade? Se és infeliz, isso não te dá o direito de seres injusto para com essas instituições e ideias, que devemos respeitar, para que nos não esmaguem e fulminem!

— Mas tu falas-me como se acreditasses na glória, como se a julgasses digna de um culto desinteressado e modesto, e não uma das forças económicas com que se domina o vasto mercado social.

Deixou cair então a cabeça com desalento sobre o travesseiro, tornando-se mais pálido ainda.

Contemplando-o, à luz trémula do candeeiro, podia-se avaliar quão rápida havia sido a decomposição física, que os seus padecimentos morais lhe haviam produzido.

O seu rosto estava completamente desfigurado: os olhos brilhavam-lhe com o ardor da febre; rugas profundas sulcavam-lhe a fronte e vinham cruzar-se-lhe nas fontes descarnadas.

Começava a nascer o dia, e os primeiros clarões do crepúsculo, iluminando-lhe a fisionomia, mostravam quão penosa devia ser a luta empreendida entre o seu orgulho indomável e as suas paixões exaltadas.

— Vamos sair — disse ele depois de momentos de silêncio —, quero respirar este ar fresco da manhã, que acalma a febre,

como provou Broussais, e restaurar-me respirando a suave brisa da primavera.

Partimos ambos, e dir-te-ei que eu caminhava no meio da cidade, com aquela vaga inquietação, que se experimenta quando o nosso repouso é perturbado por um pesadelo.

Maurício lançara sobre os ombros um capote, e parecia assim um personagem doutro século: uma das vítimas do tribunal da inquisição no sinistro reinado de Filipe II.

É uma hora melancólica a hora do nascer do dia, não menos melancólica que a do ocaso: nos dois extremos, a mesma dolorosa impressão se produz no nosso espírito.

Vimos aberta uma igreja. Entrámos. Senti estremecer Maurício e limpar o suor que lhe corria em bagas pelo rosto abatido.

— Fatal coincidência! Foi aqui que a vi pela primeira vez — disse-me ele ao ouvido em voz tão sumida que parecia articular as palavras com o sopro.

Ouvimos depois o rodar de algumas carruagens e sair da sacristia um padre, e alguns convidados, e, no meio deles, Madalena vestida de noiva, mais bela, mais fascinadora do que nunca.

Maurício retirou-se terrivelmente comovido.

Quem podia prever que, por um daqueles casos misteriosos, que se não compreendem, o pobre mancebo havia de assistir à ruína das suas esperanças, e esgotar o cálix até às últimas fezes!

O noivo entrara depois, radiante de felicidade.

— Retiremo-nos — disse eu tomando-lhe o braço...

Olhou para mim sem me ouvir e respondeu-me com voz pausada:

— Hei de ficar até ao fim!

Nada presenciei do que aconteceu depois. Parecia estar sonhando.

A cerimónia acabou. Respirei como se me houvesse arrancado do peito uma montanha.

Quando saímos era sol nado. A cidade acordava do seu repouso. Crescia o burburinho. A população ia entregar-se, como Sísifo, ao suplício de um trabalho incessante.

Maurício continuava impassível. Era o rosto de Laocoonte, debatendo-se entre os anéis da serpente.

A carruagem partiu num despedido galope, e os cavalos, tomando o freio nos dentes, desapareciam à nossa vista.

Uma voz cheia de angústia deu um grito penetrante.

Era a voz de Madalena. Maurício lançou-se diante da carruagem. Os cavalos estacaram. Ele caiu ferido, a alguns passos de distância.

Quando o pude socorrer, achei-o moribundo. A espuma branca da agonia manchava-lhe os lábios.

Madalena desceu e caminhou para o sítio onde estávamos; a sua bela fisionomia, onde o susto e a piedade alternativamente dominavam, davam-lhe o aspeto do anjo da melancolia.

Julgo que o reconheceu. As rosas de um súbito pudor purplearam-lhe as faces. Talvez que, naquele momento solene, ela adivinhasse o segredo do seu amor.

— Há esperança de o salvar, não é assim? — disse ela com uma voz repassada de angústia.

Maurício, ouvindo-a, deu sinais de vida. Abriu os olhos e tentou falar; depois, conhecendo que os seus esforços seriam baldados, levou a mão ao peito e entregou-lhe uma rosa manchada de sangue.

Madalena olhou para a flor, com doloroso enternecimento; depois interrogou-me com os olhos; quando ela se afastou, corriam-me as lágrimas em fio pelo rosto.

Disse-me um adeus melancólico e partiu. Não me resta quase nenhuma esperança. A vida do homem é muito frágil para poder lutar conjuntamente contra a agonia física e o desalento moral.

Conservará ela aquela relíquia, símbolo de um amor extremo, e de uma dedicação sobre-humana.

O céu a torne feliz!



## CAPÍTULO XIV

### A ARTE E O CORAÇÃO

**Paulina seguiu a carreira do teatro**, e as artistas são horríveis e deliciosas criaturas. Às vezes, tornam-se poéticas como os caracteres que o seu talento imita; outras vezes, vis e desprezíveis, como essas mulheres sem nome, que especulam com a formosura.

Explicai-me como é que a Ofélia, criação vaporosa e encantada de um génio sublime, com as suas vestes brancas, símbolo da inocência do coração, coroada com aquelas agrestes flores, apanhadas na campina e nos rochedos do oceano, se transforma depois num ser caprichoso, inconsequente, ávido e devorado pelos vícios mais hediondos!

Como é que aquela voz, que ainda há pouco vibrava com as explosões de um amor exuberante, ou de uma cólera augusta, repete daí a horas finezas sensabores a um peralvilho, ou insípidas obscenidades; ou procura acender os desejos para satisfazer um capricho.

Fenómeno que assusta, que maravilha o entendimento: a atriz inspirada e elegante no tablado é insensível no camarim; ides saudar Desdémona, que se roja aos pés de Otelo, inocente, e sublime de terror, e às vezes nem mesmo encontrareis *une fille de marbre*.

E não se duvide que a arte é um dos cultos que mais engrandecem o espírito humano; e podemos acreditar que as palmas são a homenagem mais digna que se presta ao talento.

Talvez as almas se depreciem em lutar com o ideal. Talvez que o coração de artista se arrefeça e se anule, devorado pelas emoções da cena.

Nem sempre assim acontece, para glória da espécie humana. *Não! admirável Talma! Não! imortal Malibran!* O entusiasmo que vos devorava, quando, César, te coroavas com os louros da vitória, quando, Desdémona, te estorcias nas agonias do teu amor aviltado, ardia-vos realmente no íntimo d'alma!

Uma feliz apropriação não é o talento. Algumas frases, que partem dos lábios por involuntário instinto, não dão à mediocridade o sentimento da arte.

Paulina era a artista favorita do público. Havia na sua alma e no seu corpo aquela ardente voluptuosidade, que faz a alegria e o tormento do homem. As decepções do seu amor haviam inspirado a sua vocação artística. Os homens não cessavam de a aplaudir; as mulheres da sociedade, que às vezes não são menos atrizes, no sentido odioso da palavra, exaltavam o seu talento, caluniando a sua reputação.

E era assim. Nenhum sentimento nobre vivia naquela alma. O seu coração extinto apenas continha uma saudade: vendia-se, mas não podia amar.

Era longo o capítulo das suas relações torpes: comprazera-se em ultrajar o afeto de mais um homem verdadeiramente apaixonado abandonando-o sem piedade. Assim estudava as paixões, já há muito mortas na sua alma. As mulheres, quando atingem um certo grau de depravação, são de uma crueldade inaudita. Se Deus lhes concedesse a onnipotência de Nero, mais de uma vez iriam sobre a colina ver arder Roma.

Como é que ela, prevertida pelos mais infames amores, se recordava ainda dos momentos em que era feliz, entregue a um afeto mais nobre!

É que, mesmo nos caracteres degenerados, não se extingue de todo o desejo de adoração; é que não há rio, por mais caudaloso e lodacento, que não deixe na sua esteira uma flor que se agita suavemente entre as águas revoltas.

Pode-se não crer no futuro, é impossível esquecer o passado; pode-se desvanecer toda a esperança, mas nunca apagar a saudade.

Paulina, quando soube da catástrofe acontecida a Maurício, resolvera aproximar-se dele, embora não tivesse recebido dele o perdão.

A artista sublime, coroada pelos louros da cena, ia descer até ao humilde albergue onde agonizava, no seu pobre leito, um poeta solitário e moribundo.

A casa era o epitáfio do seu miserando destino. Sem vidros, sem reparos, exposta à intempérie das estações. A água-furtada de Gilbert era um palácio à vista da nudez daquele aposento.

A sua fisionomia não parecia pertencer a um ente vivo. O seu olhar é que parecia absorver a luz e devorar o espaço.

Paulina era rindo uma mulher formosa. A devassidão não a tinha gasto de todo. Parecia a Friné banhando-se nas águas do golfo de Corinto.

Os seus olhos, de uma languidez lasciva, possuíam aquele poder, a que nada resiste, e que, desde Aspásia até Marion Delorme, domina os mais isentos caracteres.

D. Afonso lia à cabeceira e de vez em quando suspendia a leitura, para observar os movimentos do enfermo.

— Ainda bem que te não esqueceste de mim! Ser-me-ia doloroso o não poder dar-te este último adeus; para ninguém fui mais culpado que para contigo; devo portanto pedir-te perdão às beiras do sepulcro.

— Como é possível que um homem tão moço morra neste abandono! hás de viver! quero que vivas! — E Paulina beijou freneticamente as faces descoradas de Maurício.

Ele afastou-a suavemente e disse:

— Os anos nada valem, quando, não o corpo, mas a alma está ferida!

— Não há esperança! Não há nenhuma esperança! — bradou ela com os olhos cravados em D. Afonso.

D. Afonso abaixou os olhos com desalento.

— Bem vêes a resposta: era louco se me não resignasse à morte.

Paulina caiu quase desmaiada cobrindo o rosto com as mãos.

— Não escondas o rosto — a morte nada tem de penosa — é uma lei fatal, todos a ela estão sujeitos.

E Maurício, meio delirante, repetiu o terrível monólogo de Hamlet: «Ser ou não ser, é esta a questão: se é mais doloroso à alma sustentar os assaltos, e receber os pungentes golpes da cruel fortuna, ou armar-se contra um oceano de paixões tumultuosas, e dar-lhe fim, combatendo-as? Morrer é dormir, nada mais; e dizer que um sono põe termo às penas do coração e às mil dores que a natureza deu por apanágio a esta carne. É um desfecho que se deve ardentemente desejar. Morrer — dormir — dormir! — Sonhar talvez — é esse o problema. Que sonhos povoarão este sono, onde nos despiamos do nosso invólucro terrestre! Eis o que suspende; eis o pensamento que faz que os sofrimentos tenham uma longa duração...»

Medonho era aquele espetáculo. D. Afonso ergueu-se de pé, para contemplar a agonia de Maurício.

Paulina caiu de joelhos e orou.

Um silêncio fúnebre sucedeu àquele hino do ceticismo na agonia.

Ouvia-se apenas o respirar ansioso dos peitos oprimidos pela onnipotência daquele problema, que só a fé pode resolver, nas suas sublimes aspirações.

— Não estejam tristes, meus amigos — disse Maurício —, sobretudo ouvindo um trecho de tão bela poesia. Lembrem-se que o grande e infeliz Mirabeau, antes de expirar, pediu que o coroassem de flores, para adormecer no seio do nada.

— Modera-te, Maurício — disse solenemente D. Afonso —, não se zomba com a morte!

— É que eu a quero receber, digno da reputação que me fizeram; sou um louco, e bem mereci este nome, quando usei tão mal dos dias de vida que Deus me concedeu!

O homem da rua da Mouraria, ignóbil agente da viscondessa, apareceu à porta.

Vinha exigir a sua dívida. Era o símbolo do egoísmo social, que perseguia, às beiras do sepulcro, o talento infeliz.

D. Afonso ficou indignado por tal audácia. Paulina desviou o rosto com horror. O homem sentou-se sem dizer palavra.

A fisionomia do malvado parecia saborear com delícias a vinhaça, de que fora instrumento.

Dirigiu-se para Maurício e disse-lhe:

— Não posso esperar mais tempo pelo meu dinheiro. Não lhe aceito nenhuma desculpa. Pague-me, e morra depois se quiser.

— Bem vê que é impossível! — disse Maurício com um suspiro.

D. Afonso continha a custo a sua cólera. Paulina chorava em silêncio.

— Pode-se ir embora — disse D. Afonso —, comprometo-me a pagar esse dinheiro, e a minha palavra julgo que basta.

— Perdão, meu senhor, não tenho a honra de o conhecer. Se esta menina fica por fiadora, isso lá me pareceria mais seguro.

Houvera tanto cinismo naquelas palavras que as faces descoradas de Paulina se tingiram de inflamado rubor. Depois atirou-lhe uma bolsa, e o aposento ficou livre da sua presença.

— Bem vêes com que resignação suportei este último golpe — disse Maurício. — Veio o ouro de uma mulher salvar a honra de um homem. É um resgate que me não desonra. Não tinha braços para o trabalho, e o meu corpo está desfeito demais para poder ser vendido num teatro anatómico.

— Perdão! perdão! — disse Paulina.

— Não careces de perdão. Deus ao contrário te recompensará a boa ação que fizeste.

— Compreendo a tua dor, mas não mereço o teu desprezo. Aquele ouro é mais que o meu sangue, é a minha infâmia!

— Cala-te, Paulina, sou eu que deveria implorar de joelhos o teu perdão, porque sem o meu fatal influxo serias — quem sabe — uma esposa afetuosa — uma mãe extremosa — um anjo destinado a consolar os tristes cá na terra! Não abrases a alma nesses ávidos sonhos de desenfreada sensualidade; vê como eu expiro sem esperança. Afonso — disse Maurício dirigindo-se ao seu amigo —, hás de entregar a Madalena essa carta. Saiba ao menos que morri por ela.

— Juro que hei de cumprir a tua derradeira vontade e que a tua memória há de existir sempre viva no meu coração!

Momentos depois, Maurício era um cadáver.

— Está morto! — bradou D. Afonso com um grito de suprema angústia.

Paulina orava pela alma do infeliz.

## CAPÍTULO XV

### ÚLTIMAS CONFISSÕES DUM DOIDO

**À hora em que lançardes os olhos** sobre estas linhas, terei eu deixado de pertencer ao mundo dos vivos.

Perdoai-me, se as minhas palavras vão ofender o vosso pudor imaculado. Se eu involuntariamente profanar essa mansão de inocência e de paz com pensamentos que nem em sonhos vos perturbaram o espírito!

Este único, este supremo amor, da minha vida, que nasceu espontâneo como as flores, nas margens dos serenos rios, que se tornou a glória e o tormento do meu agitado existir, pode gemer, antes da morte, um cântico de suprema dor.

Amar uma hora, um instante, eis a única aspiração que nos aproxima de Deus, que nos pode fazer compreender essa felicidade etérea, de que gozam os eternamente bem-aventurados.

Embora o nosso coração palpite orgulhoso, quando elevados pelo estudo às regiões da mais alta ciência, essa impressão fugitiva é acaso comparável ao *extasis* que de nós se apodera, quando pela primeira vez nos palpita o coração, ao influxo de um suave sentimento...

Bem sei que nada do que vos digo poderá nem levemente impressionar a vossa alma cândida. E demais conheço que não

posso sobreviver a este golpe. Quando na vida morre a esperança, a morte vem breve, e o sepulcro após ela.

Que quereis? Sobre mim pesava a mão tremenda da fatalidade. Estava escrito no céu que eu abandonasse a vida sem que vivesse uma hora nos braços de uma mulher, devorada do amor que eu sentia, que acreditasse, como eu, na eternidade dos juramentos, que se proferem quando o coração antevê a felicidade.

Estar tão de perto da felicidade e ter de regar com pungentes lágrimas o túmulo da minha esperança!

E depois, sabeis acaso o que é um homem repetir a si mesmo — é o meu último amor? Lembra-vos, no belo drama de Dumas, esse Henrique Muller, devorado por uma doença implacável, que esmaga com violenta cólera os arbustos que se lhe levantam debaixo dos pés, cheios de vigor e de vida?... Mas a tísica moral!... mas quando um homem tem de invejar o ramo seco, que se despedaça ao sopro da tempestade, a flor mimosa que se desfolha às carícias da aragem... um homem ter de bater no peito para dizer: «Aqui não vive senão um acerbo padecer, não reverdece nem uma ilusão, nem uma esperança!... aqui não habita nem uma saudade pura, ingénua, uma recordação santa da mulher que amei!»

E que imenso, que vasto coração calcou esse mundo aos pés! Saudei, como Napoleão, os quarenta séculos decorridos sobre as pirâmides indestrutíveis; tive nas mãos, como Pitt, os destinos de um grande império; vi-me coroadado, como Byron, do cipreste imortal, colhido nas margens da Grécia livre; senti nos lábios, como feliz Abeillard, os extremosos e puros beijos de Heloisa, e foi assim que a minha alma se sentiu débil para viver no mundo, depois de se ter idealmente saciado em tão esplêndidas glórias?

A vontade expira, nestas delícias de imaginação; a fé e o entusiasmo já não podem reviver, e o homem só pode existir feliz na mais humilde obscuridade.

E depois não há peito honrado que possa respirar esta atmosfera de abominação, e de mentira. Essa sociedade licenciosa e ímpia prostra-se nos templos, e faz sermões de moral nas salas, onde se entrega a todas as delícias da vida, e deixa depois expirar

de fome à porta do seu palácio o seu irmão vergado pela dor, e mártir do trabalho.

Acaso o anjo que voa nos espaços etéreos pode escutar a voz do humilde mortal, que a desventura faz delirar? E todavia seria para mim uma consolação infinita o saber que a minha existência na terra não passou por vós despercebida, que a minha imagem poderá, alguma vez, perpassar pelo vosso pensamento...

Por vós aspirei à glória, e todavia reconheci que era apenas uma estátua fria, e inanimada, que converte em duro mármore os que dela se aproximam!



## CAPÍTULO XVI

**O bom homem de Laplace** ao ver representar uma das mais belas tragédias de Racine, perguntou no fim com admirável ingenuidade: *Qu'est-ce que cela prouve?*

Um romance, que se escreve a correr, entre um artigo de fundo e a insípida leitura de algum relatório ministerial, merece seguramente a mesma interrogação.

Que vale a pequena fração dos padecimentos de um homem, no seio desta vasta síntese em que se empenha a humanidade? A alma dum poeta afogando-se neste oceano, sempre tempestuoso, de uma sociedade, que se transforma, pode acaso modificar as tendências que dirigem as evoluções do mundo moral!

Esta opinião, um pouco metafísica, foi unanimemente abraçada pelo ilustre areópago, que se constituiu em júri para discutir, e fazer a análise ao mesquinho romance — *Memórias dum Doido*.

O autor assistia em pessoa a esta memorável sessão literária, procurando elucidar a sua inteligência pela imersão de algumas chávenas de café e aspirando o perfume de detestáveis charutos, que deixariam a perder de vista, na ruim qualidade, os que A. Karr maldizia nas suas *Guêpes*. Entre os presentes, contava-se um folhetinista aposentado, fêrvido admirador da prosa de D. Francisco Manuel de Melo e dos seus expressivos anexins.

— O teu herói é realmente absurdo — disse T\*\*\* apertando entre os dedos um cigarro. — Quem lhe meteu na cabeça que a república era o belo ideal dos governos!? Acaso pode ela como Luís XIV edificar os aquedutos de Maintenon, à custa de milhares de vítimas? Despender, como Catarina II, quatrocentos e quarenta milhões em subsidiar esfalfados amantes? Ou manter a ordem, como Napoleão, à custa de seis milhões de francos e de um milhão de homens sacrificados na guerra? A república, o mais a que se atreveu foi a decepar meia dúzia de cabeças de cabeleira e polvilhos, e a diminuir a altura, graças ao *talon rouge*, dos antigos *roués* do feudalismo.

— Confesso-te que se o teu romance contém alguma originalidade — disse outro — é porque realiza a epígrafe de George Sand no seu *Aldo*: «Não há ninguém que não faça o seu pequeno Fausto, o seu pequeno D. Juan, o seu pequeno Manfredo, ou o seu pequeno Hamlet, à noite, ao pé do fogão, com os pés descalços de mui bons chinelos.»

— De mais a mais, é evidente que os romances de M. d'Arlinecourt desceram no mercado, e que as Amandas e Óscars, de novela inglesa, causam suores frios aos mais corajosos leitores. Este romance é para as letras o que um prato de salada de camarão é para a gastronomia. Abre o apetite, e não faz peso no estômago. De quantos se pode dizer o mesmo!

— E além de tudo — exclamou C\*\*\* —, fazendo de Maurício apenas um herói em perspectiva, compreendeste as exigências do século, pouco favoráveis a esses grandes abortos da natureza humana. O heroísmo, afinal, é a cousa mais incómoda que se conhece. Não contente em se atormentar a si, alimentando-se de vagos e arrojados sonhos, perturba de vez em quando o mundo, com arrojadas empresas. Napoleão, graças ao parvo entusiasmo que soube inspirar à França, converteu-se num grande ganhador de batalhas, e no mais incansável consumidor de homens. Quanto à França não devia ufanar-se de possuir à frente dos seus destinos um daqueles velhos tipos da história antiga!

— É verdade! tens razão! — exclamou L\*\*\*. — O heroísmo só se consente em música, desfaz-se então em grandes trovoadas de *contraponto*... Acaso Beethoven não é a imaginação mais poderosa que há muitos séculos tem aparecido? Se os alemães fazem dele um Wallenstein, não deixaria em sossego a Europa; infelizmente, procurou um derivativo aos furores vertiginosos do seu estro; entornava uma certa quantidade de garrafas do Reno, na famosa taberna do *Chat qui File*, em companhia de outro génio não menos eminente e não menos amigo de Baco — o conselheiro Hoffman dos *Contos Fantásticos*.

— Os músicos, esses é que compreendem o amor! Vejam que organizações onnipotentes são Liszt e Chopin.

— Francamente — disse um poeta —, o teu herói é um ente insuportável! O destino tinha-o feito para cicerone daqueles célebres viajantes, carregados de *bank notes* e de *spleen*, que passeiam de casaca e luvas brancas, pelas ruínas de Pompeia. Com que sentimento e bela pronúncia italiana não diria ele: — *Ecco la casa di Diomede, sepolto nella cinere del Vesuvio, ottanta anni doppo Jesu-Christo. — Ecco la bottega o cafe, dove gli Romani pigliavano sorbetti doppo pranço. — Ecco il tempio della Fortuna Augusta*, e muitos outros *eccos* de distinta recordação.

E o mavioso cantor das margens do Tejo afogou este trecho de eloquência, sorvendo com admirável nitidez um copo de aguarrás, condecorada com o título pomposo de *genebra holandesa*.

— Isso agora é verdade — respondeu o autor —, mas protesto contra qualquer aproximação que queiram fazer entre mim e o meu livro... Acaso Goethe não morreu, numa idade muito razoavelmente propecta, fazendo mesuras diplomáticas numa dessas cortes microscópicas de Alemanha? Charles Nodier, o autor do *Sbogar*, andou algumas vezes na sua vida tentando a existência dos heróis da estrada? O pobre homem expirou, acho eu, entre uma *Flora* monstruosa e uma importuna memória de Champollion sobre os hieroglíficos egípcios. *Requiescat in pace!*

— Mas para que escreveste então essas estiradas dissertações sobre metafísica de sentimento?...

— Eu podia dizer que deviam isso a uma muito vulgar preocupação financeira; mas não é verdade... Escrevi, porque nada há mais cómodo do que navegar idealmente no *fleuve du tendre*...

Um dos poetas abriu a boca de modo tão injuriosamente natural que me expirou a voz na garganta de despeito.

— E qual é a conclusão que tiraste? — atalhou o crítico com incrível animação. — Vieste provar, mais uma vez, que o ceticismo é a única situação filosófica do espírito, que o talento está em reação contínua contra as forças políticas e sociais que o comprimem, que a religião do sentimento ou morre com a vida ou se destrói com a experiência? Isso é velho, mais velho do que os vapores dessa planta, que tu fumas com uma voluptuosidade pacífica.

— Que ridículo sermão de lágrimas — bradou o folhetinista, dando uma acentuação cómica às palavras — para fazeres no fim a apologia do orgulho! Quem está em cena? O inevitável poeta, que maldiz tudo, que se rebela contra tudo, que se irrita, que protesta, que se incomoda com tudo. Criaste um cão Cérbero da civilização, ladrando em eternas páginas e amando em períodos incomensuráveis. Quem discute assim o que sente não se sabe se sente para discutir, ou se discute para sentir!

— E deixaste o inconsolável Afonso, estacado diante do leito do moribundo! — disse um.

— E abandonaste a saudosa Paulina, olhando com os olhos arrasados de lágrimas a face desfigurada de Maurício; e não nos disseste se foi multada nesse dia por faltar ao ensaio! — disse outro.

— E Madalena, leu a carta, e conservou a rosa?

— Meus senhores, eu tenho um amigo, cético como um filósofo do século XVIII, e que declara, ingenuamente, que toma ares pelo mundo, e que não vale a pena de conduzir muita bagagem e de acumular muita ciência, para se arrastar monotonamente neste vale de lágrimas. Pediu-me que lhe pusesse à disposição

um dos personagens do romance, e que dependesse dele o seu destino. Era um capricho de leitor *blasé*. Condenou-mo à morte: matei-o. Querem que lhe realize o mesmo desejo? D. Afonso solicita uma candidatura e, no intervalo, vê crescer o *abdómen*. Paulina canta nos coros de um teatro, e esconde com alvaiade e vermelhidão as rugas prematuras de uma vida desordenada. Madalena ensina, ao que parece, a *salve-rainha* a três ou quatro encantadoras crianças, que amotinam a casa e enchem de delícias os respeitáveis autores de seus dias. Quanto à viscondessa, se querem a todo pano que arranje a tudo uma solução, dir-lhe-ei que desgasta diariamente alguns rosários, e que ouve irrevogavelmente a missa das oito.

Eu sou generoso, e sei condescender com os desejos dos meus amigos.

E acendi o meu quinto charuto, com aquela deliciosa soberania dum criador em *leitura*, *interduo* e *pandecta*.

*Ecco ridente il cielo,  
Già spunta la bella aurora.*

Entoou um dos convidados com pronunciada entonação. Este princípio da ária do *Barbeiro de Sevilha* quer dizer que, quando um autor finaliza um romance, com uma tão condescendente facilidade, e são horas de ir para o teatro, paga-se o consumo e caminha-se gravemente para a *estética* e *plástica* duma representação.

Sáiram todos e eu *estenografei* esta sessão, em que nada se concluiu, como acontece a quase todas as sessões deste mundo.



## Índice



- 7 Nota prévia
- 11 Nota bibliográfica
- 17 Introdução

### **Memórias dum Doido**

- 33 Prólogo da segunda edição
- 35 Capítulo I A Procissão de *Corpus Christi*
- 43 Capítulo II *Lasciate ogni speranza, voi che entrate*
- 51 Capítulo III Amor numa água-furtada
- 63 Capítulo IV Sorrisos e lágrimas
- 73 Capítulo V Desenganos
- 83 Capítulo VI Para que serve uma camélia?
- 91 Capítulo VII Anjo, mulher e demónio
- 99 Capítulo VIII Noites de abril
- 107 Capítulo IX Ceticismo
- 115 Capítulo X A política no toucador
- 123 Capítulo XI
- 131 Capítulo XII Otelo
- 139 Capítulo XIII A rosa ensanguentada
- 145 Capítulo XIV A arte e o coração
- 151 Capítulo XV Últimas confissões dum doido
- 155 Capítulo XVI











**António Pedro Lopes de Mendonça**  
**MEMÓRIAS DUM DOIDO**

*Memórias dum Doido* é um relato de atualidade inserido na tradição romântica, mas abrindo-se já à crónica de costumes, na linha da novelística balzaquiana e do chamado romance contemporâneo, anunciando o realismo de costumes. A história do protagonista Maurício traz consigo o tempero dos destinos que, em plena sociedade burguesa e liberal, afirmam ideais amorosos interpretados com grande efusão sentimental e envolvendo, neste caso, três figuras femininas. Para além disso, o trajeto de Maurício leva-o à vivência de conflitos decorrentes da sua incapacidade de lidar com o materialismo de uma sociedade com a qual o idealismo não pode pactuar.

**C** CAMÕES  
INSTITUTO  
DA COOPERAÇÃO  
E DA LÍNGUA  
PORTUGAL  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ISBN 978-972-27-2896-6



9 789722 728966

**M** IMPRENSA  
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO